



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
TECNOLÓGICA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

LUÊNISON LUÍS MESQUITA DE OLIVEIRA

**DA GRAMÁTICA PARA O DISCURSO: ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO “TOMA-TE”
FALADA NA CIDADE DE SANTARÉM-PA**

**Santarém-PA
2024**

LUÊNISSEON LUÍS MESQUITA DE OLIVEIRA

**DA GRAMÁTICA PARA O DISCURSO: ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO “TOMA-TE”
FALADA NA CIDADE DE SANTARÉM-PA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Oeste do Pará, como requisito da obtenção do título de mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Ediene Pena Ferreira

**Santarém-PA
2024**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

- O82g Oliveira, Luênisson Luís Mesquita de
Da gramática para o discurso: análise da construção “toma-te” falada na cidade de Santarém-PA / Luênisson Luís Mesquita de Oliveira. – Santarém, 2024.
102 p. : il.
Inclui bibliografias.
- Orientadora: Ediene Pena Ferreira.
Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Letras.
1. Gramática das Construções. 2. Funcionalismo. 3. Linguística. I. Ferreira, Ediene Pena, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 469.5

LUÊNISSON LUÍS MESQUITA DE OLIVEIRA

**DA GRAMÁTICA PARA O DISCURSO: ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO “TOMA-TE”
FALADA NA CIDADE DE SANTARÉM-PA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Oeste do Pará, como requisito da obtenção do título de mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Ediene Pena Ferreira

Conceito: Aprovado

Data de Aprovação: 01 / 03 / 2024

Documento assinado digitalmente
 **EDIENE PENA FERREIRA**
Data: 05/03/2024 16:10:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Ediene Pena Ferreira
Orientadora – Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)

Documento assinado digitalmente
 **SILVIA CRISTINA BARROS DE SOUZA HALL**
Data: 05/03/2024 15:55:49-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Silvia Cristina Barros de Souza Hall
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)

Documento assinado digitalmente
 **ELIANE PEREIRA MACHADO SOARES**
Data: 06/03/2024 12:53:54-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Eliane Pereira Soares Machado
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA)

À minha mãe, Rosinete Cruz Mesquita, que abdicou de sua vida pelas vidas de seus filhos.

A pessoas muito importantes que fizeram parte do meu convívio e da minha construção social: meus avós maternos, Luiz Francisco de Mesquita (*in memoriam*) e Maria Auxiliadora Cruz Mesquita (*in memoriam*); meus tios queridos, Maria de Jesus Cruz Mesquita (*in memoriam*), Maria do Socorro Cruz Mesquita – Tia Coca e minha madrinha de batismo (*in memoriam*) e Francisco Tarcísio Cruz Mesquita (*in memoriam*).

A todos que acreditam no poder transformador da educação.

AGRADECIMENTOS

À professora Doutora Ediene Pena Ferreira, orientadora que transcende sabedoria e segurança por meios das orientações. Professora que influenciou minha história desde 2014, época em que ingressei na Universidade Federal do Oeste do Pará por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – Ensino Médio (PIBIC-EM). Com o passar dos anos criamos uma relação respeitosa e de amizade, não foram poucas as vezes que segurou em minha mão para eu não desistir. Por todo cuidado e carinho, minha eterna gratidão.

À Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisa, FAPESPA, pela bolsa de estudo recebida durante o curso.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras, PPGL, pela bolsa de apoio à dissertação.

À coordenação do programa, por serem sempre solícitos e empáticos na resolução de problemas.

À professora Doutora Silvia Cristina Barros de Souza Hall, uma grata surpresa, tornou-se amiga e hoje faz parte da banca examinadora deste trabalho. Pelas contribuições e sugestões, minha gratidão.

À Professora Doutora Eliane Pereira Soares Machado, pelas sugestões e cuidado com o trabalho desde o exame de qualificação.

Aos professores do PPGL que ministraram disciplinas durante o curso, pela troca de aprendizado, sugestões e apoio.

Ao Grupo de Estudos Linguísticos do Oeste do Pará – GELOPA, pelas trocas de conhecimento e apoio mútuo entre os integrantes.

À Universidade Federal do Oeste do Pará, por meio da Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação Tecnológica, pelo apoio e por me honrarem com título de 1º melhor trabalho no IX Seminário de Pós-Graduação, no âmbito da X Jornada Acadêmica da UFOPA.

Aos amigos do PPGL, Hiandro Bastos, Lino Arlem, Luane Fróis e Rosecleia, pelas trocas de afeto, cuidado, carinho, momentos tensos e descontraídos para que suportássemos o processo.

Ao amigo de Longa data, desde o ensino médio, Carlos Henrique, pela motivação, troca de conhecimento, admiração recíproca e respeito; além de participar ativamente durante minha pesquisa, cedendo sua voz de locutor para a realização do teste de percepção.

À Jéssica Caroline, amiga desde a graduação, pelo incentivo e apoio irrestrito.

À Camila Baia, amiga desde a graduação, que mesmo de longe não deixou de acreditar e apoiar meu trabalho.

Às amigas dos tempos de graduação, Dilciane Porto, Kelly Almeida, Jamile Castro e Gerciane Betcel, por continuarem uma amizade de apoio na vida acadêmica e fora dela.

Às amigas que me deram forças durante o curso, Nicole Rocha, Natália Almeida e Cássia Beatriz.

Aos meus amigos que não soltaram minha mão durante o período mais difícil que passei durante o curso, em que sofri um acidente de trânsito. Minha eterna gratidão ao Lino Arlem, Lenize Moraes, Jéssica Caroline e Gerciane Betcel, que não mediram esforços para irem me visitar em uma comunidade distante da zona urbana, onde me recuperava na casa de minha mãe. Foram essenciais, principalmente, no apoio psicológico. Aos demais amigos e colegas, que ajudaram direto ou indiretamente com a minha recuperação para que eu pudesse chegar até aqui.

À minha família, em especial à minha mãe, Rosinete, e aos meus irmãos, Nilson, Melre, Rônison e Elan, pelo convívio e incentivo irrestrito para que eu pudesse concretizar este sonho.

Ao meu tio, padre Antônio Jorge Mesquita, pelo incentivo cativador e figura paterna de sempre demonstrar carinho e acreditar que eu era capaz.

À minha tia, Maria Neide Mesquita, pelo incentivo e carinho.

Ao meu avô materno, Luiz Francisco de Mesquita (*in memoriam*), que na sua simplicidade sempre acreditou em mim, incentivando-me e falando a todos que iria ser “alguém”.

A todos os meus amigos, pelas atitudes e palavras de incentivo.

A DEUS, Senhor que me instruiu até aqui, oportunizando-me a ter sobrevivido ao acidente e vencer mais essa etapa.

À Nossa Senhora da Conceição, padroeira dos santarenos, minha mãezinha querida e intercessora de todos os momentos.

Muito Obrigado!!!

*“Eu digo égua, falo pai d'égua
Não nego a ninguém
Que meu orgulho é Santarém
Eu digo égua, mas olha já!
Mas quando eu nego
Eu sou cabocla do Pará.”*

(FIGARELLA, Jana. Nada se compara, 2007).

RESUMO

Buscamos, neste trabalho, investigar a função que a construção “toma-te/lhe” desempenha no falar santareno. Esta pesquisa se enquadra na teoria funcionalista, pois “A língua é determinada pelas situações de comunicação real em que falantes reais interagem e, portanto, seu estudo não pode se resumir à análise de sua forma” (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2007, p. 14). Além disso, este trabalho se baseia na teoria da Gramática de Construções, que defende o postulado de que a língua, de uma perspectiva sincrônica, é constituída de pareamentos forma-significado, as chamadas construções, organizados em rede (GOLDBERG, 2006; LANGACKER, 2008). Para este trabalho utilizamos como procedimentos metodológicos: a) a coleta de dados, que foram registrados de maneira informal pelo Grupo de Estudos Linguísticos do Oeste do Pará – GELOPA, no período de 2020 a 2021. Foram registradas 51 (cinquenta e uma) ocorrências de usos do item *tomar* no contexto de fala santareno, sendo 42 (quarenta e duas) com a expressão “toma-te” e 9 (nove) com a variação “toma-lhe”; b) análise semântico-pragmática das ocorrências, na tentativa de entender o que estas formas expressam, qual a intenção comunicativa do falante ao se utilizar de tal construção no momento da interação, a isso chamaremos de função; e c) teste de percepção, que serviu para corroborar a hipótese que levantamos sobre os significados da construção em estudo. Reproduzimos situações reais em que o uso apareceu denotando as três possibilidades mais importantes que consideramos que as construções significam, a saber: contentamento com a dor do outro, espanto/susto e felicidade. Os resultados apontam que a construção “toma-te/lhe” tem importante papel na interação dos falantes santarenos.

Palavras-chave: Item *tomar*. Funcionalismo. Gramática de Construções. Construção *toma-te*.

ABSTRACT

In this work, we investigate the function that the construction “toma-te/lhe” plays in the Santareno speech. This research fits into the functionalist theory, for “Language is determined by the real communication situations in which real speakers interact, and therefore, its study cannot be limited to the analysis of its form” (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2007, p. 14). Furthermore, this work is based on the theory of Construction Grammar, which defends the postulate that language, from a synchronic perspective, is provided by form-meaning pairings, the so-called constructions, organized in a network (GOLDBERG, 2006; LANGACKER, 2008). For this work we used the following methodological procedures: a) a collection of data, which were recorded informally by the Linguistic Studies Group of Western Pará – GELOPA, in the period from 2020 to 2021. 51 (fifty-one) occurrences of uses of *tomar* in the context of Santareno speech, 42 (forty-two) with the expression “toma-te” and 9 (nine) with the variation “toma-lhe”; b) semantic-pragmatic analysis of occurrences, in an attempt to understand what these forms express, what the speaker's communicative intention is when using such a construction at the time of interaction, this we will call function; and c) perception test, which served to corroborate the hypotheses we raised about the meanings of the construction under study. We reproduced real situations in which the use appeared denoting the three most important possibilities that we consider the constructions to mean, namely: contentment with the other's pain, astonishment/fright and happiness. The results indicated that the construction “toma-te/lhe” plays an important role in the interaction of Santarém speakers.

Keywords: Item *tomar*. Functionalism. Construction Grammar. Construction *toma-te*.

LIISTA DE QUADROS

Quadro 1: Rede construcional do item lexical <i>tomar</i>	74
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição da expressão “toma-te/lhe” nas três categorias de possíveis significados.....	76
Tabela 2: Ocorrências de “toma-te” com função de “contentamento com a dor de outra pessoa”	77
Tabela 3: Ocorrências de “toma-te” com função de “espanto/susto”.....	78
Tabela 4: Ocorrências de “toma-te” com função de “felicidade”	79
Tabela 5: Ocorrências de “toma-lhe” com função de “espanto/susto” e “felicidade”....	80

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01.....	85
Gráfico 02.....	85
Gráfico 03.....	86
Gráfico 04.....	87
Gráfico 05.....	87
Gráfico 06.....	88

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. TOMANDO A INICIATIVA	18
1.1 Do objeto a ser investigado	18
1.2 Problemática e objetivos	19
1.3 Do percurso metodológico	20
1.3.1 O lócus da pesquisa	21
1.3.2 Procedimentos metodológicos	21
2. O FUNCIONALISMO TOMANDO AS RÉDEAS	25
2.1.1 As Escolas Funcionalistas	27
2.1.2 Norte-americana	28
2.1.3 Escola Holandesa	29
2.1.4 Sistêmico-funcional	33
2.2 Língua e Gramática	36
2.3 Gramaticalização	42
2.4 Gramática de construções	47
3. E TOMA-TE USOS:	52
3.1 Tomar de acordo com os dicionários	52
3.2 Outras possibilidades	58
3.3 Tomando água de mares já navegados: estudos sobre o item <i>toma</i>	59
3.3.1 Ortega (2010)	59
3.3.2 Santos (2011)	60
3.3.3 Jesus (2014)	61
3.3.4 Oliveira (2018)	63
3.3.5 Jesus (2019)	64
4. TOMA-TE: analisando os dados	65
4.1 Cline da abstratização de <i>tomar</i>	65
4.2 TOMA-TE: à luz da teoria construcionista	73
4.3 TOMA-TE: uma expressão, alguns significados	76
4.4 Dados do teste perceptual	81
4.4.1 Montagem e aplicação do teste	81
4.4.2 Resultados do teste de percepção	84
CONCLUSÃO	89
REFERÊNCIAS	93
APÊNDICE	101

INTRODUÇÃO

Esta dissertação é fruto de uma semente plantada no Trabalho de Conclusão de Curso, em que tratávamos acerca dos memes e suas possíveis contribuições para o ensino de língua portuguesa. Nesse trabalho havia um meme que tinha como ponto de partida para uma análise linguística o item lexical *tomar*. O seu grau de polissemia instigou-me a buscar comprovações científicas sobre os diferentes usos de *tomar* à luz da teoria funcionalista. Este trabalho encontra subsídio teórico mais precisamente na teoria funcionalista de vertente norte-americana, que prioriza o estudo da língua em situação comunicativa e descreve os fenômenos linguísticos levando em consideração a sintaxe, semântica e pragmática.

Investigamos, nesta dissertação, usos do item lexical *tomar*, sobretudo da construção de caráter regional “toma-te” e sua variação “toma-lhe”, sob a perspectiva do processo de mudança chamado *Gramática de Construção*. Além disso, pautamos nos no processo de mudança linguística chamado *Gramaticalização*, pois no decorrer deste trabalho percebemos, com base em estudos como Jesus (2014), Oliveira (2018) e Jesus (2019), que o item lexical *tomar* passa por esse processo. Em linhas gerais, consideramos gramaticalização o processo de mudança linguística pelo qual itens e construções lexicais tornam-se gramaticais, ou itens e construções já gramaticais tornam-se ainda mais gramaticais (PENA-FERREIRA, 2007).

A Gramática de Construções, importante base de sustentação teórica para este trabalho, consiste em defender que a mente é holística, portanto, diversas fases acontecem paralelamente ao conceptualizarmos um evento no mundo. Essa teoria ainda defende que a língua se organiza por meio de redes e generalizações (OLIVEIRA, 2018). Assim, quando um item passa a assumir diferentes funções, o falante consegue absorver redes esquemáticas que podem ser utilizadas para compreender o sistema e estruturá-lo. Esses estudos de cunho construcionista é baseado, principalmente, pelos pressupostos de Goldberg (2006). Ademais, utilizamos estudos de Traugott e Trousdale (2013), Traugott (2015) e Oliveira (2018), para propor uma rede construcional para o item lexical estudado.

Já há, na literatura de composição deste trabalho, alguns estudos que descrevem ocorrências de *tomar* enquanto verbo. Santos (2011), por exemplo, discorre acerca das diferentes acepções que o verbo *tomar* pode assumir, a depender de seu contexto de uso. Jesus (2014) fez um estudo sobre de *tomar* do ponto de vista

do português escrito nos séculos XIV, XVII e XX, em que esclarece sua natureza, funções e restrições, então, fazendo um estudo sincrônico nos descritos. A autora embasa seu trabalho no Funcionalismo Linguístico, e busca ocorrências nos níveis acadêmicos, jornalísticos e literários nos séculos XIV, XVII e XX do português europeu, e nos séculos XVII e XX, do português brasileiro no *Corpus do Português*, de Davies e Ferreira (2006). Oliveira (2018) faz um estudo acerca da multifuncionalidade do verbo tomar, em que investiga em uma amostra da cidade de Goiás-GO possíveis acepções do verbo enquanto pleno, estendido, suporte e expressão cristalizada. Já Jesus (2019) faz um estudo sobre acepções do verbo *tomar* em dicionários de língua portuguesa, que utiliza a metalexiconografia com base na teoria sentido-texto para embasar seu trabalho.

Esses estudos têm em comum com este trabalho o paradigma funcionalista, que concebe os padrões sintáticos como resultado de uma língua (PENA-FERREIRA, 2007); em outras palavras, as regularidades da língua são determinadas pelas necessidades comunicativas dos falantes. É à luz dessa teoria que buscamos subsídios para análise dos diferentes usos de *tomar*, sobretudo na construção “toma-te/lhe”. Consideramos que haja níveis de abstratização com o item *tomar*, a ponto de sofrer alterações semânticas e apresentar mudança de categoria.

Assim, na pesquisa aqui desenvolvida, o objetivo central é identificar as funções que a expressão “toma-te/lhe” desempenha na variedade do português santareno. Para isso, levantamos três possíveis hipóteses, a saber: de contentamento com a dor do outro, de espanto/susto e de felicidade. Além desse objetivo, outros, mais específicos, norteiam esse trabalho, tais como:

- a) investigar como o item em questão está sendo utilizado, ou seja, observando para que fim semântico e/ou pragmático a expressão “toma-te” e sua variação, que carrega mesmo grau de intencionalidade do falante, estão sendo utilizadas pelos santarenos;
- b) verificar o contexto de ocorrência que a construção foi utilizada;
- c) analisar a forma da construção para identificar se há variabilidade de número e pessoa;
- d) realizar e tratar um teste de percepção com base nas três hipóteses levantadas.

O último objetivo específico consistiu em um teste para corroborar nossas hipóteses iniciais. O teste de percepção é como os indivíduos entendem e correspondem a um estímulo ou evento, que pode se dar de diversas naturezas, como

visual, auditivo e até mesmo pelo tato (CEMIM; ANDRADE; NUNES, 2011). Neste trabalho o teste aconteceu de maneira auditiva. Nos baseamos no método utilizado por Cemim; Andrade; Nunes (2011) que estudam a ambiguidade no âmbito da prosódia.

O teste serviu para corroborar a hipótese de sentido que a expressão “toma-te” transmite em contexto real de fala. Nos preocupamos em tentar reproduzir situações reais em que o uso apareceu denotando as três possibilidades mais importantes que consideramos que o “toma-te” significa. Os resultados do teste foram bastante satisfatórios e corroboraram nossas prévias hipóteses.

Para atingirmos nossos objetivos, fizemos:

- a) revisão da literatura acerca do item *tomar*, pesquisas bibliográficas que embasassem nosso trabalho;
- b) coletas de dados da construção “toma-te/lhe”, que foram coletados de maneira informal, pois se trata de um fenômeno linguístico que ocorre no âmbito da espontaneidade, em que o falante expressa tal fenômeno em diversos ambientes, e nós, o Grupo de Estudos Linguísticos do Oeste do Pará – GELOPA, registramos de maneira instantânea em um grupo do aplicativo de mensagens WhatsApp, para em seguida registrarmos em nosso *corpus*, além de ocorrências encontradas nas redes sociais, como Instagram, Facebook e o próprio WhatsApp, que também registramos no grupo criado para este fim. As ocorrências foram coletadas no período de 2021 a 2022, com um total de 51 (cinquenta e uma) ocorrências de usos do item *tomar* no contexto de fala santareno, sendo 42 (quarenta e duas) com a expressão “toma-te” e 9 (nove) com a variação “toma-lhe”. Vale ressaltar que consultamos o Corpus de Textos Oraís do Português Santareno – CTOPS, organizado pelo GELOPA, mas como se trata de um fenômeno de caráter espontâneo, não o encontramos em narrativas orais;
- c) análise semântico-pragmático das ocorrências, pois a expressão em análise extrapola o limite de análise semântica, recaindo em um contexto extralinguístico em que está inserida, estando intrinsecamente ligada aos atos de fala e suas implicações socioculturais;
- d) Além do teste de percepção para corroborar nossas hipóteses.

Outro fator importante na composição deste trabalho é a elaboração de uma rede esquemática que abrange um *cline* de abstratização do item lexical *tomar*, que

começa como verbo pleno, que é autônomo, recorrer aos argumentos para requerer posse, e traz na sua própria acepção sua significação, como no exemplo: *tomar as terras*; segue como verbo estendido, em que perde parte de sua autonomia, em que assume uma significação específica, como no exemplo, de ingerir: *tomar água*; em seguida se apresenta como verbo suporte, que é quando há um esvaziamento semântico do verbo e ele assume funções cada vez mais gramaticais, ou seja, funciona como verbo auxiliar, como no exemplo: *tomar banho*; por fim a construção que se esvazia semanticamente, última escala do cline, é possível observar que há um entrincheiramento entre o item lexical *tomar* e o pronome oblíquo *te*, assim não é possível mudar os itens que compõem a expressão, e nem analisa-los isoladamente, como em: *toma-te*.

O trabalho foi desenvolvido de modo a sistematizar, em primeiro plano, concepções mais gerais da língua e, posteriormente, os mais específicos. Desse modo, esta dissertação está organizada de acordo com a descrição dos parágrafos a seguir.

No primeiro capítulo tomamos a iniciativa acerca do nosso objeto de estudo, o item lexical *tomar*. Apresentamos algumas acepções de *tomar* e seus níveis de abstratização, sobretudo levando em consideração a construção “toma-te/lhe. Em seguida apresentamos a problemática e nossos objetivos, para em seguida ilustrarmos nosso percurso metodológico. Ainda nesse capítulo achamos pertinente apresentar o lócus da pesquisa como forma de introduzir nossos procedimentos metodológicos, a última subseção do primeiro capítulo.

No segundo capítulo apresentamos o embasamento teórico da parte mais densa, que consiste na apresentação da teoria funcionalista e o modo como ela concebe linguagem e gramática, fazendo um breve percurso nos principais modelos funcionalistas, considerando que são muitos teóricos, caminhando até o pressuposto da *gramaticalização*. Assim, em uma subseção designamos para o histórico, escolas e características; em outra falamos especificamente das escolas; na seguinte das terminologias de língua e gramática; na finalização do capítulo tratamos do processo de *Gramaticalização* e sobre a *Gramática de Construções*, importante corrente teórica que embasou este trabalho.

O terceiro capítulo consiste na apresentação de usos do item lexical *tomar* que o pode apresentar em diferentes contextos, dos usos dicionarizados até os trabalhos que estudaram de maneira científica esse objeto de estudo, além de

apresentarmos outras possibilidades que o item, por ser de caráter polissêmico, adota para as necessidades comunicativas dos falantes. Para finalizar esse capítulo, tomamos águas por mares já navegados, em que apresentamos os principais estudos sobre *tomar* e suas perspectivas.

O quarto, e último capítulo, traz a análise dos dados do *corpus* coletado de maneira não sistematizada pelo Grupo de Estudos Linguísticos do Oeste do Pará. Primeiramente, fazemos alguns apontamentos acerca da origem do verbo *tomar*, para em seguida fazermos um cline do caminho que o item lexical *tomar* percorreu até se tornar o mais abstrato possível, que, neste trabalho, é a construção “toma-te/lhe”; e dos possíveis significados da expressão estudada neste trabalho: contentamento com a dor do outro, espanto/susto e felicidade. Adiante, propomos, seguindo os pressupostos que embasam esta dissertação, uma rede construcional da construção “toma-te/lhe” à luz do verbo *tomar*. Em seguida, apresentamos os resultados do teste de percepção, um importante passo que compõe a metodologia deste trabalho, e que corroborou as nossas hipóteses de significação da construção estudada.

Nas considerações fazemos um apanhado geral deste trabalho, indicando que pode ser um ponto de partida para que mais pesquisas em linguística descritiva sejam desenvolvidas e colaborem com a diversidade linguística no interior da Amazônia.

1. TOMANDO A INICIATIVA

Considerando que esta pesquisa procura investigar quais funções a construção “toma-te/lhe” desempenha no contexto de fala da cidade de Santarém-PA, optamos por iniciar este trabalho apresentando o objeto a ser investigado, a saber: o item lexical *tomar*. Vale ressaltar que o designamos aqui como item lexical, pois no seu processo de gramaticalização deixa suas funções de verbo para exercer outras funções no âmbito gramatical. Assim, neste capítulo, apresentamos o objeto a ser investigado, problemática e objetivos, percurso metodológico que utilizamos para a realização deste trabalho, nosso lócus de pesquisa e, por fim, nossos procedimentos metodológicos.

1.1 Do objeto a ser investigado

Pautado nas concepções funcionalistas de língua e de gramática, mais especificamente a gramática de construção, que está no âmbito do Funcionalismo Linguístico, pretendemos com esta pesquisa explicações científicas para a construção

“toma-te/lhe”, expressão típica do falar santareno, utilizada para demonstrar contentamento com a dor de uma pessoa, felicidade e espanto/susto. Percebemos a variação semântica das formas, motivando um estudo para saber que função(ões) a construção em questão desempenha. Dessa forma, partindo do pressuposto de que as construções têm origem no verbo *tomar*, faremos um levantamento acerca deste objeto de estudo. Antes de iniciarmos a falar propriamente sobre o item lexical, vale ressaltar que, no seu uso mais concreto, o verbo *tomar* poder ser tanto transitivo direto, transitivo indireto e bitransitivo, a depender do contexto que estiver inserido, além de ser um verbo regular.

Há uma escala de abstratização do item *tomar* na medida em que o grau de significação, enquanto verbo pleno, vai ganhando outros sentidos. Por exemplo: “*Eu tomei as terras*”, nesta oração, o verbo revela um estado da coisa factual, isto é, o sentido mais concreto do verbo, de pegar ou apossar-se de algo ou de alguém, não se esvaziou. Já em “*Ele tomou uma atitude*”, por exemplo, na oração, ainda que *tomar* mantenha sua função de verbo pleno e a possibilidade de flexão como no primeiro exemplo, já há um esvaziamento de seu significado original, ou seja, observamos que a abstratização ocorre com o item lexical. E assim ele vai caminhando em uma escala de gramaticalização, deixando sua função de verbo pleno para exercer outras funções até chegar à construção “toma-te/lhe”, em que já não há possibilidade de flexão, por exemplo, ou seja, a construção se cristaliza como uma forma gramaticalizada.

1.2 Problemática e objetivos

Objetivamos com este trabalho investigar os usos da forma regional “toma-te” e sua variação “toma-lhe” no âmbito do falar santareno; investigar como o item em questão está sendo utilizado, ou seja, observando para que fim semântico e/ou pragmático a expressão “toma-te” e sua variação, que carrega mesmo grau de intencionalidade do falante, estão sendo utilizadas pelos santarenos. Além de, como já apresentado, verificar o contexto de ocorrência que a construção foi utilizada; identificar quais as funções dos falantes com uso da construção; e analisar a forma da construção para identificar se há variabilidade de número e pessoa.

Esta pesquisa se enquadra na teoria funcionalista, pois a língua é determinada pelas situações de comunicação real em que falantes reais interagem, assim, seu estudo não pode se resumir à análise de sua forma” (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2007). Os usos do item lexical *tomar*, como por exemplo: *tomar* uma atitude; *tomar* vergonha na cara; e *tomar* as dores, estão sugerindo que o item

está em processo de gramaticalização, como observado em SANTOS (2011), JESUS (2014), OLIVEIRA (2018) e JESUS (2019), que investigaram os diferentes usos de *tomar*, e na própria expressão regional “toma-te/lhe”, em que a forma se abstratiza e ganha novos significados.

Como mencionado, este trabalho busca registrar e analisar os diferentes usos do item lexical *tomar* encontrados, especificamente, como dito anteriormente, a construção “toma-te/lhe” no falar santareno, que ao longo do tempo vem passando por esse fenômeno que conhecemos por gramaticalização, que segundo Hopper e Traugott (1993) é o processo pelo qual itens e construções lexicais passam, em determinados meios linguísticos, para servirem a funções gramaticais, e, assim, já gramaticalizados, continuam desenvolvendo novas funções de cunho gramatical, isto é, tal fenômeno é o meio pelo qual um item perpassa do léxico para a gramática.

Como podemos observar, delimitamos um campo de investigação a partir da construção “toma-te/lhe”, para assim saber as funções que desempenha.

1.3 Do percurso metodológico

Considerando os objetivos para esta pesquisa, nosso trabalho pode ser dividido em duas fases caracterizadas, respectivamente, como (1) exploratória e (2) descritiva. Exploratória, pois precisávamos explorar a problemática dessa pesquisa, de modo que pudéssemos encontrar informações para que nossa investigação seguisse uma linha coesa, além de realizarmos levantamento bibliográfico para o prosseguimento da pesquisa. Pode ser também considerada descritiva porque a construção carece desse mecanismo, e, para isso, fizemos uma análise descritiva do nosso objeto de estudo, levando em consideração diversos aspectos, que apresentaremos mais adiante, além de estruturar e quantificar nossa coleta e levantamento de dados.

Seguindo as fontes que precisamos estudar para a realização da pesquisa, também podemos mencionar duas fases¹ e caracterizá-las como (1) bibliográfica e (2) qualitativa. Esse levantamento se fez necessário, já que, como explicaremos na seção de procedimentos metodológicos, tínhamos ocorrências registradas pelo Grupo de Estudos Linguísticos do Oeste do Pará – Gelopa, o que precisava ser organizado e separado de outras ocorrências encontradas pelo grupo.

¹ Vale ressaltar que o estabelecimento de duas fases, neste trabalho, não implicou na necessidade de finalizar uma fase para iniciar a outra, isto é, ambas foram realizadas concomitantemente.

O levantamento das coletas foi de suma importância para o bom andamento do trabalho, pois de acordo com Santos (2002, p. 29) “são métodos práticos utilizados para juntar as informações necessárias à construção dos raciocínios em torno de um fato/ fenômeno/ processo”. Optamos, então, por esse percurso que julgamos necessário para que nosso trabalho tivesse o êxito que almejávamos no princípio.

1.3.1 O lócus da pesquisa

O lócus desta pesquisa é a cidade de Santarém-PA, localizada na região oeste do estado, na meso região do Baixo Amazonas e localiza-se na margem direita do rio Tapajós, na sua confluência com o rio Amazonas, ficando cerca de 807 quilômetros de distância, em linha reta, da capital Belém. A “Pérola do Tapajós”, como ficou conhecida poeticamente, é a terceira maior cidade do estado do Pará, sendo a maior fora da região metropolitana de Belém, ficando atrás apenas da capital e de Ananindeua, com cerca de 331.937 habitantes, segundo o Censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

Nosso trabalho não está baseado diretamente em uma pesquisa de campo, pois como o fenômeno que nos propusemos a estudar é de caráter espontâneo, seria muito difícil realizar a coleta em forma de narrativas ou outros mecanismos em que o informante saberia que estaria participando de um tipo de pesquisa. Desta forma, nos valem de um *corpus* não sistematizado coletado pelo Grupo de Estudos Linguísticos do Oeste do Pará – Gelopa, entre os anos de 2021 e 2022. Ainda que os dados tenham sido coletados na informalidade, ou seja, na medida que um integrante do grupo observava a ocorrência, registrava imediatamente no grupo de WhatsApp, com a ocorrência, circunstância e entonação; consideramos que os dados sejam suficientes para a pesquisa e que podem contribuir com a pesquisa descritiva de cunho linguístico na cidade de Santarém-PA.

1.3.2 Procedimentos metodológicos

Para alcançarmos nossos objetivos, utilizamos os seguintes procedimentos metodológicos:

1º) Coleta de dados

Os dados foram coletados de maneira informal, pois se trata de um fenômeno linguístico que ocorre no âmbito da espontaneidade, em que o falante expressa tal fenômeno em diversos ambientes, e nós, o Grupo de Estudos Linguísticos do Oeste do Pará – GELOPA, registramos de maneira instantânea em

um grupo do aplicativo de mensagens WhatsApp, para em seguida registrarmos em nosso *corpus*, além de ocorrências encontradas nas redes sociais, como Instagram, Facebook e o próprio WhatsApp, que também registramos no grupo criado para este fim. As ocorrências foram coletadas no período de 2020 a 2021, com um total de 51 (cinquenta e uma) ocorrências de usos do item *tomar* no contexto de fala santareno, sendo 42 (quarenta e duas) com a expressão “toma-te” e 9 (nove) com a variação “toma-lhe”. Vale ressaltar que consultamos o Corpus de Textos Oraís do Português Santareno – CTOPS, organizado pelo GELOPA, mas como dito anteriormente, trata-se de um fenômeno de caráter espontâneo, assim não o encontramos em narrativas orais.

2º) Análise semântico-pragmática das ocorrências

Considerando o contexto de uso do item “toma-te” e “toma-lhe”, fizemos uma análise semântico-pragmática, pois a expressão em análise extrapola o limite de análise semântica, recaindo em um contexto extralinguístico em que está inserida, estando intrinsecamente ligada aos atos de fala e suas implicações socioculturais. Nossa análise inicial, considerando que fazemos parte enquanto falantes nativos da cidade supracitada, levantou a hipótese de que os usos das expressões exercem as seguintes funções:

- a) contentamento com a dor do outro: no sentido de ficar feliz quando acontece algo de ruim com outra pessoa;

(01) Toma-te! Vota nele de novo. (SFI01)²

Contexto de uso: Essa ocorrência foi retirada da rede social Instagram, em que uma pessoa posta sobre o aumento da energia elétrica no Pará, em especial Santarém.

- b) espanto/susto: no sentido de quando alguém se assusta com algo ou outra pessoa;

(02) Toma-te careta! (SME02)

Contexto de uso: Um tio, de um integrante do Gelopa, foi fazer o teste de glicemia, e quando a enfermeira disse que deu 270, ele exclamou com a expressão descrita acima.

² Os dados retirados do *corpus* serão identificados por códigos, em que S significa a origem geográfica (Santarém); M do sexo masculino; F do sexo feminino; W retirado do aplicativo de mensagens WhatsApp; I retirado da rede social Instagram. F retirado da rede social Facebook; E registrado de forma espontânea; além da numeração que indica a ordem apenas para efeito de organização.

c) felicidade: no sentido que denota o sentimento expresso pelas pessoas através das expressões.

(03) Toma-te! (SME03)

Contexto de uso: Um aluno ao saber do resultado da prova em que havia acertado todas as questões exclamou a expressão.

Vale ressaltar que além de descrever os usos e fazer análise da função que exerce, faremos uma descrição como parâmetro de contexto situacional e de entonação, pois como é um fenômeno oral, a entonação acaba definindo o significado, ou seja, mostraremos onde está a ênfase do ponto de vista silábico, se é mais alongado, se a tonicidade maior está início ou no fim, se é mais lento ou mais pausado, pois, assim ficará mais perceptível para o leitor identificar o porquê da expressão ter tal significação.

Para confirmar nossa análise inicial, utilizamos o teste de percepção, que se configura como nosso 3º procedimento metodológico.

3º) Teste de percepção

O teste de percepção é como os indivíduos entendem e correspondem a um estímulo ou evento, que pode se dá de diversas naturezas, como visual, auditivo e até mesmo pelo tato (CEMIM; ANDRADE; NUNES, 2011). Neste trabalho o teste aconteceu de maneira auditiva. Nos baseamos no método utilizado por Cemim; Andrade; Nunes (2011) que estudam a ambiguidade no âmbito da prosódia.

O teste serviu para corroborar a hipótese de sentido que a expressão “toma-te” transmite em contexto real de fala. Primeiramente, nos preocupamos em tentar reproduzir situações reais em que o uso apareceu denotando as três possibilidades mais importantes que consideramos que o “toma-te” significa. Conforme adiantamos, análises prévias sobre a construção gramaticalizada de *tomar* (toma-te e toma-lhe) estudada na variedade do português falado em Santarém apontam três possíveis significados, a saber, de:

- a) contentamento com a dor do outro;
- b) espanto/susto;
- c) felicidade.

Para saber se outros falantes reconheciam as funções que nos serviram de hipótese, montamos um teste perceptual, detalhado a seguir, para que o participante respondesse com que sentido a expressão “toma-te” havia sido utilizada. Vale ressaltar que é um teste piloto, ou seja, com um número de participantes pequeno,

realizado com dez pessoas, sendo cinco do curso de Letras, considerados “experts” por serem da área de linguagem, uma vez que o trabalho que realizamos é de caráter linguístico; e cinco do curso de Matemática e Física, considerados “leigos”, pois não convivem com a mesma frequência como as pessoas da área de Letras no ambiente que remete a estudos linguísticos. Além disso, vale frisar que “expert”, segundo o dicionário online de português (<https://www.dicio.com.br/expert/>), “é uma pessoa com conhecimento excessivo que domina completamente uma área, assunto, ofício, atividade etc”, e tem sua origem no francês “expert” com o mesmo sentido; ao passo que “leigo”, também segundo o dicionário online de português (<https://www.dicio.com.br/leigo/>) , “é aquele que não tem conhecimento sobre determinado assunto, e que demonstra certa ignorância acerca de alguma coisa, sendo um desconhecedor”, tendo sua origem do latim “laicus”.

O teste perceptual contou com 10 participantes (5 pessoas do curso de Letras e 5 pessoas do curso de Matemática e Física), com faixa etária entre 20 e 30 anos, sendo 3 (três) homens e 2 (duas) mulheres do curso de Letras, do oitavo período em diante; e 3 (três) homens e 2 (duas) mulheres do curso de Matemática e Física, também do oitavo período em diante. Essas pessoas foram escolhidas aleatoriamente, e assinaram um termo de consentimento da pesquisa, não sabiam da finalidade do teste, apenas que fazia parte de um trabalho de dissertação de mestrado.

Em seguida elaboramos o teste perceptual com o Programa Praat, que é uma ferramenta científica para pesquisadores que estudam fenômenos linguísticos e pode analisar espectrogramas. Ele é um software que pode ler sons gravados com o programa ou arquivos de áudio gravados de outra forma. Uma vez carregado, segundo o site (<https://fonologia.org/>), o Praat gera um gráfico das ondas que indicam entonação, intensidade, volume e outros detalhes complexos. Ele ainda é capaz de isolar determinadas mordidas de som ou frequências de filtro manualmente ou usando scripts.

Nessa etapa, contamos com a colaboração de um integrante do Gelopa, que reproduziu no Estúdio “Encontro das Águas” nas dependências da Ufopa contextos em que o “toma-te” denota as três hipóteses mencionadas. Após conseguirmos esses áudios que se aproximam da entonação que representam os três significados, isolamos de contexto apenas a expressão “toma-te” para que os participantes indicassem qual entonação indicaria as hipóteses, a saber: contentamento com a dor do outro, espanto/susto e felicidade.

Realizada a etapa do programa Praat, com as expressões retiradas de contexto, fizemos a montagem do teste via PowerPoint. A organização nessa etapa consistia em, primeiramente, ambientar o participante ao tipo de exercício auditivo que fariam a seguir, isto é, montamos áudios-estímulo como a buzina de um carro, sino de igreja, ritmos musicais e pedíamos para a pessoa marcar a opção que julgasse a que som estava se referindo. Em seguida havia uma mensagem dizendo que o teste encerrava a parte de exercitação e que começaria o teste de percepção.

Assim, os participantes ouviam as frases-estímulo em ambientes calmos e que eram mais cômodos para eles, ou seja, nesta fase fomos até eles. Após o processo de testes com os áudios-estímulo, partimos para o teste perceptual, em que os participantes ouviam o “toma-te” de forma isolada e marcavam a opção que julgavam se referir à expressão: contentamento com a dor do outro, espanto/susto e felicidade. Após ouvir e marcar as opções havia uma mensagem de agradecimento.

Após tomarmos a iniciativa acerca do nosso objeto de estudo *tomar*, faz-se necessário abordarmos o arcabouço teórico que embasa este trabalho. Para isso, na próxima seção, faremos um percurso sobre os principais modelos funcionalistas que dão sustentação teórica para nossa pesquisa.

2. O FUNCIONALISMO TOMANDO AS RÉDEAS

Para melhor entender o percurso pelo qual o item *tomar* chegou à construção “toma-te”, é necessária uma teoria que explique fenômenos de mudança linguística. Neste trabalho optamos pelo Funcionalismo Linguístico, por ser este um modelo de descrição gramatical que concebe a língua como algo maleável às pressões de uso e que considera que formas linguísticas atendem às necessidades de comunicação dos falantes. Neste capítulo, apresentamos a teoria funcionalista e o modo como ela concebe linguagem e gramática, fazendo um breve percurso nos principais modelos funcionalistas, considerando que são muitos teóricos, caminhando até o pressuposto da *gramaticalização*.

2.1 Histórico, escolas e características

Os primeiros estudos funcionalistas datam de 1929 com as teses da Escola Linguística de Praga. Até então, em voga, o Estruturalismo dominava os estudos linguísticos, no entanto, com o movimento mencionado começam a surgir os primeiros passos para a edificação da teoria funcionalista, aparecendo, assim, a teoria que diz que a língua é um sistema funcional, no qual aparecem, lado a lado, o estrutural

(sistêmico) e o funcional, ou seja, a língua como um sistema de meios apropriados estritamente para uma finalidade.

A funcionalidade, para os funcionalistas, seria como algo inerente à língua, que faz junção da estrutura (sistema) e da função, isto é, ideia de que a língua é utilizada para um fim, como corrobora Halliday (1985) que a gramática é funcional na medida que está designada para descrever como é feito o uso da língua.

A Escola de Praga, ao destacar sobre a importância dos contextos verbal e não-verbal, além do conhecimento igual do emissor e receptor para que unidades linguísticas da mensagem sejam devidamente interpretadas, os pragueiros ainda desenvolveram a noção que engloba a linguística da fala, ampliando, desta maneira, a ideia de Saussure sobre comunicação. Os estudiosos envolvidos nesse viés estudavam orações intrinsecamente realizadas, não apenas orações vistas com boas construções sintáticas, pois acreditavam que a oração tem vínculo com a situação real de fala ou, no mínimo, com algum texto anterior ou, até mesmo, quando traz novas informações (ILARI, 1992).

Resumindo as principais considerações sobre o que os pragueiros conceituavam a respeito da Linguística Funcional:

(i) a língua como um sistema de sistemas; (ii) a comunicação como dinamismo; (iii) a existência de um nível de análise autônomo chamado *Functional Sentence Perspective* (FSP). Danes (1987) aponta que, pelo uso do termo *função*, o atributo funcional parece ser um traço característico e distintivo da linguística estrutural de Praga, que tem sua abordagem caracterizada como “estruturalismo funcional”. (PENA-FERREIRA, 2007, p.22).

Um dos principais idealizadores do termo função, no âmbito da Escola Linguística de Praga, Roman Jakobson, ampliou o significado do termo, ao considerar a função como algo inerente à língua, destacando o protagonismo dos falantes na interação. Além disso, destaca que as funções conotativa e fática estão ligadas à interação comunicacional, e até mesmo a função poética, que valoriza a mensagem; e a função metalinguística, que dá visibilidade ao código, estão ligadas a esse aspecto. Assim, Jakobson é visto como um dos pioneiros do Funcionalismo.

Para esta teoria, toda regularidade ou irregularidade existentes na língua, devem ser vislumbradas de acordo com as circunstâncias que engloba o falante, ouvinte e situação de comunicação. Amparando, desta forma, nosso objeto de estudo, o item lexical *tomar*, pois acreditamos que já esteja passando por um processo de

gramaticalização (JESUS, 2014). E que deve ser explicado à luz da teoria funcionalista, levando em consideração os fatores que esta teoria aborda, principalmente a questão comunicacional, isto é, se a comunicação é realizada com sucesso, é sinal que falante e ouvinte compreenderam códigos, tanto linguísticos, como extralinguísticos.

2.1.1 As Escolas Funcionalistas

Vale ressaltar que não há apenas uma teoria funcionalista, mas várias que estão representadas por meio de grandes estudiosos sobre o tema. Logo, podemos dizer há “Funcionalismos” (NEVES, 2022) dentro de uma mesma abordagem, e nelas há uma especificidade que marca diversas correntes que se autointitulam nesse modelo de descrição de língua (NEVES, 2022). Sobre esse aspecto, Neves (2004, p. 15-16) resume a proposta de modelos funcionalistas de direções bem claras:

- De Halliday, que fixa particularmente na noção de “função” como o papel que a linguagem desempenha na vida dos indivíduos, em correspondência às demandas da situação e da cultura, assentando a sua gramática numa base sistêmica (e paradigmática), na qual o enunciado parte das escolhas que o falante faz quando o compõe para produzir significado, atingindo seu propósito;
- De Dik, que fixa particularmente na visão da interação verbal por via dos usuários, preocupando-se, entretanto, em valorizar o papel da expressão linguística na comunicação (incluída na descrição linguística a referência aos papéis e ao estatuto dos usuários naquela determinada situação sociocultural de interação), e, por isso mesmo, dedicando-se a prover formalizações no modelo da gramática;
- De Givón, que particularmente, se fixa: no postulado da não autonomia do sistema linguístico; na concepção da estruturação interna da gramática como organismo que, na sintaxe, unifica a codificação dos dois domínios funcionais, que são a semântica (proposicional) e a pragmática (discursiva), no exame dos aspectos icônicos da gramática.

Além dessas linhas de pensamento dentro do Funcionalismo, há outras também de grande relevância, como Hengeveld (2000), que dá notoriedade à intenção comunicativa do falante quando faz uso do sistema linguístico em situação de interação. Além de vários estudos de suma importância como HOPPER e THOMPSON (1980) que apresentaram um tratamento diferenciado à questão da

transitividade, fazendo menção à intencionalidade discursiva. E ainda que definir um conceito de transitividade verbal seja uma tarefa tão árdua quanto conceituar o Funcionalismo, eles assim fizeram.

Portanto, há vários modelos funcionalistas, que de comum fazem oposição aos formalistas, mas que entre eles há várias divergências. Então, para entendermos um pouco sobre os “Funcionalismos”, discorreremos sobre alguns desses principais modelos de descrição linguística.

2.1.2 Norte-americana

Começamos, então, não na ordem apresentada acima, mas com Givón, que não apresenta um modelo de gramática funcional, mas que tem em seus estudos importantes registros de investigação linguística do ponto de vista funcional. Givón (1984) concebe a língua como um sistema não autônomo, pois é a referência a ideias como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultural, mudança e variação, aquisição e evolução, que faz entender a funcionabilidade da gramática.

Para o linguista a estrutura interna da gramática funciona com uma organização que integra sintaxe, semântica e pragmática, focalizando, assim, o caráter icônico da gramática, pois ele considera que certas condições regem o uso dos recursos de codificação morfossintática da língua.

Mesmo sem apresentar um novo modelo de gramática funcional, Givón enriquece os estudos funcionalistas ao trazer para o campo científico da língua discussões pertinentes sobre o princípio da iconicidade, marcação e sobre o fenômeno da gramaticalização. Além de apresentar valiosas contribuições ao resumir alguns princípios que caracterizam o Funcionalismo Linguístico, tais como Givón (1995, p.09) apresenta:

- a linguagem é uma atividade sociocultural;
- a estrutura serve a uma função cognitiva ou comunicativa;
- a estrutura é não arbitrária, motivada, icônica;
- a mudança e a variação estão sempre presentes;
- o sentido é contextualmente dependente e não-atômico;
- as categorias não são discretas;
- a estrutura é maleável e não-rígida;
- as gramáticas são emergentes;

- as regras de gramática permitem algumas exceções.

Ainda que ele ateste que gramáticas são emergentes, critica o conceito em si, pois mesmo que considere a gramática como um instrumento discretizante e categorizador, diz que não é capaz de afirmar em sua plenitude que sabe de todas as regras, pois, para ele a flexibilidade residual, a gradualidade e a variabilidade da gramática são induzidas de maneira adaptativa.

Portanto, é no contexto funcionalista apresentando por Givón, que algumas pesquisas encontram sustentação. Como por exemplo, os estudos sobre gramaticalização, que estão inseridos na teoria funcionalista, pois refletem o equilíbrio entre motivações internas e externas ao sistema.

Embora Givón (2001) não seja adepto ao conceito de gramática emergente, diz que não há como ter 100% de dominância de uma regra, pois, segundo ele, a flexibilidade gradual e variável da gramática são concebidas de maneira que se adaptam (PENA-FERREIRA, 2007). Desta maneira, ao considerar que há coerência entre aspectos funcionais, tipológicos e diacrônicos no âmbito da gramática, Givón (2001) especula que a tipologia gramatical é o estudo de diferentes estruturas que podem servir a uma mesma função na língua.

2.1.3 Escola Holandesa

Outro modelo funcionalista é o de Simon Dik (1989), que está no âmbito da Gramática Discursivo-Funcional, conhecido no universo funcionalista por Gramática Funcional da Holanda, e que trabalha com a noção de caráter teleológico da linguagem, mas que é difícil afirmar até que ponto sua gramática funcional foi influenciada pela Escola Linguística de Praga (GEBRUERS, 1987), já que é notável a sua adaptação à teoria pragmática da Escola de Oxford, assim como no Interacionismo Simbólico de G.H. Mead.

A Gramática Funcional é para Dik, assim como para a maioria dos funcionalistas, uma teoria de componentes integrados (NEVES, 2022). Além dessa evidência, podemos considerar que Dik se aproxima muito do Gerativismo, haja vista seu cuidado em formalizar a gramática. No entanto, há uma grande diferença entre ele e a gramática gerativa, pois os gerativistas apontam como elemento mais importante a sintaxe, enquanto que a gramática funcional de Simon Dik, cuja inspiração é uma “arquitetura semântica” (PENA-FERREIRA, 2007, p.30), os elementos mais importantes, do ponto de vista linguístico, é a pragmática e a semântica.

Para Dik (1978), a linguagem é concebida como o componente da competência comunicativa do ser humano, e que possibilita a criação de relações comunicativas por meio de expressões linguísticas. Neves (2022, p.85) complementa que para Dik “uma teoria da gramática não deve contentar-se em expor as regras da língua como uma finalidade em si, mas deve tentar, o quanto possível, explicar essas regras em termos de sua funcionalidade”. A teoria funcionalista de Dik abriga a preocupação com o ajustamento e o desenvolvimento da teoria de modo que chegue “a uma concepção funcional adequada da organização das línguas naturais” (DIK, 1983, p.5). Assim, podemos destacar, de maneira ampliada, algumas marcas da Gramática Funcional de Simon Dik, segundo Neves (2022), como:

- a interação verbal sendo seu foco principal;
- a ideia que o falante é o protagonista na teoria funcionalista;
- acredita que o usuário de uma determinada língua tem plenas capacidades linguísticas, lógicas, epistêmicas, perceptuais e sociais;
- fenômenos linguísticos é apenas o elo entre a intenção do falante e a interpretação do ouvinte;
- e a oração é vista como camadas que organiza uma estrutura inferior.

É atrelado à capacidade linguística, que por sua vez é a parte que o falante é capaz de produzir e interpretar corretamente expressões linguísticas de grande complexidade estrutural de diferentes situações comunicativas, Dik enumera as capacidades epistêmica, lógica, perceptual e social, e atuam uma em favor da outra. Vejamos cada uma:

1. a capacidade epistêmica: o usuário da língua é capaz de construir, manter e explorar uma base de conhecimento organizado; ele pode ainda derivar conhecimento de expressões linguísticas arquivar esse conhecimento de forma apropriada e, também, recuperá-lo e utilizá-lo interpretando expressões linguísticas futuras;
2. a capacidade lógica: possuindo determinadas partículas de conhecimento, o usuário é capaz de absorver outras partículas de conhecimento por meio de regras de raciocínio, com ideias da lógica dedutiva e probabilística;
3. a capacidade perceptual: o falante de determinada língua é capaz de perceber seu ambiente, derivar conhecimento de suas percepções e usar esse

conhecimento perceptualmente adquirido para produzir e interpretar expressões linguísticas;

4. a capacidade social: o falante sabe o que dizer, bem como sabe também como dizê-lo a um parceiro comunicativo particular, numa situação de interação particular, para atingir objetivos comunicativos particulares.

As diferentes capacidades apresentadas interagem de maneira harmônica umas com as outras, de maneira que uma é essencial para que a outra opere.

Assim, considerando que o linguista concebe a língua como instrumento de interação social entre humanos (DIK, 1993), ele dá ênfase ao seu modelo de gramática na interação verbal, a interação social por meio da linguagem, é uma forma de atividade cooperativa e estruturada, por ser regida por regras, normas e convenções.

Do ponto de vista funcional, o linguista defende dois tipos de sistemas de regras. Na primeira, as regras que regem a constituição das expressões linguísticas, como a semântica, sintática, morfológica e fonológica; já na segunda, as regras que regem os padrões de interação verbal, ou seja, as expressões linguísticas são usadas do ponto de vista pragmático.

Observamos que a teoria de Dik busca integrar as funções pragmáticas dos constituintes oracionais relacionados à situação comunicativa em que se realizam. E essas funções pragmáticas são definidas por meio dos princípios da topicalidade (tópico) e focalidade (foco). Sobre esses dois termos:

(i) a 'topicalidade', que concerne aos atores do evento encenado na interação comunicativa (caracteriza aquilo de que se fala); (ii) a 'focalidade', que concerne às peças de informação mais importantes ou salientes para a modificação que o falante deseja provocar na informação pragmática de seu ouvinte, bem como para o desenvolvimento subsequente do discurso (caracteriza aquilo que dizemos sobre os tópicos). (NEVES, 2022, p. 102)

Segundo o linguista, há diferentes níveis ou camadas de expressões linguísticas, que vão desde a predicação até a preposição e cláusula (NEVES, 2022). Essa expressão linguística seria, então, oriunda da construção de uma predicação subjacente. E a predicação seria concebida no interior de uma estrutura maior, isto, na preposição, que denota um conteúdo proposicional. Já o que seria a cláusula, estaria em último nível de análise, pelo fato de corresponder ao ato de fala.

Portanto, a gramática funcional de Simon Dik é caracterizada pela importância dada à interação verbal, pelo atentamento em saber como emissor e

receptor são compreendidos dentro de uma comunicação, além de considerar que uma descrição linguística leva em conta os papéis dos interlocutores e o momento em que a interação é realizada. Bem como, creditar aos falantes e ouvintes de uma língua toda a projeção de uma boa consecução do evento de fala.

Outro modelo de teoria funcionalista da língua é a Gramática Discursivo-Funcional (GDF), que sucedeu a Gramática Funcional (GF), e cabe ressaltar que são inúmeros os pesquisadores brasileiros ligados aos trabalhos dos dois grandes precursores desta teoria, a saber: Kees Hengeveld e John Lachlan Mackenzie.

Inicialmente, o holandês Hengeveld propõe ampliação do modelo de Dik, sendo a abordagem da estratificação e a modular integrante deste modelo de gramática. Assim, para Hengeveld (2020), o modelo de produção do discurso é oriundo das decisões comunicativas dos falantes, que, ao construir um enunciado, descrevem como as estruturas subjacentes são geradas.

Hengeveld (2004) diz que esta teoria se apresenta como a expansão de uma gramática da frase para uma gramática do discurso, o que é embasado por duas principais justificativas, a saber: primeiro, pela existência de muitos fenômenos linguísticos que só podem ser explicados em termos de unidades maiores do que a frase individual, como partículas oriundas do discurso, cadeias anafóricas, formas de verbos da narrativa e vários outros fatos de gramática que carecem de uma análise que leve em consideração um contexto linguístico de maneira mais ampliada (NEVES, 2022); segundo, pelo motivo de existir inúmeras expressões linguísticas que são menores do que a frase individual, mesmo que funcionem como enunciados completos e independentes dentro do discurso.

Embora nossa ideia não seja de evidenciar as divergências entre os “Funcionalismos”, vale ressaltar que a proposta de Hengeveld distingue-se da de Dik pelo fato de haver três níveis de gramática separados em ordem hierárquica, e que integram com os componentes cognitivo e comunicativo. Os três níveis são: o interpessoal, o representacional e o estrutural, e cada nível é um módulo separado em camadas que integram três componentes, a saber: gramatical, cognitivo e da expressão. Na GDF, o componente gramatical está ligado ao componente conceptual, ao componente contextual e ao componente de saída; o primeiro sendo externo à gramática, mas carrega consigo uma força condutora que está por trás do componente gramatical como um todo.

Os três níveis gramaticais apresentados integram o componente cognitivo, assim como interagem com o componente comunicativo, que representa a informação linguística que deriva do discurso dito, assim como a informação não linguística, perceptual, oriunda da situação de fala. E nesse componente contextual:

está uma descrição do domínio discursivo construído, na medida da sua relevância para a forma que o enunciado pode tomar, na sua sequência, considerando-se, ainda, a intervenção do componente contextual na elaboração de enunciados. O componente de saída, que gera as expressões, é, por sua vez, também externo ao componente gramatical, entretanto se faz com a informação que o componente gramatical faz. (NEVES, 2022, p.106)

Então, resumindo os três níveis, o interpessoal e o representacional são ligados por regras de mapeamento, que ocorre quando as intenções comunicativas são transmitidas pelo conteúdo semântico. E que, por sua vez, estão ligados ao nível da expressão por meio de regras de expressão, que ocorre quando só o conteúdo pragmático deve ser transmitido.

Fato é que em cada um dos níveis, o falante utiliza os componentes cognitivo e comunicativo, uma vez que o primeiro está para o conhecimento do falante, com suas competências comunicativa, linguística e conhecimento de mundo; e o segundo está tanto para a informação linguística oriundo de um discurso precedente, como também está para a informação de percepção não linguística oriunda da situação de fala.

A GDF de Hengeveld não pressupõe a existência de noções pragmáticas e semânticas do ponto de vista universal, pois entende-se que as representações de concepções similares podem receber diversas representações de cunho pragmático e semântico (NEVES, 2022). Assim, o modelo de Hengeveld capta as estruturas linguísticas em relação ao mundo que essas estruturas descrevem, bem como o que as intenções comunicativas condicionas as suas intenções.

No entanto, Hengeveld (2000) reconhece que os fatos apresentados em seu modelo não são novos para a Gramática Funcional, mas que pode contribuir para que haja uma integração no seio da teoria linguística.

2.1.4 Sistêmico-funcional

Embora até o momento estejamos fazendo uma linha de apresentação das escolas do ponto de vista geográfico, achamos necessário apresentarmos esta seção com o título acima mencionado, pois abrange uma grande área do Funcionalismo, dito por muitos estudiosos da área, como uma mudança de chave para os estudos

funcionalistas. A linha que está ligada à gramática funcional de Halliday é uma linha sistêmica. Dessa maneira, a teoria é muito utilizada como *Systemic Functional Grammar* – SFG (em português: *Gramática Sistêmico-Funcional -GSF*). Nesse aspecto, Neves (2010) aponta que a base hallidayana possa ser resumida com a ligação que Halliday (1978) faz sobre a linguagem com a elaboração de significado, com a inserção da pragmática nos diversos tipos de situação ou contextos sociais, gerado pela cultura.

Corroborando a respeito do pensamento de Halliday sobre o funcionamento da língua, Pena-Ferreira (2007, p.28) diz que “para ele, uma teoria sistêmica é uma teoria de significado como escolha, na qual a língua é interpretada como uma rede de opções”. Halliday carrega consigo traços que vai desde o Funcionalismo da Escola de Praga até o Funcionalismo etnográfico e contextualismo de Malinowski (NEVES, 2022). Porquanto, a teoria funcionalista hallidayana considera que a gramática é sistêmica, pois os enunciados são reproduzidos de acordo das escolhas linguísticas e necessidades comunicacionais dos falantes; é também funcional, pelo fato de procurar explicar como a língua é usada.

Para Halliday (1967) a interpretação linguística de cunho funcionalista está inserida em uma descrição sistemática, ou seja, a gramática ganha forma por meio de uma série de estruturas sistêmicas. A língua seria, para esse modelo de análise linguística, desenvolvida estritamente para atender às necessidades humanas, e o uso dos falantes que molda o sistema. Ainda segundo a concepção hallidayana, a linguagem - cuja propriedade mais importante é a capacidade que os humanos possuem para construir uma representação cognitiva da realidade, de modo que atenda suas demandas exteriores e interiores à língua – é a parte que responde certas necessidades expressivas, isto é, a forma que de alguma forma determinada por essas necessidades. Portanto, segundo Halliday (1985), a linguagem é funcional, pois ela se adequa de acordo com as necessidades regidas por suas funções comunicativas.

Halliday (1985) acredita que uma gramática funcional é, em sua origem, natural, pois o estudo pode ser explicado explicitando a forma como a língua é usada. Porquanto, é funcional à medida que constrói todas as unidades linguísticas, ou seja, cada unidade é importante do ponto de vista funcional e relação ao seu resultado. Corroborando nossa análise, Neves (2022, p.73) diz que para Halliday “a gramática toma a forma de uma série de estruturas em sistema, cada estrutura representando

as escolhas associadas com um dado tipo de constituinte”. A gramática de uma língua é um conjunto de redes sistêmicas, ou seja, a estrutura não define a língua, mesmo que ela seja parte primordial de sua descrição.

Seguindo com a concepção hallidayana, todas as línguas são organizadas em duas grandes metafunções: o “ideacional”, ou reflexivo, e o “interpessoal”, ou ativo. Elas seriam as manifestações, oriundo do sistema linguístico, mais gerais, que são a base de todos os usos da linguagem, ou seja, entender o ambiente (ideacional) e influir (interpessoal). No entanto, há ainda, segundo Halliday, o terceiro componente metafuncional, que é o “textual”, mas que associado aos dois, lhes confere relevância. E é por meio da função ideacional que os falantes e os ouvintes experienciam fenômenos internos à própria consciência, além de organizar e imprimir na própria língua suas experiências de mundo, suas reações, conhecimentos e percepções (PENA-FERREIRA, 2007). E são essas funções que ligam as redes sistêmicas, codificando significados diferentes.

Quanto à multifuncionalidade, Halliday (1985, p.20) prevê na investigação do cumprimento das várias funções da linguagem, mesmo que seja indissociável e mútua implicação. Além da investigação dos itens, segundo os diferentes limites de unidade, isto é, vai desde o texto pleno até os sintagmas menores que a frase (NEVES, 2022). Dessa forma, entrecruzam-se no tratamento, funções e níveis de análise. E o princípio da multifuncionalidade constitui a “chave para uma interpretação funcional da linguagem” (HALLIDAY, 1985, p.52).

Retornando à função *ideacional*, que está diretamente ligada à transitividade, que codifica a representação de mundo, quando destrincha os papéis dos elementos da oração. Por sua vez, a função *interpessoal* está ligada ao sistema modal, que codifica a troca, destrinchando as funções da fala. E por fim, não menos importante, a função *textual* está ligada aos sistemas de tema e informação, elemento que codifica a mensagem, especificando relações internas ao enunciado, além de especificar a relação entre enunciado e situação. Ainda na função *textual* está abrigada a noção de coesão, a parte semântica responsável pela dependência entre as funções do texto.

A questão fundamental, na gramática funcional de Halliday, segundo Neves (2022, p.81) é:

O modo como os significados são expressos, o que coloca as formas da língua como os meios para um fim, não diretamente como o fim. Quando ele

diz que a língua é um sistema semântico, Halliday não se refere, apenas, ao significado das palavras, mas a todo o sistema de significados de uma língua.

Portanto, um grande diferencial na teoria funcional de Halliday é a forte defesa de uma fixação na ideia de função que está intrinsecamente ligada ao papel do falante na vida sociocultural em que o indivíduo está inserido, levando a desenvolver uma gramática de teor paradigmático, em relação à noção de que um enunciado se define pelas escolhas que o falante usa para criar significados.

Resumindo, no âmbito geral sobre Funcionalismo, Halliday (1978) diz o seguinte:

se podemos variar nosso nível de formalidade ao falar ou escrever, ou passar livremente de um tipo de contexto para outro, usando a língua ora para planejar uma atividade organizada, ora para pronunciar uma conferência, ora para manter disciplinadas as crianças, é porque a natureza da língua é tal que tem todas essas funções integradas em sua capacidade total. (p. 126)

E é nesse contexto funcionalista que este trabalho e outros trabalhos de relevância se abrigam. Como, por exemplo, os trabalhos que estudam diferentes fenômenos linguísticos no âmbito do processo de *gramaticalização*, estão amparados no “guarda-chuva” do Funcionalismo por refletirem o limbo entre motivações internas e externas ao sistema. E esse equilíbrio só pode ser encontrado porque essas forças (internas e externas à língua) coexistem na teoria funcionalista, permitindo, assim, que exista uma gramática tal qual como ela é.

2.2 Língua e Gramática

Partimos do pressuposto que o item lexical *tomar* percorre um caminho “da gramática para o discurso”, ou seja, deixa sua categoria gramatical em sua essência para atender às necessidades comunicacionais de seus falantes. Então, a teoria funcionalista ampara este fenômeno, pois segundo Du Bois (1993, p.11) a gramática molda o discurso e o discurso molda a gramática, ou seja, "a gramática é feita à imagem do discurso", mas: "o discurso nunca é observado sem a roupagem da gramática". Nessa perspectiva, Neves (1997, p.15) ratifica:

É assim que as reflexões sobre o modo funcionalista de investigação da linguagem têm de começar pelo próprio modelo de interação lingüística. Na verdade, entender a gramática como sensível às pressões do uso - mais especificamente pela capacidade de escolha do falante na sua produção lingüística - é integrar a organização gramatical em uma teoria global da interação. Concebendo a língua como instrumento que estabelece relações comunicativas entre os usuários.

Neste sentido, a Linguística Funcional ampara nosso objeto estudo dentro de seu arcabouço, haja vista que os falantes usam o item *tomar* de diferentes formas no âmbito linguístico para atender suas necessidades de comunicação. Assim, é à luz do Funcionalismo que buscamos subsídios para a análise das construções “toma-te” e “toma-lhe”. Pena-Ferreira (2007, p.21) corrobora nossa linha de raciocínio, pois para ela o Funcionalismo concebe a língua “como um instrumento de interação social, reconhece na linguagem a manifestação do dinamismo das relações sociais, e considera, além dos aspectos sintático-semânticos, aspectos pragmáticos”. Nos aspectos sintático-semânticos seriam todas as línguas detêm de uma estrutura que leva em consideração esses dois aspectos, e pragmáticos, pois depende da intenção comunicacional do emissor em relação à mensagem que deseja passar ao destinatário.

Do ponto de vista gramatical, podemos dizer que a língua é suscetível às pressões de uso, com a tarefa central de correlacionar forma e significado, na linha discursivo-textual. Assim:

O funcionalismo é uma corrente linguística que, em oposição ao estruturalismo e ao gerativismo, se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas. (CUNHA, 2017, p.157).

Desta forma, podemos dizer que a gramática funcionalista é considerada emergente, pois está em constante construção, dada as circunstâncias e pressões de uso de seus falantes.

Apesar dessa teoria apresentar várias vertentes, todas têm uma base em comum, pois “uma análise linguística deve levar em conta a interação social, isto é, a consideração metodológica de que o componente discursivo desempenha um papel preponderante na gramática de uma língua” (PEZATTI, 2004, p.176). E levando em consideração a Escola Linguística de Praga, falamos do conceito de Tema-Rema, que de modo geral, abrange qualquer conceito funcional. Além disso, a perspectiva depende intrinsecamente da informação pragmática que os falantes compartilham durante a interação comunicacional.

Percebemos que nesta abordagem linguística, a carga funcional altera de acordo com a necessidade do falante em melhor expressar o efeito comunicacional que deseja. Desta forma, para a Linguística Funcional, o sujeito que fala determinada língua é o protagonista de toda a estrutura que rege a língua, por isso, para o

Funcionalismo, a gramática sempre está sujeita às pressões de uso, tornando-se assim uma gramática adaptável.

Du Bois (1985) diz que a língua não pode ser concebida como autônoma a fatores externos, por isso propõe que as gramáticas sejam vistas como *sistemas adaptáveis*. Mas por qual motivo ele as designa assim? Pois são parcialmente autônomas, por conta do sistema; e adaptáveis, por serem sensíveis a fatores externos. Assim sendo, podemos considerar que a gramática é maleável, sujeita a acomodação sob pressões de cunho comunicativo (PENA-FERREIRA, 2007).

A língua é vista, por Dik (1989), como instrumento social para fins comunicativos sociais entre humanos, e que não há no seu interior uma estrutura arbitrária, pois sua forma é resultado do uso, de maneira que só pode ser levado em consideração por causa da comunicação entre os falantes. E é somente no uso que a língua se realiza, de modo que os estudos linguísticos devem ser analisados de forma que englobe questões de cunho comunicativo dos falantes, que vai para além da abordagem linguística, ou seja, levar em conta fatores sociais é imprescindível para a obtenção de êxito em uma pesquisa dessa natureza.

Então, resumindo as principais ideias funcionalistas (PENA-FERREIRA, 2007), é válido apresentarmos alguns pressupostos de orientação funcional³:

- A linguagem não é um fenômeno isolado, mas, pelo contrário serve a uma variedade de propósitos (PRIDEAUX, 1987).
- A língua (e a gramática) não pode ser descrita, nem explicada como um sistema autônomo (GIVÓN, 1995).
- As formas da língua são meios para um fim, não um fim em si mesmas (HALLIDAY, 1985; DIK, 1997).
- Na gramática estão integrados os componentes sintático, semântico e pragmático (DIK, 1985, 1997; GIVÓN, 1984; HENGVELD, 1997).
- A gramática inclui o embasamento cognitivo das unidades linguísticas no conhecimento que a comunidade tem a respeito da organização dos eventos e de seus participantes (BEAUGRANDE, 1993).
- Existe uma relação não-arbitrária entre a instrumentalidade do uso da língua e (o funcional) e a sistematicidade da estrutura da língua (o gramatical) (MACKENZIE, 1992).

³ Cf. Neves, 2006, p.16.

- O falante procede as escolhas, e a gramática organiza as opções em alguns conjuntos dentro dos quais o falante faz as seleções simultâneas (HALLIDAY, 1973, 1985).
- A gramática é susceptível às pressões de uso (DU BOIS, 1993), ou seja, às determinações do discurso (GIVÓN, 1979).
- A gramática resolve-se no equilíbrio entre forças internas e forças externas ao sistema (DU BOIS, 1985).
- O objeto da gramática funcional é a competência comunicativa (MARTINET, 1994).

Na relação entre Gramática do ponto de vista Funcional e Cognitivismo, há uma dificuldade para o estabelecimento de uma fronteira entre as duas teorias, como aponta Nuyts (2007). Nesse aspecto, Tomasello (1998, 2003) considera em conjunto as direções funcional e cognitiva da pesquisa em linguagem, quando estuda processo de cognição social colocando ênfase no uso da língua e na aquisição da linguagem.

Nos estudos recentes de cunho funcional sobre gramática e discurso (GIVÓN, 1991; HEINE *et al*, 1991; BYBEE, 2003, 2005), pode ser observado a relação entre Gramática e Cognição. Assim, para Givón (1991), mesmo que em sua essência as línguas codifiquem, diferentemente, em um mesmo evento linguístico, há uma relação icônica entre o empacotamento cognitivo e o empacotamento gramatical. Em outras palavras, por trás do componente gramatical está um componente cognitivo, que nada mais é que o conhecimento do falante representado por meio de suas competências comunicativas e linguísticas.

Vimos em páginas anteriores que a gramática está em constante adaptação em decorrência do uso, uma vez que morfemas e estruturas gramaticais se renovam, enquanto uns desaparecem, outros surgem. Seguindo com essa linha de raciocínio, os itens lexicais representam aspectos concretos e básicos das relações entre ser humano e seu ambiente, dando notabilidade ao ambiente espacial e às partes do corpo.

Pode-se dizer, então, que um modelo cognitivista da Linguística, supõe-se que a estrutura das categorias da linguagem se realiza dentro dos mesmos princípios que norteiam a estrutura de todas as categorias humanas. Nesse aspecto, Lakoff (1987) considera a gramática uma categoria de construções gramaticais, que estabelece uma relação recíproca com o modelo cognitivo (caracterizando a significação) e os aspectos que correspondem às formas linguísticas.

A cognição em relação à linguagem ganha cada vez mais importância à medida que a formação da gramática é compreendida se levarmos em consideração o processo de gramaticalização, que ocorre quando um item lexical ou uma sequência de itens torna-se gramatical, isto é, um processo de *automatização* de sequências de elementos linguísticos que ocorrem com frequência. Nesse sentido, Bybee (2003) diz que o princípio de *automatização*, sob à luz de todas as atividades motoras, podem também ser vislumbradas no processo de gramaticalização.

Em linhas gerais, além dos pressupostos apresentados, como da *automatização*, podemos mencionar mais alguns, como: *habituação* e *emancipação*; *categorização*; e *rotinização*. Vejamos a seguir sobre cada um deles.

Sobre o primeiro, Bybee (2003, p. 154) diz que “habituação é o processo pelo qual um organismo não mais responde a estímulos repetidos, perdendo assim, sua força semântica”. Seguindo com *emancipação*, o autor complementa que “é o processo pelo qual a função instrumental original assume uma função simbólica inferida do contexto no qual ocorre”. Portanto, a repetição com frequência é responsável pela habituação, fazendo com que morfemas gramaticais percam seu significado lexical original, tornando-se, assim, mais amplo.

Por sua vez, a *categorização* “seria um processo mental de classificação, cujo produto são categorias cognitivas, ou seja, conceitos mentais armazenados em nossos cérebros” (CUENCA; HILFERTY, 1999, p.32), isto é, seria como um mecanismo que organiza a informação obtida a partir da apreensão da realidade, um fator preponderante para a funcionabilidade das línguas. Nesse processo de categorização há o que conhecemos por protótipo, pois as categorias linguísticas detêm de uma estrutura prototípica, e o membro que apresenta maior quantidade de propriedades que caracterizam essa categoria. Esse processo é responsável pela classificação dos demais membros dessa categoria. Além da importância desse conceito, o termo ainda reforça a relação entre gramática e cognição, na medida que entidades e categorias gramaticais são explicadas à luz da noção de categorização.

A *rotinização* é a responsável por estabelecer construções neuromotoras. Nessa linha de raciocínio, a gramática é edificada pelo fenômeno da repetição, Bybee e Thompson (1997) apresentam dois principais efeitos de repetição, a saber: o efeito de redução e o efeito de conservação. Sendo a redução com maior efeito na fonética, perdendo material fônico; na sintaxe, perdendo constituinte interna; e na semântica, perdendo conteúdo semântico. Em contrapartida, a conservação diz respeito às

expressões de alta frequência que ficam fixadas em nossas mentes. Portanto, podemos afirmar que as construções gramaticais são modificadas ou mantidas por meio do mecanismo da repetição, de acordo com as necessidades comunicacionais dos falantes.

Por esses motivos, consideramos que a gramática não é um produto pronto e acabado, pois há um processo de variação e mudança em seu curso original. Sobre esse processo de contínua adaptação inferimos o seguinte:

a gramática está em contínuo processo e que sua estrutura linguística apresenta uma relativa estabilidade, pois sincronicamente, a gramática exibe, de modo simultâneo, padrões regulares, rígidos e padrões que são completamente fixos, mas fluidos. (PENA-FERREIRA, 2007, 38-39).

Assim, podemos dizer que há na gramática formas que tendem a assumir novas funções, padrões relativamente novos que buscam estabilidade, o que resulta em uma reformulação da gramática. Ora, mas por que isso ocorre? Porque as gramáticas adaptam-se às necessidades comunicativas dos falantes.

Logo, a gramática seria, então, emergente por ter propriedades provisórias e que dependem do mesmo contexto que o signo linguístico. Desta forma, o termo *emergente* é visto como um movimento de contínuo que caminha em direção à estrutura. Podemos considerar, então, que a gramática está em constante transformação, haja vista todos os pressupostos aqui apresentados.

Corroborando com as ideias apresentadas, Hopper e Thompson (1994) dizem que a gramática é modelada por inúmeros fatores cognitivos, sociais e interacionais envolvidos na realização da linguagem. Dessarte, a gramática pode ser considerado um sistema adaptativo, em que forças motivadoras dos fenômenos externos são inseridos no domínio da língua, interagindo com as forças internas, competindo e convivendo sistematicamente uma com a outra (DU BOIS, 1985).

É de conhecimento de estudiosos do Funcionalismo Linguístico que o termo “gramática emergente” já recebeu inúmeras críticas, e, por esse motivo, de maneira mais polida, preferimos acreditar que a gramática está em um limbo entre o avanço e algo próximo do que seria estável. Neste sentido, Givón (1995) indica que categorias de cunho linguístico são categorias de protótipos que exibem estabilidade no centro e fluidez nas bordas. Em outras palavras, não há extremos, pois não há totalização de fixidez, muito menos de variabilidade.

2.3 Gramaticalização

O termo *gramaticalização*, segundo Neves (1997) começou a ser utilizado na China por volta do século X, mas somente no século XX ganhou sua primeira definição, que segundo Meillet é a “atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma”. Após essa primeira definição, vários linguistas debruçaram-se sobre este fenômeno, e Givón, estudioso já mencionado neste trabalho, na década de 1970, ao estudar as formas dos verbos africanos e descobrir que os afixos são frutos de arranjos de pronomes com verbos independentes, lançou o *slogan* “a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem”, ou “a sintaxe de hoje é o discurso pragmático de ontem”, para exemplificar que as línguas seguem o fluxo que pode ser descrito da seguinte maneira: discurso > sintaxe > morfologia.

Desta forma, compreendemos que é no discurso que as mudanças ocorrem. Esse fato faz clarear a ideia funcionalista de que é o uso da língua que molda a gramática.

Hopper e Traugott (1993) definem gramaticalização como o processo pelo qual itens e construções lexicais passam, em dado momento, a servir a funções gramaticais, e, já gramaticalizadas, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Resumindo, é o processo pelo qual um item sai do nível lexical e entra no nível gramatical.

Sobre se a gramaticalização pode ser considerada um processo, Gonçalves *et al* (2007) diz que além de ser considerada um processo, também pode ser designada como um *paradigma*, desde que seja observada num estudo da língua que foque a maneira como formas gramaticais e construções surgem e como são usadas. E é considerada um *processo* se o estudo se detiver na identificação e análise de itens que se tornam mais gramaticais. A gramaticalização pode também ser observada sob duas perspectivas: *diacrônica* e *sincrônica*. Pode ser *diacrônica* se a preocupação de estudo for a explicação de como as formas gramaticais surgem e se desenvolvem na língua; pode ser *sincrônica* se o estudo estiver voltado para a identificação de graus de gramaticalidade que um item linguístico desenvolve a partir dos deslizamentos do ponto de vista funcional a ela designados pelos padrões fluidos de utilização da língua, assim, sob a perspectiva discursivo-pragmático. Portanto, essa combinação pode resultar em um estudo *pancrônico*, que também é outra possibilidade metodológica.

Feito a ressalva acima, continuemos para dizer, então, que a gramaticalização pode ser considerada como regularidade, convencionalidade e

modo de rotinização. E como um processo de gramaticalização, uma construção deixa de ser um meio inovador e se transforma em uma estratégia comum.

Segundo Castilho (1997, p.31) a gramaticalização pode ser considerada como o:

o trajeto empreendido por um item lexical, ao longo do qual ele muda de categoria sintática (= recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações morfológicas, fonológicas e semânticas, deixa de ser uma forma livre, estágio em que pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização extrema.

Como originalmente concebida, a gramaticalização se instaura no momento em que uma unidade linguística passa a ter propriedades de formas gramaticais ou, se já possui *status* gramatical, tem sua gramaticalidade aumentada. Nesse ínterim, Heine e Reh (1984) dizem que a gramaticalização é uma evolução na qual as unidades linguísticas perdem complexidade semântica, liberdade sintática e substância fonética.

Para Traugott (1988), gramaticalização se refere ao estudo de mudanças linguísticas situadas no *continuum* que se estabelece entre unidades autônomas, localizadas em construções menos ligadas, e unidades que são dependentes, como clíticos, partículas auxiliares, construções aglutinativas e flexões.

Portanto, a gramaticalização pode ser considerada um tipo de produção de mudança linguística. No entanto, essa mudança é gradual, seguindo uma escala que sai do discurso, perpassando pela sintaxe, pela morfologia e pela morfofonêmica, seguindo a ordem da esquerda para a direita (PENA-FERREIRA, 2007). Essa unidirecionalidade é tida como a característica básica da gramaticalização.

Vale ressaltar os princípios de gramaticalização segundo Hopper, considerado um dos grandes estudiosos da área. Pena-Ferreira (2007) faz o seguinte levantamento a respeito dos princípios de estágios iniciais da gramaticalização segundo Hopper (1991):

- 1) *Estratificação (layering)*: dentro de um domínio funcional, novas formas estão sempre emergindo, mas isto não significa que as formas anteriores desaparecem; elas coexistem. Nesse aspecto, por exemplo, uma palavra passa ter vários usos, e cada uso corresponde a uma determinada camada dentro do domínio funcional. Hopper (1991) entende por *domínio funcional* algumas áreas gerais como tempo, aspecto, modalidade, caso e referência. E essas camadas podem ser representadas por itens lexicais, classes

particulares de construções ou registros sociolinguísticos; podem ser expressas por significados diferentes ou até mesmo por alternativas estilísticas. Em alguns casos, a estratificação pode ser a mudança de um estágio técnico para outro. Para exemplificar, alterações fonológicas, afixação, perífrases com auxiliares, para mostrar tempo e aspecto, podem ser exemplos de diferentes graus atingidos por camadas diferentes.

- 2) *Divergência*: este princípio está ligado ao fato de uma forma lexical sofrer gramaticalização (por exemplo, transforma-se em um auxiliar, um clítico ou um afixo), mas ainda permanecer no sistema como forma gramatical, ou seja, há a permanência da forma lexical de origem como um elemento livre que pode sofrer as mesmas alterações que um item lexical comum. Segundo este princípio pode haver várias formas etimologicamente comuns, mas com funcionalidades diferentes. A forma gramaticalizada pode ser idêntica do ponto de vista fonológico à forma lexical que ainda assim permanece autônoma.
- 3) *Especialização*: A construção emergente deixa de ser uma escolha a mais na língua, para ser uma forma progressivamente obrigatória. Hopper apresenta um exemplo bem conhecido de especialização: a negação em francês moderno: *il ne boit pas de vin* “ele não bebe vinho”. Nas sentenças negativas, o verbo é acompanhado por dois elementos, *ne* precedendo o verbo seguido do *pas*. Historicamente, o elemento responsável pela negação era *ne*, e nomes como *pas* “passo” serviam para reforçar a negação. Pode-se dizer que o nome reforçador se uniu ao verbo, sendo que os verbos de ação passaram a ser utilizado com *pas*, verbos que indicam ato de beber e comer eram acompanhados de *mie* “migalha de pão”, e assim por diante. Com o passar do tempo, esse reforço deixou de ser uma opção para se tornar a marca obrigatória de negação, competindo até mesmo com a partícula *ne* no francês coloquial.
- 4) *Persistência*: este princípio proposto por Hopper relaciona significado e função de uma forma gramatical a sua história como uma forma lexical. Em uma fase mais avançada de gramaticalização, como a morfologização, a relação entre a forma gramatical e a forma lexical é opaca, mas, em fases intermediárias, a opacidade pode não ser registrada. A persistência, então, diz respeito à permanência de traços do significado original; por mais que a forma mude, que

esta forma assumam novos significados, permanecem alguns traços de um uso anterior.

- 5) *Descategorização*: Este princípio está ligado à diminuição ou perda do estatuto categorial dos itens gramaticalizados. Por exemplo, um verbo, quando lexical, tem prioridades sintáticas e semânticas, como o número de argumentos implicados, a categoria morfossintática e a função semântica desses argumentos, além das restrições de seleção para sua realização lexical. Quando se gramaticalizam, os verbos assumem atributos das categorias secundárias e perdem a prioridade de, por exemplo, selecionar argumentos com os quais vão se combinar.

Outro grande teórico da área a apresentar alguns estágios da gramaticalização é Heine (1984). Segundo o levantamento de Pena-Ferreira (2007) sobre esses estágios, podemos observar os seguintes tópicos:

Estágio A: Nessa primeira fase, o verbo apresenta sua significação lexical plena, e o complemento verbal designa, tipicamente, um objeto concreto.

Estágio B: Essa é a fase na qual o verbo “começa a trilhar o caminho dos auxiliares”. O complemento passa a designar uma situação dinâmica, e é expresso ou por forma nominal do verbo (infinitivo, gerúndio, particípio) ou por uma completiva. Algumas características dos itens, nesse estágio, são relevantes:

- a) embora nominais, os complementos estão associados com formas não finitas;
- b) a identidade do sujeito entre o verbo e o complemento não é uma exigência;
- c) o complemento verbal pode ser expresso por uma das formas nominais;
- d) o complemento verbal pode ser expresso por uma oração completiva.

Estágio C: Nessa fase, as restrições de seleção do sujeito tendem a desaparecer, ou seja, o sintagma nominal sujeito não está mais restrito a referentes humanos, e o verbo passa a marcar algumas funções esquemáticas, como as noções de Tempo, Aspecto ou Modalidade. É nesta fase que são incluídos os quase-auxiliares, semi-auxiliares ou catenativos. É a “fase em botão” da gramaticalização. O verbo que se encontra nesse estágio, apresenta as seguintes características:

- a) o verbo passa a combinar-se com um verbo não finito como complemento, que agora designa atividade ou evento
- b) a identidade de sujeito entre verbo e complemento agora se torna uma exigência;
- c) o verbo e seu complemento referem ao mesmo tempo;

d) o complemento verbal é expresso por uma forma nominal, infinitivo, gerúndio ou particípio, podendo não admitir mais uma completiva.

e) o verbo perde a capacidade de expressar as distinções TAM.

Estágio D: Nessa fase, o verbo *decategoria-se*, ou seja, apresenta características como:

a) o verbo tende a perder suas características sintáticas, como a capacidade de formar frases de tipo imperativo, a nominalização, a apassivação;

b) o verbo deixa de ter complementos nominais;

c) o verbo associa-se a apenas uma forma nominal não finita.

Estágio E: O verbo perdeu muito das suas propriedades verbais, a ponto de ser percebido como uma outra categoria, que não a verbal. Não é negado separadamente e ocorre em outras posições na sentença. Por possuir ainda algumas propriedades verbais e, por isso, combinar características de verbo e de marcador gramatical, é considerado um “híbrido linguístico”. Durante esse estágio, os processos de cliticização e erosão começam a desencadear-se.

Estágio F: Nesse estágio, o verbo perde completamente todas as suas propriedades verbais e torna-se morfológica e sintaticamente um elemento gramatical, e o *se* complemento é revisto como sendo um verbo principal. O verbo muda de clítico para afixo. E é possível, por meio de traços morfossintáticos remanescentes, reconhecer a estrutura gramatical esquemática original.

Estágio G: É o estágio final, em que o verbo passa a ser um verdadeiro marcador gramatical reduzido a um afixo monossilábico, incapaz de receber tom ou acento distintivo, e o seu complemento perde todos os traços morfológicos adverbiais ou de nominalização, tornando-se um verdadeiro verbo principal.

Esses estágios podem ser relacionados a noções tradicionais quando se pensa em mudança linguística. Portanto, podemos considerar que nos estágios **A** e **B**, temos ainda um verbo pleno; no estágio **C**, o verbo assume papel de “semi-auxiliar” ou “quase-auxiliar”; nos estágios **D** e **E**, percebemos a noção de verbo-auxiliar em sua plenitude, pois é nesses estágios que o complexo auxiliar-auxiliado constitui uma verdadeira perífrase verbal; enquanto que no estágio **F**, temos um auxiliar e um afixo; e no estágio **G**, o último, temos um afixo ou uma desinência flexional.

Priorizamos nesta seção sobre gramaticalização os verbos, já que nosso objeto de estudo, em seu uso mais concreto, assume tal denominação. O verbo *tomar* é considerado de caráter polissêmico e, dentre os diferentes usos encontrados,

consideramos alguns, como o significado de PEGAR, ou seja, tomar algo para si, apossar-se, por ser o uso mais concreto. Podemos ainda observar usos como “tomar o ônibus”, “tomar as dores”; e de BEBER, isto é, ingerir alguma bebida. Mais adiante faremos referência a dicionários etimológicos e registros do corpus histórico do português que dará embasamento a essa tese. Considerando, os estágios propostos por Heine, que são sete, o verbo “tomar”, no que diz respeito ao estágio A, apresenta significado lexical pleno; e no estágio B, o uso verbal começa a abstratizar-se. Ou seja, considerando os estágios de Heine, podemos considerar que o verbo *tomar*, de fato passa por esse processo.

Esta seção de certa maneira motiva e introduz a próxima, pois falaremos sobre “gramática de construções”, uma abordagem relativamente nova sobre o que conhecemos por mudança linguística, e que, como observaremos, está muito interligado com a construção “toma-te/lhe”, que nos propusemos a analisar neste trabalho.

2.4 Gramática de construções

Sobre o termo “construção”, sua primeira aplicação, utilizada no âmbito do estudo das línguas humanas, data de Cícero, no primeiro século da era cristã (Goldberg; Casenhiser, 2010). A partir de então, o conceito de construção tem passado por diversas modificações, dependendo do nível de complexidade da esquematicidade da pesquisa (Trousalde, 2008).

De acordo com Goldberg (2010), pode-se defender a tese de que sentenças básicas da língua são exemplos de construções, isto é, “correspondências de forma-significado”, que passam a funcionar, nesta teoria, como unidades básicas e centrais da língua (OLIVEIRA; ROSÁRIO, 2016).

Trougott (2008, p.5) e Goldberg; Jackendoff (2004, p. 532) afirmam que a gramática de construções é uma abordagem sincrônica e possui as seguintes características:

- Forma e significado são pareados como iguais;
- A gramática é concebida de forma holística, ou seja, nenhum nível é central;
- A gramática é baseada no uso, isto é, está baseada nos falantes e nas experiências e vivências;
- Construções individuais são independentes, mas relacionadas em um sistema hierárquico com vários níveis de esquematicidade que podem interseccionar;

- Existe um cline de fenômenos gramaticais, desde o totalmente geral ao totalmente idiossincrático.

Por meio dessas premissas, a corrente construcional refina diversos conceitos e define “construção” como um *chunk* [“pedaço”] de língua automatizado e rotinizado, que é armazenado e ativado pelos falantes de uma língua (TRAUGOTT 2008).

Pesquisas funcionalistas em sua orientação mais recente, no diálogo com estudos cognitivistas, apontam a gramática construcional, dando ênfase ao pareamento Função x Forma, isto é, tratamento mais integrado de ambos, que marca as expressões linguísticas. Podemos considerar que esses estudos fazem parte do Funcionalismo da contemporaneidade que concebe, de acordo com Bybee (2010), a estrutura linguística como derivadas de processos cognitivos gerais. O estado atual da pesquisa de cunho funcionalista tem sido nomeado de Linguística Centrada no Uso (LFCU), ou Linguística Cognitivo-Funcional, como se encontra em Bybee (2010) Traugott e Trousdale (2013) ou, no Brasil, em Martelotta (2011), Oliveira e Cezario (2012), Oliveira e Rosário (2015), Teixeira (2015), Aguiar (2015) e Arena (2015), entre outros.

Esta nova abordagem de teor funcionalista causa impacto até mesmo na própria concepção de gramaticalização “que passa a incorporar de modo mais explícito a dimensão contextual, a cognitiva e a pragmática em suas definições mais recentes” (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2015). Assim, esta vertente assume um viés, de acordo com Traugott e Trousdale (2013), de concepção mais ampla de contexto, que abrange o entorno linguístico, contendo sintaxe, morfologia, fonologia, semântica, inferência pragmática, modalidade (escrita/falada), e que amplifica as propriedades, como a sociolinguística (perfil dos interlocutores, tempo e espaço da interação) e as discursivas (sequência tipológica e gênero discursivo).

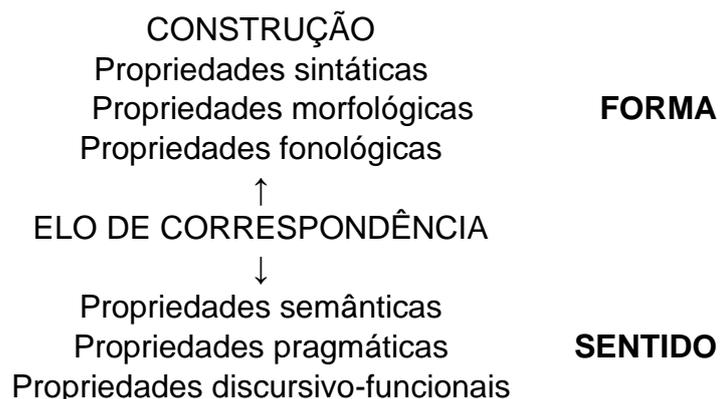
Um ponto fundamental no entorno dessa concepção teórica é sua definição, que para Goldberg (2006) é como um pareamento convencionalizado de sentido e forma, seria como um esquema simbólico a partir do qual são instanciados todos os integrantes da gramática. Nesse ínterim, Cesário; Oliveira (2016, p. 239) complementam que:

O sentido construcional é entendido como maior ou distinto em relação à soma do sentido de seus componentes; por outro lado, cada um dos componentes referidos concorre para que o sentido geral se instaure. Nesse modelo, o foco recai não em itens específicos, mas na instanciação de

esquemas, na relação entre subpartes e seu nível de vinculação. Trata-se, portanto, de relevante aproximação com a abordagem da mudança gramatical por expansão.

Neste sentido, a construção é vista como uma unidade gramatical básica e fundante. A língua é concebida como um conjunto de construções específicas e com hierarquia que, quando conectadas, compõem uma vasta rede, na qual se encontram interligadas a propriedades fonológicas, morfossintáticas, semânticas e pragmáticas. Em linhas gerais, a dimensão contextual defendida sob esse viés deve englobar a correlação entre o nível da forma (expressão) e o nível do sentido (função), seguindo linha contrária do que era feito até então, em que a investigação teórica e empírica prioriza um a outro nível. Seguindo essa linha de raciocínio, Croft (2001, p. 18) ilustra uma versão esquemática de traços semânticos-sintáticos que podemos observar a seguir:

Modelo de estrutura simbólica da construção radical



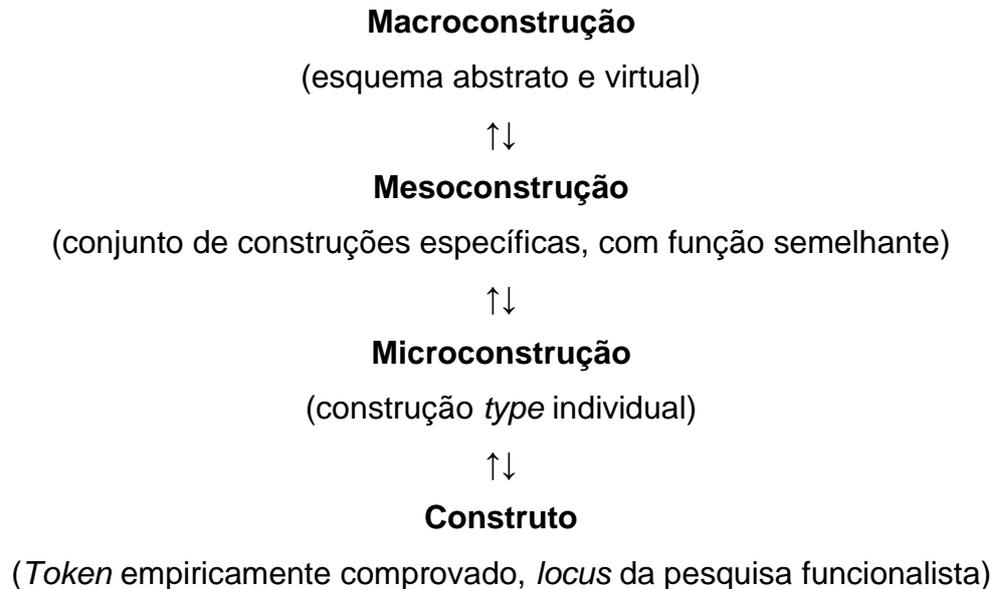
De acordo com o exposto, a construção define como um feixe de propriedades que se correlacionam em dois eixos centrais: forma e sentido. Neste modelo não há primazia de qualquer eixo, isto é, o foco está no próprio vínculo de correspondência simbólica que os caracteriza.

Outro fator preponderante nesta abordagem é a relevância do contexto em termos da inter-relação “função ↔ forma” para os tratamentos dos mecanismos envolvidos nos usos linguísticos (Traugott, 2011):

- *Neoanálise* (no lugar de reanálise): distinta ou uma nova análise, não necessariamente reinterpretação a partir de um sentido padrão ou preestabelecido; envolve metonimização, com destaque para relações associativas (podendo ser também criativas);

- *Analogização*: atribuição de um novo significado ou forma a partir de representações exemplares ou atratoras; trata-se de novos alinhamentos de sentido e forma na base de outros já existentes.

De acordo com Traugott (2008), a abordagem da gramática de construção, em termos de contexto, se dá da seguinte forma:



Aqui cabe ressaltar os termos utilizados por Traugott (2008), que foram resumidos por Rosário; Oliveira (2015):

Macroconstrução: grandes esquemas altamente abstratos, primitivos e possivelmente universais. Pareiam forma e significado, que são definidos por meio de uma estrutura com função definida. Nesse nível, os significados são bem gerais e de caráter mais morfossintático.

Mesoconstrução: grupos de microconstruções específicas, com comportamentos sintáticos e semânticos similares, em nível intermediário entre macroconstruções e microconstruções.

Microconstruções: Construções individuais.

Para ilustrarmos o exposto, com base na consideração dos seis fatores estabelecidos por Croft (2004), levando, também, em consideração os diferentes níveis de escala de Traugott (2008), trazemos dados do nosso *corpus*, que se baseia na construção marcadora discursiva formada por verbo e pronome oblíquo átono (V+Pro), a saber: *toma-te/lhe*.

(04) Toma-te! (SME04)

Contexto de uso: A construção é registrada em uma quadra de vôlei, quando uma pessoa acerta um ponto espetacular, um deles exclama a expressão, dando a entender uma felicidade pelo feito. Essa ocorrência retirada do nosso corpus denota felicidade, e do ponto de vista quantitativo a ocorrência de maior frequência é que denota felicidade.

Percebemos que a construção é composta pela proposição V+Pro, e que quando se juntam, esvaziam seus sentidos gramaticais para assumirem outro significado. O verbo *tem*, dentre um dos significados, o sentido de pegar algo, mas que a partir das microconstruções “*toma-te/lhe*” ganha outra conotação.

Assim, como podemos observar no excerto retirado do *corpus*, o estatuto gramatical *toma-te* não pode ser estabelecido em termos específicos sobre essa expressão, sem levar em consideração relações de contexto mais amplas. Pois então, assim, observemos que quando se juntam, em um contexto específico, atuam como marcador discursivo, num tipo de arranjo integrado e convencionalizado, observando o contexto e fatores de natureza pragmático- discursiva.

De acordo com Traugott (2008), para entendermos mudanças ou polissemias em padrões construcionais específicos, temos que nos atentar o ambiente imediato em que se inserem tais padrões, bem como olhar com atenção o que a autora nomeia de “cotexto”. Segundo ela, é preciso levar em conta cláusulas que antecedem e sucedem àquela em que os padrões estudados estão situados. Desse modo, a dimensão contextual (ou cotextual) depende do tipo de padrão pesquisado, mas que seja qual for o objeto de investigação, no arcabouço da LFCU, ficam ratificadas a relevância e necessidade das pesquisas englobar as relações contextuais (teórica e metodológica).

Nesse viés, a abordagem construcional rejeita divisões rígidas entre léxico e gramática, entre semântica e pragmática. Em contrapartida, ela prevê que a divergência entre esses campos é apenas quanto à complexidade de fenômenos linguísticos em estudo. Esse fato retoma os pressupostos fundamentais do funcionalismo linguístico de vertente norte-americana, guardada as devidas proporções.

Trousdale (2008) propõe conceito de “protótipo construcional”, pois todas as construções passam pelo processo de gramaticalização, e isso se dá a partir do momento em que as construções se esvaziam do núcleo conceptual do protótipo construcional.

Concebendo que as construções se mostram como divergentes em relação aos graus de esquematicidade, é possível dizer que uma construção pode adquirir propriedades de outras, e ainda que haja intercessões entre elas. Assim, segundo Fried (2008), as construções são o “*locus* de mudança” sob a perspectiva funcionalista.

Portanto, a gramática de construção é considerada uma linha de estudos em notória ascensão, pois como percebemos há diversos estudiosos abordando a temática em diferentes estâncias dos estudos funcionalistas, e que nela encontramos subsídios que amparam nosso trabalho, sobretudo a respeito da construção “*toma-te/lhe*”.

3 E TOMA-TE USOS:

Como pudemos observar ao longo do nosso arcabouço teórico, o item lexical *tomar* apresenta diversos significados, a depender do modo como ele é utilizado. Dessa forma fizemos um levantamento dos diferentes usos que o item pode apresentar em diferentes contextos, dos usos dicionarizados até os trabalhos que estudaram de maneira científica esse objeto de estudo.

3.1 **Tomar** de acordo com os dicionários

Para bem ilustrarmos e bem sedimentar nosso trabalho, é plausível registrar os principais usos dicionarizados acerca do item lexical *tomar*. E de acordo com o nosso primeiro registro:

tomar. [De or. Incerta.] **V. t. d.** **1.** Pegar ou segurar em; empunhar: *A Nação tomou armas em defesa de sua soberania; “Tomai as rédeas de vós do Reino vosso”*. (Luís de Camões, *Os Lusíadas*, I, 18). **2.** Agarrar, segurar: “Dizendo isto, Constâncio tomou o chapéu e saiu” (Joaquim Manuel de Macedo, *Os Romances da Semana*, p. 27.) **3.** Apoderar-se, apossar-se, assenhorar-se de. **4.** Arrebatat, arrancar, tirar. **5.** Roubar, furtar: *Pouco a pouco tomou todos os bens que administrava*. **6.** Capturar, conquistar: *Napoleão tomou Lisboa*. **7.** Invadir, assaltar: “Louco, aflito, a saciar-me / D’agravar minha ferida, / Tomou-me tédio da vida, / Passos da morte senti” (Gonçalves Dias, *Obras Poéticas*, I, p. 343). **8.** Preencher, abranger, ocupar: *O quadro toma toda a parede*. **9.** Ocupar ou preencher a junta (7) de. **10.** Contratar, assalariar: *Tomou dois criados*. **11.** Seguir (uma direção ou caminho); ganhar: *Tomou a estrada da direita e seguiu em frente*. **12.** Receber, aceitar: *Só tomo ordens de meu superior imediato*. **13.** Assumir, adotar, adquirir, apresentar: *Tomou, ultimamente, ares de rico; “Veneza ao pôr-do-sol toma aspectos nevoentos...”* (Olegário Mariano, *Toda uma Vida de Poesia*, I, p. 38). **14.** Aspirar, sorver: *Tomar rapé*. **15.** Comer (1): *tomar as refeições*. **16.** Beber, ingerir: *tomar água; “Quintino Bocaiúva e eu fomos tomar chá.”* (Machado de Assis, *Páginas Recolhidas*, p. 161); *“tomas à pressa o teu café com leite”* (Bernardo Guimarães, *O Seminarista*, p. 29). **17.** Engolir o conteúdo de: *Tomou um copo de leite*. **18.** Beneficiar-se de (conhecimentos, etc., transmitidos por outrem); ter: *tomar aulas*. **19.** Ser saltado ou surpreendido por; receber, levar: “Ontem

eu tomei um susto muito grande.” (Helena Morley, *Minha Vida de Menina*, p. 7.) **20.** Ser alvo de, ou homenageado, etc., com (coisa imprevisível e/ou, em geral, maçante, incômoda): *Quando menos esperava, começaram aplaudi-lo, e tome elogio, tome discurso*; “Você não vai ter paz, graças a mim! Tome televisão, retrato no jornal, capa de revista...” (Chico Buarque de Holanda, *Roda-Viva*, p. 18); *Foi à sessão da Academia e tome saudações e conferência.* **21.** Entrar em veículo e nele seguir viagem: “às três e quarenta, por aí assim, tomava o bonde” (Lima Barreto, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, p. 27). **22.** Mar. Medir: tomar a altura do Sol; tomar a distância da Terra. **23.** Vestir, envergar: “De volta da missa, tomaram de novo as suas alvas roupas de cassa” (José de Alencar, *Lucíola*, p. 178). **T. d. e i 24.** Tomar emprestado: “Certo indivíduo houve, que a título de empréstimo lhe tomou quantias mui avultadas” (Pe. Silvério Gomes Pimenta, *Vida de D. Antônio Ferreira Viçoso*, p.341). **25.** Suspender; sustentar, aguentar: Tomou a criança nos braços. **26.** Passar a ter (sentimento, emoção, etc.) por: “O pai tomara ódio à mãe” (Irene Lisboa, *Voltar atrás para quê?*, p. 12) **T. c. 27.** Gastar, consumir (tempo): *O meu trabalho toma um terço do dia.* **Transobj. 28.** Considerar; julgar: Tomaram-no por estrangeiro. **P. 29.** Ser invadido (por sentimento, emoção): Tomou-se de horror aos aventos; Toma-se de entusiasmo ante uma bela obra de arte. **30.** Deixar-se persuadir ou influenciar: *Não se toma dos conselhos que lhe dão.* **31.** Embeber-se, impregnar-se. **32.** Encher-se de bebida(s) espirituosas (s); embriagar-se, embebedar-se: “E vai o fidalgo e começou a tomar-se de vinho, a ver se esquecia a sua desgraça.” (Camilo Castelo Branco, *O Santo da Montanha*, p. 299) * **Tomar dentro.** *Chulo* Ser pederasta passivo. (FERREIRA, 2004, p. 1531)

Observamos que o verbo em questão apresenta diversos significados, e é de origem incerta como destaca Ferreira (2004). Até mesmo nos usos encontrados no verbete acima, o item lexical em questão altera de significado de acordo com a função que desempenha em diferentes níveis da língua até chegar no discurso.

Segundo o Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, Cunha (2010, p. 342) dá a seguinte definição no verbete: “**tomar** vb. ‘pegar, segurar’ ‘arrancar, tirar’ XIII. De origem incerta || **RETOMAR** XIII || **tomada** sf. ‘ato ou efeito de tomar’ XIII || **tomAMENTO** XIX.”.

No verbete acima, podemos observar a acepção do verbo em seu uso pleno, isto é, sem as abstratizações que ele apresenta na medida que a escala de gramaticalização avança. Ainda segundo Cunha (2010), também, observamos que a origem do vocábulo é incerta.

Em outro contexto (FERREIRA, 2004, p. 1531), faz menção ao item lexical da seguinte forma “**tomar**. [De or. Incerta.] **V. t. d. 1.** Pegar ou segurar em; empunhar.” O que de certa forma se diferencia dos usos na literatura, como observamos em “Os Lusíadas”, de Luís de Camões, “*A Nação tomou armas em defesa de sua soberania; Tomai as rédeas de vós do Reino vosso*” (CAMÕES, 1982, p. 18). Observamos que

o item em questão, se adapta de acordo com momento, o gênero e necessidade de uso.

Consultamos, também, o *Dicionário do Português Medieval*, para mostrarmos como é aceção do item lexical *tomar* dentro desse recorte, que foi desenvolvido por módulos: verbos, nomes próprios e comuns e termos, e está disponível no site “<http://cipm.fcsh.unl.pt/>”, desenvolvido pela Universidade de Lisboa. Nele, encontramos não só as conjugações encontradas nas obras por ele consultadas, mas também as construções do verbo *tomar* como verbo suporte, embora o projeto do referido Dicionário não mencione esse tipo de construção:

TOMAR. De orig.obsc. Ocorrências: 361. 1 tomar, ingerir: alguém toma algo. [— SN] e aa vesp(er)a da cea santa de Nosso Senhor **tom**a o santo corpo E o sangue de Nosso Ssenhor Jhesu Cristo; E de muita agoa que a noso parecer era esta meesma que vem teer aa praya em que nos **tomamos** agoa. **2 tomar, receber, apropriar-se:** alguem toma alg de/a alguem [— SN SP]: Quê ouro ou p(ra)ta **tomar** doutrĩ e o falsar mizc(ra)ndo cū out(ro) metal peyor aya a pãa [...] sub(re)dicta; E esto he mesmo de qual quer que **tom**a algũa coussa dos rromeyros e peregrinos que morrem, que o deuem rrestytujr a seus herdeyros, e sse co outra entêcon o tomar peca mortalmête.; E duas ou tres carapucas vermelhas pera dar la ao Senhor se o hy ouuese / nom curaram de lhe **tomar** nada E asy o mandaram com tudo. **3 tomar, aceitar:** alguem toma (a/em) alg [— (a/em) SN]: e elles deitavõ-lhas e ante que cayssem ã terra tomavõ-nas cõ tenazes de ferro acessas.; Mais dá-lo-edes em panos tomar, se vo-los derem, e ēn'os guardar e em vendê-los em aquel mercado.; Quem toma peendemça as portas da ygreia e torna mays aquel pecado.; alguém toma alguém por algo [— SN SP]: E chegou a hũa prouícia ã que nõ auia rey, e os homêes daquela terra uirã-no homẽ noble e pera muyto e sabedor e tomarõ-no por seu rey. **4 sentir:** alguém toma algo [— SN]: chorava hũa ssua filha assy come morta nõ ssabendo que era della. e que tomava grãde nojo mayormête que nom avia outra filha nẽ filho; E o ãuejosso de ligeiro toma sanha contra aquele que ha enueja.; E aly se metiam #iij ou #b ou eses que queriam nom se afastando casy nada da terra se nom quanto podiam tomar pee. **5 agarrar, segurar:** alguém toma alg. [— SN]: E o ango desapareceo entom e os dyaboos ((L)) logo cercarõ a alma de todallas partes. e tomarõ-na ((L)) e derom cõ ella dentro na casa.; lh(es)u Cr(ist)o Nosso Sen(hor) v(er)dadeiro De(us) e hom(ẽ) quãdo q(ui)s <F 58d> rreceb(e)r morte por saluar o mũdo estabeleceu p(er) ssy p(ri)meyram(ẽ)t(e) este sac(ri)fficio p(er) ssy meesmo aa q(ui)nta feyra da cea q(uan)do comeu cõ sse(us) deçip(o)los tom(ou) [o] pam e ho vinho nas ssas mãos; E entam pera o castical como que avia tambem prata ./ mostraran lhes hum papagayo pardo que aquy o capitam traz ./ tomaram no logo na mão E acenaram pera a terra como que os avia hy. alguém toma a alguém por algo [— SP SP]: E estas palavras asy p(er) el d(i)ctas <F 76v> tomou a mÿ per a maa como avia de costume ((L)) e assy ãtramos muyto a pressa em ssua camara ((L)).; O .xiiij. se alguũ toma por força a algũa molher e se casa con ella nom ha tãta pena por rrazom do matrimonio como se a forçase en outra maneyra e se nõ se casasse com ella.; E meteo se com eles a dançar tomando os pelas mãos E eles folgauam E Riam E amdauam com ele muy bem ao soom da gaita. toma-se alg [— SN]: ca sabudo he que todo porco que pello asopee vem direito nunca se toma, salvo se he de aventura, ainda

que o monteyro estê abastoso de alaão pera guardar a armada.; E entam o capitam feze se tomar ao colo de dous homeês E pasou o Rio E fez tornar todos. 6 assumir funções, tomar a seu cargo: alguém toma algo[— SN]: mais tu toma este trabalho e cava ((L)) a terra p(er)a podermos ssoterrar o santo corpo ((L)); e por minha desaventura sendo estas primeiras armas que eu thomei pera o servir, pareceme que he fforçado que as perca; 7 colocaralguém toma algo a lugar [— SN SP]: Enp(er)ouve-a de tomar ao pescoço. e êntrou ((L)) cõ ella pella ponte. 8 interpretar: Iguém toma algo (por algo)[— SN (SP)]; e eu o nõ ((L)) queria tomar por tal que gaanhasse mais meus ((L)) amigos do meu maaõ desejo; E depois mostrou o dedo pera o çeeo coma que lhes dizia alguũa cousa de bem E nos asy o tomamos. toma-se algo por algo [— SN SP]: E entom se toma por singullar e por plular sem deferença.; Em outra maneira sse toma por as pessoas eclesiasticas. 9 seguir: alguém toma algo [— SN]: E escolheo tomar vida ((L)) de monge. em os moesteyros de Palestina; Pequey outrosy nõ seêdo homildoso nem tomo o enxemplo de Ihesu Christo. 10 optar, escolher: alguém toma algo[— SN]: mais ante toma ((L)) plaz(er) e aleg(ri)a com os angeos porque Paia tomou ((L)) e escolheo a mylhor parte a q(ua)l av(er)a e posuira ((L)) p(er)a senp(er).; E tamto que a comcrusam foy tomada . pergumtou mais se seria boo tomar aquy per força huum par destes homeês pera os mandar a vosa alteza.; Mas ora leixa o conto a falar de rei Artur e de Samaliel e toma a Lançalot. 11 **encontrar alguém em determinada situacao:** toma-se alguém com alguém [— SN SP]: Mas nom sabia quem era Galaaz, ca em niũa guisa nom **se tomaria** com ele. **TOMAR CUIDADO: 1 tomar cuidado:** alguém toma cuidado. [—] que prol tem i ou quegenda o que **toma** tal **cuidado** com' ha posta ta fazenda.; E porê sandeu he o homê pilingrim e estranho que fora de sua terra se trabalha e **toma** grande **cuydado** de auer morada sollepne co pinturas e con ou[t]ros afeytamêtos notauées. **TOMAR DE TALAM: 1 tomar a decisao, fazer a sua vontade:** alguém toma de talam de fazer/acontecer [— (de) Vinf]: com aguca que **tomou de talam** de casar cedo, nom houv' i contrairo; **TOMAR EXEMPLO: 1. adoptar como exemplo:** alguém toma exemplo em alguém de fazer [— (SP) de Vinf]: E esto por **tomarmos** nos outr(os) **exêplo** ((L)) de fazer bem. ã nos guardarmos de mal. **TOMAR HOSPICIO: 1. hospedar-se:** alguém toma hospicio em lugar: [— SP]: Junctados asy os ((L)) dictos bispos, o bispo da cidade mandou que **tomassê** ((L)) e ouvessem **hospicio** e pousada na ig(re)ja do bem ((L)) aventureado m(ar)tir Sam Giaao. **TOMAR ORDEM: 1. tornar-se um homem do clero:** alguém toma ordem [—]: Entrando ena ordê algũũ homê ou molh(er) deue estar huũ ano en proua o q(ue) quiser **tomar ordê** de rreligio.; E os clerigos que **toman ordê** de relegion que chaman conuersos cortam os cabelos darredor e non rapan êcima a cabeça por que, como quer que deixem os beês temporaees, nom sse ocupan nos ofícios diuinaees. **TOMAR PENHOR . 1 tomar penhor, dar garantia:** alguém toma penhor por algo a alguém; [— SP SP]: Um escudeiro vi hoj' arrufado por **tomar penhor** a Maior Garcia, por dinheiros poucos que lhi devia; Jtem o segundo agrauamento que el tijnha os sseus fferregiees e as ssas vinhas tapadas como conpriam e que lhis nom mandara nem mandaua **tomar penhoras** ssen Razom; **TOMAR (POR) MULHER: 1. casar-se:** alguém toma (por) mulher alguém [— SN]: este homê boo **tomou por molher** hũa qual (con)pria a sseu linhagê; Nam queiras **tomar molher** da geraca de Canahaa mas vayte a Mesopotanya e toma molher das filhas de Laba teu tio; Quê prometeo simplezmente de entrar em hordê e depois leixou o uoto que fez **tomado molher** deue de fazer

peendencia tres anos. **TOMAR PRAZER: 1. alegrar-se:** alguém toma prazer (em lugar) [— (SP)]: Alegra-te asaz, filha de Sion, **toma prazer** em no coracom, filha d'Israel, ex o teu rey vem a ty sancto e salvador, elle meesmo prove sobinte sobre a sua' etcetera.; Item todo homem que se delecta em o pecado que ia fez e quando lhe uem em mête e **toma hy prazer. TOMAR TRABALHO: 1. transtornar-se, preocupar-se:** alguém toma trabalho [—]: - ssenhor por que **tomaste** tanto **trabalho** p(er)a ((L)) viir a nos. (TOMAR, 2024).

No *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, o verbo *tomar* é registrado da seguinte forma:

[De or. incerta.]. V. t. d. 1. Pegar ou segurar em; empunhar: 2 & 2. Agarrar, segurar: & 3. Apoderar-se, apossar-se, assenhorar-se de. 4. Arrebatat, arrancar, tirar. 5. Roubar, furtar: 2 6. Capturar, conquistar: 2 7. Invadir, assaltar: & 8. Preencher, abranger, ocupar: 2 9. Ocupar ou preencher a junta (7) de. 10. Contratar, assalariar: 2 11. Seguir (uma direção ou caminho); ganhar: 2 12. Receber, aceitar: 2 13. Assumir, adotar, adquirir, apresentar: 2 & 14. Aspirar, sorver: 2 15. Comer (1): 2 16. Beber, ingerir: 2 & & 17. Engolir o conteúdo de: 2 18. Beneficiar-se de (conhecimentos, etc., transmitidos por outrem); ter: 2 19. Ser salteado ou surpreendido por; receber, levar: & 20. Ser alvo de, ou homenageado, etc., com (coisa imprevisível e/ou, em geral, maçante, incômoda): 2 & 2 21. Entrar em veículo e nele seguir viagem: & 22. Mar. Medir: 2 2 23. Vestir, envergar: & V. t. d. e i. 24. Tomar emprestado: & 25. Suspende; sustentar, aguentar: 2 26. Passar a ter (sentimento, emoção, etc.) por: & V. t. c. 27. Gastar, consumir (tempo): 2 V. transobj. 28. Considerar; julgar: 2 V. p. 29. Ser invadido (por sentimento, emoção): 2 2 30. Deixar-se persuadir ou influenciar: 2 31. Embeber-se, impregnar-se. 32. Encher-se de bebida(s) espirituosa(s); embriagar-se, embebedar-se: & u Tomar dentro. Chulo. 1. Ser pederasta passivo. (AURÉLIO, 2019, p.564)

Para complementarmos os valores semânticos assumidos por esse verbo, utilizamos como referência os sentidos apontados por Houaiss (CD-ROM), segundo o qual, também afirma que o verbo *tomar* é de origem obscura e acrescenta a informação de Michaelis e Caldas Aulete: deriva de um saxão *tomian*; f.hist. 1152 *tomem*, sXIII *tomar*, sXIII *tomaron*, sXIII *tomaro*. Em seguida, o autor registra esse verbo com as seguintes acepções:

tirar (algo) de (alguém) e apossar-se desse algo; subtrair, arrebatat, usurpar; apropriar-se de; assumir, avocar; promover a conquista ou a invasão de; realizar apreensão ou a prisão de; apoderar-se de; capturar; prender (algo), segurando, ger. para utiliza-lo; empunhar, pegar; segurar com firmeza, para dar amparo, proteção; agarrar, sustentar (tb. fig.); segurar por baixo, impedindo que caia; aguentar, suspender, sustentar; lanchar mão de; fazer uso de, utilizar; receber (ser vivo) junto a si; oferecer refúgio, cuidados a; adotar, acolher, recolher; manifestar preferência por (alguém ou algo); escolher; ingerir (alimentos líquidos ou sólidos, medicamentos); engolir o conteúdo de; consumir; bebida alcoólica) em excesso; embebedar-se, embriagar-se; atrair (o ar, algum pó) aos pulmões; aspirar, sorver; fazer a

escolha de; preferir, selecionar; manifestar apoio a; sustentar'; pedir ou exigir (explicação, satisfação) [a alguém]; atribuir a si; arrogar-se, usar de; preencher (espaço, local); instalar-se em; ocupar; consumir, fazer uso de (tempo); instalar-se em (imóvel) pagando aluguel; alugar; v) contratar serviços de; escolher (alguém) como (companheiro, marido, socio); deixar-se penetrar gradualmente por (cheiro, líquido); impregnar(-se), embeber(-se); sentir-se assaltado ou invadido por (impressão, sentimento) [com relação a]; ser surpreendido por (forte emoção ou impressão); levar; invadir o espírito de (alguém), dominando-o; apoderar-se de, assaltar, avassalar; levar (algo) em consideração; refletir sobre; fazer uso de (meio de transporte), ocupar (veículo) para seguir viagem; ser atingido por; apanhar, expor-se; cair sobre; seguir ou encaminhar-se por; continuar avançando por; retirar (algo) de (algum lugar); ter êxito nos esforços envidados para a conquista de (objetivo); alcançar, conquistar, atingir; decidir-se por; escolher, preferir; ter como modelo; imitar, seguir; passar a ter, a apresentar; adquirir, assumir; passar a ter, a apresentar (determinada proporção, feição, aspecto); assumir, adquirir; cobrir-se com (qualquer roupa); vestir; colocar junto (o que se encontrava disperso); recolher, reunir, juntar; encontrar (alguém) [em determinada situação, local ou condição]; apanhar, flagrar, surpreender; receber (maus-tratos físicos ou morais); ser vítima de (pancada, surra); levar; sofrer penetração sexual; responsabilizar-se por; criar bloqueio ou obstáculo a; estorvar; receber como recompensa, favor, merecimento; aceitar; receber (ordem eclesiástica); receber (ordem, prescrição) de (alguém); ser alvo de (homenagem, crítica, aplauso, vaia), ger. imprevisível ou enfadonho; ter na conta de; considerar, interpretar; ter conhecimentos sobre (alguma arte ou ciência); receber (aula, instrução); determinar (dimensão, altura etc.) de; calcular, medir; fazer emitir em favor próprio (promissória, letra de cambio etc.); pedir emprestado. (HOUAISS, 2020, p.489)

Para concluirmos esse levantamento de usos dicionarizados, Houaiss faz a seguinte observação:

a) em algumas acepções, *tomar* funciona como *verbo pleno*, com seu próprio significado (p.ex., *tomar algo das mãos de alguém* = tira-lo de sua posse); enquanto em inúmeras outras, faz de *verbo-suporte*, constituindo, com o substantivo (que na gramática tradicional é seu objeto direto), um todo semântico (p.ex., *tomar parte em* = participar; *tomar banho* = banhar-se; *tomar ordens* = ordenar-se; *tomar uma decisão* = decidir; *tomar assento* = assentar-se etc.) **b)** neste segundo caso, a função do verbo pendula entre a de um elemento de semântica quase vazia e aquela de um verbo não exatamente pleno, mas ainda portador de certo valor semântico maior ou menor, conforme o caso; o estabelecimento de seu sentido depende dos substantivos que com ele ocorrem na posição de objeto, tornando o número de acepções enorme **c)** por sua importância, algumas acepções de *tomar*, usado como verbo-suporte, estão registradas no corpo deste verbete; diversas outras devem ser procuradas pelo substantivo que faz parte do objeto direto, como de *habito* no restante deste dicionário. (HOUAISS, 2001, p.349)

Nos dicionários pesquisados, salvo no Dicionário do Português Medieval, que começa fazendo referência ao ato de ingerir, mas logo sem seguida apresenta o sentido de “pegar”; a primeira acepção apresentada é de *tomar* no sentido de *pegar*,

o que nos leva a considerar essa acepção a mais concreta, ou seja, o uso mais concreto de *tomar* seria aquele cujo significado remetesse a *pegar*, como em: “se ele devolver a fita que **tomou** emprestado ele não vai ter fita pra tocar no toca-fita do carrinho do papai dele” (<https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>). Vale ressaltar que no decorrer do trabalho utilizaremos dados do Corpus do Português para embasar nossa pesquisa.

Em diferentes contextos, o item lexical *tomar* assume caráter polissêmico, pois é capaz de desempenhar diversas funções dentro ou fora do discurso, uma vez que no discurso se adapta às necessidades dos falantes, e na gramática é maleável justamente por ser adaptável na fala.

3.2 Outras possibilidades

A polissemia das formas linguísticas instiga interesse e enriquece a análise das línguas. O item lexical *tomar* é um exemplo disso. Vejamos que *beber* e *tomar* podem ser usados como sinônimos em alguns contextos, mas, ao contrário do que muitos podem imaginar, não existem sinônimos perfeitos (OLIVEIRA, 2021). Embora *beber* e *tomar* sejam sinônimos em alguns contextos, não o são em outros. Nesse caso, observamos que não há sinônimos perfeitos, sobretudo em relação aos verbos mencionados. A questão da sinonímia é bastante complexa com o verbo em questão, por exemplo:

1. *Bebeu* água? Está com sede? – *Tomou* água? Está com sede?
2. O que você gosta de *beber*? O que você gosta de *tomar*?
3. Se *beber*, não case. Se *tomar*, não case. *
4. Jesus, *toma* conta! Jesus, *bebe* conta! *

Observemos que em 1 e 2 a questão de sinonímia cabe perfeitamente, enquanto que em 3 e 4 não cabe. Então, seriam sinônimos até certo ponto, dependendo sempre do contexto. Portanto, varia de significado de acordo com a necessidade do falante, algo previsto na Linguística Funcional. A grande maioria de nosso arcabouço teórico se baseará no Funcionalismo Linguístico, que tem na interação verbal seu objeto de análise, ocupa-se dos fins a que servem as unidades linguísticas, ou, para elucidar a questão, das funções dos meios linguísticos de expressão, buscando no meio discursivo motivações para os fatos da língua. Por conseguinte, a linguagem é vista como instrumento cuja forma adapta-se às funções que exerce.

3.3 Tomando água de mares já navegados: estudos sobre o item *tomar*

Para que nosso trabalho tivesse embasamento, tomamos água de mares já navegados, buscando pesquisas científicas de relevância sobre o item lexical *tomar* em trabalhos de mestrado de doutorado. Para tanto, fizemos uma busca e seleção de trabalhos que certa maneira poderiam influenciar nossa pesquisa, como Ortega (2010), Santos (2011), Jesus (2014), Oliveira (2018) e Jesus (2019). Para tanto, decidimos realizar esse levantamento para verificarmos quais e de que modo as pesquisas estavam tratando o item lexical em questão.

3.3.1 Ortega (2010)

Em Ortega (2010) observamos relação do português arcaico do ponto de vista sincrônico levando em consideração o verbo como suporte, que segundo Neves (2002) se enquadra entre os verbos gerais, obtendo certo grau de esvaziamento do sentido lexical, mas que ao mesmo tempo conserva uma acepção que contribui para que o significado total seja explicado, isso de acordo com seu grau de gramaticalização. Assim, Ortega (2010) não avalia como verbo pleno, que normalmente expressa ação, estado ou outro significado que exprime predicado. Além dessas questões, Ortega (2010) baseia-as, também, na Linguística Funcional do ponto de vista da Gramaticalização. A pesquisadora observou que o item lexical em questão, na posição de verbo-suporte, o que ela chama de “detransitivização”, apresenta certa relativização, fazendo com que haja uma caracterização do sintagma nominal, ocorrendo, assim, uma inversão de funções.

Dessa forma, os principais objetivos do trabalho de Ortega (2010) é observar a Estrutura Argumental Preferida (EAP) de diversos verbos nas construções-suporte na sincronia atual do português; analisar as características do verbo *tomar* nas construções-suporte do português arcaico; e, por fim, comparar os dados deste estudo com pesquisas preexistentes do português atual em Pezatti (2002) e Cunha (2007).

A pesquisa realizada com as construções formadas pelo verbo-suporte *tomar* revelou alguns padrões para as construções, pouco documentadas, mas muito recorrentes na língua portuguesa desde a fase arcaica. Nos excertos extraídos de textos dos séculos XIII a XVI, Ortega (2010) comprovou a ocorrência do verbo *tomar* como verbo-suporte e também de caracterizações próprias dessas construções. A característica mais frequente foi a detransitivização, redução da valência verbal, com 34,11%. Em seguida, há as caracterizações do Sintagma Nominal, que não seria possível com um verbo pleno, com 28,24%.

Em poucos excertos, há a relativização, estratégia empregada na construção de orações relativas, tendo obtido apenas 8,24% do total. A autora observa, ainda, a ocorrência da ordem inversa, ou seja, em algumas construções o SN vinha anteposto ao verbo tomar com o qual construía o verbo-suporte.

Em relação à Estrutura Argumental Preferida, a autora observa que a EAP do português arcaico segue as regras de preferência do português atual, encontradas nas pesquisas de Pezatti (2002), Antonio (1998) e Araújo e Cunha (2007), ou seja, há uma preferência pelo não uso da informação nova no sujeito, sendo este, na maioria das vezes, elíptico (Si ou St). A estrutura mais recorrente foi St elíptico + O lexicalizado, ou seja, com apenas um argumento novo por oração. Em raros casos, ocorreu o inverso: o argumento lexicalizado foi St enquanto O estava elíptico. Em alguns casos, havia, ainda, dois argumentos lexicalizados, algumas vezes sendo um o St e o outro o O e, outras vezes, tendo dois objetos lexicalizados para a mesma construção.

Portanto, os estudos realizados por Ortega (2010) contribuíram para o andamento do nosso trabalho, uma vez que a autora comprovou a gramaticalização do item lexical *tomar* por meio dos seus métodos.

3.3.2 Santos (2011)

Seguindo com estudos acerca do item lexical *tomar*, Santos (2011), em sua tese, trabalha do ponto de vista da polissemia do verbo ao longo da história da língua portuguesa, e usa como aporte teórico a Linguística Cognitiva, utilizando textos de diferentes gêneros dos períodos arcaicos, clássico e contemporâneo da língua portuguesa. A autora ampara seu trabalho em um estudo diacrônico, abarcando a análise experiencialista da linguagem, além dos pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva. Nesta linha, Santos (2011) detecta possíveis mudanças, conservações e sobreposições de usos que se dão ao longo de toda a história da língua portuguesa. De maneira mais geral Santos (2011) chegou ao seguinte resultado:

Foi possível inferir que os distintos usos de “tomar” analisados nesta tese originaram-se direta ou indiretamente de uma base experiencial física. Constatou-se também que a conceptualização dos valores semânticos desse verbo não é aleatória nem arbitrária, pois, além de refletir experiências físico-motoras de deslocamento, contato e força, expressa a percepção de que o corpo humano, ao mesmo tempo em que ocupa um lugar no espaço, pode conter recipientes corpóreos e não corpóreos, estabelecendo assim distintas relações de posse. (p.263)

Do ponto de vista quantitativo, a autora registrou 860 ocorrências do verbo *tomar* em sua *corpora*, e ela enfatiza que não foram examinadas possíveis derivações de “tomar”, como “retomar”, “a tomada”, “tomadia”, nem foram analisados os casos de gramaticalização por recategorização, como “tomara”, apenas os usos de *tomar*.

Entre os domínios que são mais usuais de extensões metonímicas e metafóricas do verbo *tomar* a autora listou no *corpus* o seguinte:

a) o das relações, funções e serviços sociais; b) o mental ou epistêmico; c) o moral-religioso; d) o dos sentimentos e estados psicológicos; e) o da linguagem; f) o da direcionalidade; g) o temporal; h) o laboral e i) o dos elementos da natureza e atividades relacionadas. (SANTOS, 2011, p.107)

E no que diz respeito à multifuncionalidade do verbo *tomar* em diferentes épocas da língua portuguesa, diz o seguinte:

multiplicidade de sentidos de “tomar” evidencia-se em todos os períodos da língua portuguesa. Seus distintos valores semânticos elaboram-se a partir de intanciações de um ou mais usos nucleares configurados em uma matriz complexa de domínios básicos, a qual inclui o espaço, a força, o interesse humano, o controle e a posse, e a partir de projeções semânticas, experiencialmente motivadas por modelos cognitivos idealizados de deslocamento material e de posse física de objetos manipuláveis, para domínios alvos abstratos. (SANTOS, 2011, p.129)

Dessa forma, o estudo propiciou observar que que o processo ascendente e gradual de abstratização de *tomar* no português contemporâneo ocorreu simultaneamente com o aumento do número de ocorrências em que o verbo aparece como suporte, ou mesmo integrando formas fixas, o que já era possível ser visto no português arcaico, com menos intensidade, e ainda evidencia o desbotamento semântico contínuo e moderado que o item lexical vem apresentando com o passar dos anos, mas que, concomitantemente a isso, ainda preserva vestígios de sua significação básica, primária.

3.3.3 Jesus (2014)

Nesse íterim, a tese de Jesus (2014) fez um estudo acerca de *tomar* do ponto de vista do português escrito nos séculos XIV, XVII e XX, em que esclarece sua natureza, funções e restrições, então, fazendo assim um estudo sincrônico nos períodos citados acima. A autora embasa seu trabalho no Funcionalismo Linguístico, e busca ocorrências nos níveis acadêmicos, jornalísticos e literários nos séculos XIV,

XVII e XX do português europeu, e nos séculos XVII e XX, do português brasileiro no *Corpus do Português*, de Davies e Ferreira (2006). Uma de suas conclusões é que:

tomar é usado em configurações distintas da que ele tem originalmente como verbo pleno, ou seja, quando ele é núcleo da predicação e designa uma ação concreta de pegar, ao apresentar extensões de sentido, ao atuar como verbo-suporte e em expressões cristalizadas. (JESUS, 2014, p.187)

A autora, com base na perspectiva funcionalista da linguagem, leva em consideração as teorias sobre Gramaticalização para explicar o processo de mudança linguística pelo qual o item lexical *tomar* passa, em que ela analisa e descreve seus usos reais. Como alguns de seus resultados, Jesus (2014, p.171) diz que “o verbo tomar é produtivo nos séculos XIV, XVII e XX; (2) nos contextos em que atua como verbo pleno, o verbo tomar significa pegar; nos contextos em que atua como verbo estendido, tomar apresenta extensões de sentido”, ou seja, nos séculos mencionados, o verbo é usado de forma plena, no sentido de pegar.

Ainda segundo Jesus (2014), no século XIV o verbo pleno é mais frequente, em contrapartida nos séculos XVII e XX há o aumento no uso de construções com verbo suporte, com o acentuado desuso do verbo pleno, o que pode caracterizar uma possível gramaticalização, que seria a troca, por exemplo, de “banhar-se” por “tomar banho”.

E a autora elenca esses resultados em uma cadeia de gramaticalização da seguinte maneira:

A partir da análise do comportamento dos usos de *tomar* nos *corpora* constituídos, podemos delinear uma cadeia de gramaticalização que tem em um de seus extremos a categoria de verbo pleno e no outro extremo, a de verbo suporte. Como verbo pleno, “tomar” registra a acepção de “pegar”, “segurar”, por exemplo: *tomar as rendas*. Como verbo estendido, apresenta expansão de sentido e registra diversas acepções, a saber: seguir, beber, ouvir, fazer, decidir, ocupar, ter, dar, assistir, influenciar, sentir, confiscar, assumir, pedir, considerar, resolver, levar, atingir. Como expressão cristalizada, “tomar” registra sentidos que não é o literal, visto que todos os elementos da predicação funcionam como um todo e não é possível ocorrer qualquer fragmentação, por exemplo: *tomar pé*. Como verbo-suporte, a força semântica da predicação concentra-se no substantivo do SN, por exemplo, *tomar conhecimento* (= conhecer). O verbo-suporte, *tomar* sofre um esvaziamento semântico e compõe um significado global junto com o seu complemento direto, nem sempre correspondente ao significado que tem um outro verbo da língua. Na medida em que é vazio de sentido, o verbo-suporte veicula valores de natureza gramatical, contribui com pouca ou nenhuma informação para a frase, porque pode reduzir-se sem que o conteúdo global da frase se altere, já que o sentido da informação veiculada se concentra no nome. (JESUS, 2014, p. 229)

De maneira geral, os dados registrados pela autora nos três períodos linguísticos revelam que a frequência da forma plena sofreu uma queda, sendo 34% no período arcaico, 12% no período moderno e 3% no período contemporâneo; em contrapartida, há um aumento da forma gramatical, sendo 24% no período arcaico, 35% no período moderno e 59% no período contemporâneo. Com base nesses dados, a Jesus (2014) afirma que o verbo *tomar* passou e passa por um processo de gramaticalização.

3.3.4 Oliveira (2018)

Ainda que por meios diferentes, uma amostra na cidade de Goiás-GO, Oliveira (2018) faz um estudo acerca da multifuncionalidade do verbo *tomar*, o que de certa maneira tem relação com a polissemia do mesmo verbo que veremos em Jesus (2019). No entanto, Oliveira (2018) observa essa polissemia em dados reais de fala em uma amostra da cidade de Goiás, interior do estado de mesmo nome. Seguindo a maioria dos estudos já mencionados, Oliveira (2018) utiliza como pressuposto teórico a Linguística Funcional, só que a Centrada no Uso. De modo geral, o pesquisador chega aos seguintes resultados:

A partir das ocorrências extraídas, constatou-se que, dentre as quatro categorias: verbo pleno, verbo estendido, verbo suporte e expressão cristalizada, os cidadãos vilaboenses, na fala (dados obtidos do Projeto Fala Goiana), têm privilegiado os usos das categorias suporte e estendido. Uma possível explicação reside no fato de que as categorias pleno e expressão cristalizada são utilizadas em um contexto de uso mais restrito: o verbo pleno é altamente lexical e codifica sempre a mesma acepção. (OLIVEIRA, 2018, p. 129)

O autor continua dizendo que:

A expressão cristalizada, por sua vez, tem componentes altamente entrincheirados e também codifica sempre a mesma acepção. Em contrapartida, as categorias suporte e estendido podem ser empregadas em contextos diversos e, dependendo do sintagma nominal que acompanha o verbo, tendem a assumir acepções diversas. (OLIVEIRA, 2018, p. 130)

Observamos que Oliveira (2018) faz um link com o trabalho de Jesus (2014), pois sua hipótese inicial era de que o verbo poderia estar passando por um processo de gramaticalização, “como aponta o estudo de Jesus (2014), que analisa as ocorrências do verbo *tomar* de forma diacrônica para justificar que o verbo, com o passar do tempo, adquiriu funções mais gramaticais”, Oliveira (2018, p. 120).

Portanto, Oliveira (2018) chega à conclusão que o verbo *tomar* detém de uma rede esquemática e expansiva que ampara toda sua multifuncionalidade, e seus usos estão, majoritariamente, ligados à memória rica e ao processo de analogia.

3.3.5 Jesus (2019)

Neste sentido, continuando com as observações de trabalhos que nos dão a possibilidade de fazer essa ponte com o nosso trabalho, Jesus (2019) fez um estudo sobre acepções do verbo *tomar* em dicionários de língua portuguesa, que utiliza a metalexigrafia com base na teoria sentido-texto para embasar seu trabalho. Como resultado a pesquisadora diz o seguinte:

constatamos que muitos dos sentidos que o verbo tomar transmite são de fato polissêmicos, mas há outros que são homônimos. Nesta perspectiva, apresentamos duas propostas para o registro lexicográfico de tomar: uma “sugestão polissêmica”, em que se propõe a reorganização das acepções do verbo a partir da proximidade de sentidos (listadas na parte inicial do verbete) e do distanciamento de sentidos, registradas na parte final do verbete; e uma “sugestão homonímica”, segundo a qual o verbo tomar deve ter cinco entradas lexicais na nomenclatura de um dicionário de língua portuguesa. (JESUS, 2019, p.236)

Nesta perspectiva, observamos outra vertente muito difundida, mas pouco aproveitada, que são os verbos do ponto de vista polissêmico. Nesse viés, Jesus (2019) faz esse apanhado em dicionários de língua portuguesa, fazendo uma distinção muito importante que é separar os verbos que são homônimos.

De modo geral, a autora fez um apanhado de diversas acepções em diversos dicionários *on-line* e físicos, e ao final fazendo um comparativo entre os dados e observando o grau de abstratização no decorrer de seus estudos. Por se tratar de um trabalho de mestrado mais descritivo, ela deixa em aberto a possibilidade de retomar com o trabalho fazendo aprofundamentos necessários, como podemos observar no dizer da própria:

Sabemos que esta é uma análise preliminar e que, para que se possa tomar uma decisão sobre qual das duas soluções possíveis é a mais viável, seria necessário realizar uma pesquisa muito mais ampla, que verificasse quais acepções são, de fato, usadas pelos falantes da língua portuguesa, quais não são, e que novos sentidos esse verbo pode expressar. Essa é uma tarefa, quem sabe, para uma futura pesquisa. (JESUS, 2019, p.226)

Assim, os outros levantamentos feito neste trabalho que nos propusemos a fazer, como Oliveira (2018) que evidencia a multifuncionalidade do verbo *tomar*,

mostra que as acepções que autora não encontrou nos dicionários, está sendo usado no cotidiano das pessoas.

Portanto, a próxima seção é dedicada, também, a apresentar os usos que estão sendo usados pelas pessoas, mais precisamente na comunidade de fala da Santarém com a construção “toma-te/lhe”.

4. TOMA-TE: analisando os dados

Este capítulo tem o objetivo de apresentar as ocorrências da expressão “toma-te/lhe” no âmbito do *corpus* não sistematizado coletado pelo Gelopa. Primeiramente, faremos alguns apontamentos acerca da origem do verbo *tomar*, pois ainda que já tenhamos feito tal levantamento, achamos pertinente fazer essa retomada para introduzir as análises, para em seguida fazermos um cline (contínuo) do caminho que o item lexical *tomar* percorreu até se tornar o mais abstrato possível, que, neste trabalho, é a construção “toma-te/lhe”; e dos possíveis significados da expressão estudada neste trabalho: contentamento com a dor do outro, espanto/susto e felicidade. Adiante, propomos, seguindo os pressupostos que embasam esta dissertação, uma rede construcional da construção “toma-te/lhe” à luz do verbo *tomar*. Em seguida, apresentamos os resultados do teste de percepção, um importante passo que compõe a metodologia deste trabalho, e que corroborou as nossas hipóteses de significação da construção estudada. Por fim, apresentamos algumas considerações sobre as ocorrências registradas.

4.1 Cline da abstratização de *tomar*

Vasconcelos, em seu dicionário etimológico, considera as seguintes acepções do verbo *tomar*:

Tomar, v. tr. (sax. tômian). Pegar, segurar, sustentar, agarrar. Apreender, capturar: A guarda fiscal conseguiu tomar esta noite três almudes de álcool que alguns contrabandistas tentavam subtrair aos direitos. Adotar, aceitar; receber. Colher, apanhar, etc. Beber. Dirigir-se, seguir por. (VASCONCELOS, 1991, P.165)

É possível perceber, com o verbete acima e outras definições já apresentadas ao longo deste trabalho, ao que parece o sentido de “pegar” e “apropriar-se” são os sentidos mais concretos de *tomar*. Isso é observado desde o

português medieval, como podemos encontrar no Dicionário de Verbos do Português Medieval DVPM⁴ (1999) nos séculos XII e XIII:

TOMAR. De orig. Obsc. Ocorrências 361. **1 tomar, receber, apropriar-se:** alguém toma alg de/a alguém. [- SN SP] Quê ouro ou p(ra)ta tomar doutrí e o falsar mizc(ra)ndo cū out(ro) metal peyor aya a pãa [...] sub(re)dicta; E esto he mesmo de qual quer que toma algũa coussa dos rromeyros e peregrinos que morrem, que o deuem rrestytujr a seus herdeyros, e sse cõ outra entêçon o tomar peca mortalmête; E duas ou três carapucas vermelhas pera dar la ao Senhor se o hy ouuese ./ nom curaram de lhe tomar nada E asy o mandaram com tudo. **2 tomar, ingerir: alguém toma algo** [- SN] e aa vesp(er)a da çea santa de Nosso Senhor toma o santo corpo E o ssangue de Nosso Ssenhor Jhesu Cristo; E de muita agoa que a noso parecer era esta meesma que vem teër aa praya em que nos tomamos agoa **3 tomar, aceitar:** alguém toma (a/em) alg [- (a/em) SN] e elles deitavõ-lhas e ante que cayssem ã terra tomavõ-nas cõ tenazes de ferro acessas.; Mais dá-lo-edes em panos tomar, se vo-los derem, e n'os guardar e em vendê-los em aquel mercado.; Quem toma peendemça as portas da ygreia e torna mays aquel pecado. Alguém toma alguém por algo [- SN SP] E chegou a hũa prouícia ã que nõ auia rey, e os homêes daquela terra uirã-no homẽ nobre e pera muyto e sabedor e tomarõ-no por seu rey. **4 sentir alguém toma algo** [-SN] chorava hũa ssua filha assy come morta nõ ssabendo que era della. e que tomava grãde nojo mayormête que nom avia outra filha nẽ filho; E o ãuejosso de ligeiro toma sanha contra aquele que ha enueja.; E aly se metiam #iij ou #b ou eses que queriam nom se afastando casy nada da terra se nom quanto podiam tomar pee. **5 agarrar, segurar alguém** toma alg [-SN] E o ango desapareceo entom e os dyaboos ((L)) logo cercarõ a alma de todallas partes. e tomarõ-na ((L)) e derom cõ ella dentro na casa.; lh(es)u Cr(ist)o Nosso Sen(hor) v(er)dadeiro De(us) e hom(ẽ) quando q(ui)s <F 58d> rreceb(e)r morte por saluar o mũdo estabeleceu p(er) ssy p(ri)meyram(ẽ)t(e) este sac(ri)fficio p(er) ssy meesmo aa q(ui)nta feyra da cea q(uan)do comeu cõ sse(us) deçip(o)los tom(ou) [o] pam e ho vinho nas ssas mãos; E entam pera o castical como que avia tambem prata ./ mostraran lhes huum papagayo pardo que aquy o capitam traz ./ tomaram no logo na mão E acenaram pera a terra como que os avia hy. Alguém toma a alguém por algo [-SP SP] E estas palavras asy p(er) el d(i)ctas <F 76v> tomou a mÿ per a maa como avia de custume ((L)) e assy ãtramos muyto a pressa em ssua camara ((L)).; O .xiiij. se alguũ toma por força a algũa molher e se casa con ella nom ha tãta pena por rrazom do matrimonio como se a forçase en outra maneyra e se nõ se casasse com ella.; E meteo se com eles a dançar tomando os pelas mãos E eles folgauam E Riam E amdauam com ele muy bem ao soom da gaita . toma-se alg [-SN] ca sabudo he que todo porco que pello asopee vem dereito nunca se toma, salvo se he de aventura, ainda que o monteyro estê abastoso de alaão pera guardar a armada.; E entam o capitam feze se tomar ao colo de dous homees E pasou o Rio E fez tornar todos . **6 assumir funções, tomar a seu cargo** alguém toma algo [-SN] mais tu toma este trabalho e cava ((L)) a terra p(er)a podermos ssoterrar o santo corpo ((L)).; e por minha desavemtura semdo estas primeiras armas que eu thomei pera o servir, pareceme que he fforçado que as perca. **7 colocar alguém toma algo a lugar** [-SN SP] Enp(er)o ouve-a de tomar ao pescoço. e ãntrou ((L)) cõ ella pella ponte. **8 interpretar alguém toma algo** (por algo) [-SN (SP)] e eu o nõ ((L)) queria tomar por tal

⁴ Como o Dicionário de Verbos do Português Medieval, organizado por M.F. Xavier; G. Vicente e M.L. Crispim, 1999, encontra-se disponível apenas para consulta online, não é possível creditar-lhe as páginas.

que gaanhasse mais meus ((L)) amigos do meu maa desejo; E depois mostrou o dedo pera o çeeo coma que lhes dizia alguũa cousa de bem E nos asy o tomamos. Toma-se algo por algo [-SN SP] E entom se toma por singullar e por plular sem deferença.; Em outra maneira sse toma por as pessoas eclesiásticas. **9 seguir alguém toma algo** [-SN] E escolheo tomar vida ((L)) de monge. em os moesteyros de Palestina; Pequey outrosy nõ seẽdo homildoso nem tomo o enxemplo de Ihesu Christo. **10 optar, escolher alguém toma algo** [-SN] mais ante toma ((L)) plaz(er) e aleg(ri)a com os angeos porque Paia tomou ((L)) e escolheo a mylhor parte a q(ua)l av(er)a e posuira ((L)) p(er)a senp(er).; E tamto que a comcrusam foy tomada . pregumtou mais se seria boo tomar aquy per força huum par destes homeẽs pera os mandar a vosa alteza; Mas ora leixa o conto a falar de rei Artur e de Samaliel e toma a Lançalot. **11 encontrar alguém em determinada situação toma-se alguém com alguém** [-SN SP] Mas nom sabia quem era Galaaz, ca em niũa guisa nom se tomaria com ele. **TOMAR (A) CONTA** 1 Administrar alguém toma conta de algo [- SP] Poẽdolhe huũ tal exẽplo dizendo: Semelhauel he o regno dos ceos a huũ rey que quis auer conta cõ seus seruos e comẽçãdo a tomar a cõta huũ seruo lhe deuia doze mil marcos de prata nõ teẽdo per u lhos pagar, e mãdou que fose uẽdido ele e a molher e os filhos; E, por que o iffante dõ Johã era casado cõ sua filha, atrevẽdosse ẽ ele, dizia que querya tomar conta das rendas do reyno e saber como se despendiã, pareçendolhe que nõ eram despesas como devyã. **TOMAR A DIANTEIRA** 1 Passar à frente alguém toma a dianteira a alguém [- SP] Os da villa sahirõ a elles: Pero Rodriguez com dez de cavallo, e seteemta e çimquo homẽes de pee; e forom os de cavallo per outra parte, por lhe tomar a deamteira; e ja os de pee tiinhã as cabras tiradas aos corredores, e os de cavallo forom dar na çellada; a quall descuberta, leixaromsse todos hir dereitamente aa villa que era muito açerca. **TOMAR AGUA** 1 Abastecer-se de água potável alguém toma água [-]a casy noute a dormjr aa segunda feira depois de comer saimos todos em tera a tomar agoa. **TOMAR CONHECENÇA** 1 Tomar conhecimento toma conheçença alguém [-SN] a elles porem he muyto mais que a outro nehũũ, mayormente quando tomam conheçença, converssaçom e famyliarydade com algũa molher que he ou parece spiritual. **TOMAR CUIDADO** 1 tomar cuidado alguém toma cuidado [-] que prol tem i ou quegenda o que toma tal cuidado com' há posta ta fazenda.; E porẽ sandeu he o homẽ pilingrim e estranho que fora de sua terra se trabalha e toma grande cuydado de auer morada sollepne cõ pinturas e com ou[t]ros afeytamẽtos notauees. **TOMAR DE ÇAFARA** 1 Fazer ou promover a procriaçãõ de animais alguém toma de çafara algo [-SN] E em todo tempo ẽ seu termho criam muy bõos açores que hy tomã de çaffara, que husam mais caça e som melhores que os outros e son muy fremosos. **TOMAR DE TALAM** 1 tomar a decisãõ, fazer a sua vontade alguém toma de talam de fazer/acontecer [- (de) Vinf] com aguça que tomou de talam de casar cedo, nom hou' i contrairo. **TOMAR EXEMPLO** 1 adoptar como exemplo alguém toma exemplo em alguém de fazer [- (SP) de V inf] E esto por tomarmos nos outr(os) exẽplo ((L)) de fazer bem. ẽ nos guardarmos de mal. **TOMAR HÁBITO** 1 Ordenar-se padre ou monge, entrar para o convento alguém toma hábito [-]E, quando vyo que era acerca da morte, tomou o avito de Santiago e morreo en elle. **TOMAR HOSPICIO** 1 hospedar-se alguém toma hospício em lugar [-SP] Junctados asy os ((L)) dictos bispos, o bispo da çidade mandou que tomassẽ ((L)) e ouvessem hospicio e pousada na ig(re)ja do bem ((L)) aventurado m(ar)tir Sam Giãõ. **TOMAR ORDEM** 1 tornar-se um homem do clero alguém toma ordem [-]Entrando ena ordẽ algũũ homẽ ou molh(er) deue estar huũ ano en proua o q(ue) quiser tomar ordẽ de rreligiõ.; E os clerigos que toman ordẽ de relegion que chaman conuersos cortam os cabelos darredor e non rapan ẽçima a cabeça por que, como quer que deixem os beẽs

temporaees, nom sse ocupan nos ofiços diuinaees. **TOMAR PELAS MÃOS** 1 Dar as mãos alguém toma as mãos a alguém [-SP] E a alem do Rio amdauam mujtos deles damçando E folgando huūs ante outros sem se tomarem pelas maãos E faziam no bem . pasou se emtam aalem do Rio diego diiz almozarife. **TOMAR PENHOR** 1 tomar penhor, dar garantia alguém toma penhor por algo a alguém Um escudeiro vi hoj' arrufado por tomar penhor a Maior Garcia, por dinheiros poucos que lhi devia; Jtem o segundo agrauamento que el tijna os sseus fferregiees e as ssas vinhas tapadas como conpriam e que lhis nom mandara nem mandaua tomar penhoras ssen Razom. **TOMAR (POR) MULHER** 1 casar- se alguém toma (por) mulher alguém [-SN] este homē bóó tomou por molher hũa qual (con)pria a sseu linhagē; Nam queiras tomar molher da geraçã de Canahaã mas vayte a Mesopotanya e toma molher das filhas de Labã teu tio; Quē prometeo simplezmente de entrar em hordē e depois leixou o uoto que fez tomãdo molher deue de fazer peendença tres anos. **TOMAR POSSE** 1 Empossamento alguém toma posse de algo [-SP] e Aç(er)ca do logar daRanha p(or)tos o d(i)to Johã vjçent(e) ((L029)) tomou pose da d(i)ta vj~nha p(er)a o d(i)to moestey'ro (e) ã nome do d(i)to moesteiro ((L030)) p(er) t(e)rra (e) p(er) Eruas (e) Çepas (e) vides da d(i)ta vj~nha Asj. **TOMAR PRAZER** 1 alegrar-se alguém toma prazer (em lugar) [- (SP)] Alegra-te asaz, filha de Sion, toma prazer em no coração, filha d'Israel, ex o teu rey vem a ty sancto e salvador, elle meesmo prove sobinte sobre a sua' etcetera.; Item todo homem que se delecta em o pecado que ia fez e quando lhe uem em mēte e toma hy prazer. **TOMAR TRABALHO** 1 transtornar-se, preocupar-se alguém toma trabalho [-] ssenhor por que tomaste tanto trabalho p(er)a ((L)) viir a nós.

Assim, considerando que a principal característica do uso mais concreto do verbo *tomar*, sendo um traço semântico compartilhado por todos os usos, isto é, a ideia de pegar algo, no sentido de apossar-se definitivamente ou temporariamente de algo, acreditamos que esse seja seu uso mais conceptual. Sob tal ótica, uma construção em que o verbo *tomar* apareça com seu uso mais concreto, apresenta características típicas dessa classe gramatical, como possibilidade de flexão em pessoa, número, tempo, modo e voz, dessa forma, um verbo autônomo. Em síntese, a ideia *de apropriar-se de algo* será considerado neste trabalho sentido mais concreto do item lexical *tomar*, como em “tomar as terras”.

Vejamos que a acepção mais concreta do verbo *tomar* sofre uma abstratização na medida que avança em direção à construção que nos propusemos analisar neste trabalho. Para elaborar o cline de abstratização de *tomar* e enriquecer a amostra de ocorrências do objeto em causa, recorreremos ao bando de dados *corpus do português*, disponível em “<https://www.corpusdoportugues.org>”. Utilizamos apenas ocorrências do século XXI, na tentativa de encontrar a construção “toma-te”, mas a ausência da construção no *corpus* pesquisado parece comprovar que o uso de “toma-te” faz parte da variedade do português santareno e só registrado, de forma

pontual, em contexto de interação. Assim, partimos do uso mais concreto ao mais abstrato:

1) Sentido mais concreto (ocorrência retirada do corpus do português, disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>)

a) “Eu não tive coragem de vir dirigindo. **Tomei** o ônibus das duas e vim chorando de Campinas até aqui.”

↓

2) Sentido de verbo estendido⁵ (ocorrência retirada do corpus do português, disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>)

b) “eu ia uma vez por mês **tomar** um chope com uns amigos no Bar Recreio, na Praça José de Alencar.”

↓

3) Sentido de verbo suporte (ocorrência retirada do corpus do português, disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>)

c) “Eu me sinto uma atriz épica. Esse tipo de ator **toma** partido até na escolha do texto.”

↓

4) Sentido mais abstrato de *Tomar* (ocorrência retirada do nosso corpus)

(SFE05) “**Toma-te!** Não acredito.”

Percebemos que quanto mais o cline avança mais perde o sentido mais concreto, que é o de pegar algo. Notamos que em (a) a estrutura da superfície que o verbo exige para descrever tal situação requer o sentido “pegar”. Então, o papel semântico do sujeito é sempre de “pegar” ou “apropriar-se” de algo, e o papel do objeto é de possuído.

Assim, em (a) com “**Tomei** o ônibus das duas e vim chorando de Campinas até aqui” percebemos o uso mais concreto nessa escala de abstratização, pois passa a ideia de pegar algo, ainda que não seja no sentido de tocar com a mão. No exemplo o agente pegou o ônibus para se deslocar, ou seja, nesse uso mais concreto o sujeito apresenta traço [+animado] e [+humano], haja vista que o sujeito é humano e apresenta traços animados típicos do homem; o que não ocorre em (b) “eu ia uma vez por mês **tomar** um chope com uns amigos”, pois a escala ainda que permaneça

⁵ A proposta de categorização do verbo *tomar* como estendido encontra-se nos estudos de Jesus (2014). A autora compreende o verbo nesta condição àqueles que, a partir de um grupo específico de argumentos, passam a assumir uma acepção diferente daquela de origem.

[+animado] e [+humano], não é mais no sentido de “pegar”, e sim de ingerir, o que torna o verbo como estendido, pois há esvaziamento do sentido mais concreto, isto é, já está no cline da abstratização. Em (c) “Esse tipo de ator **toma** partido até na escolha do texto”, o cline de abstratização avança um pouco mais, pois há perda semântica do uso mais conceptual; na ocorrência (d) “**Toma-te!** Não acredito”, temos o uso mais abstrato na escala do contínuo, que é quando o sentido se esvazia totalmente de seu uso mais conceptual.

No caso do (b) o verbo assume uma acepção diferente da forma mais concreta, por isso a denominação de estendido, no caso sua significação é de ingerir. Ademais, para que haja essa acepção diferente, é preciso que o verbo seja utilizado junto a um sintagma nominal. Pois ao ser utilizado juntamente com um sintagma nominal que denota ingestão por parte do sujeito, o verbo assume papel de ingerir. Vale salientar, ainda que o objeto do verbo seja trocado por outro de valor semântico igual ou similar, como “*tomar água*”, o verbo não sofre mudança semântica.

No entanto, a depender do contexto, é possível que ele volte a ter sentido mais concreto, como em “*José tomou chope de João*”. Nesse caso, o verbo pode assumir diferentes acepções, o de tomar posse ou de ingerir, passando a ter sentido ambíguo, pois não tem como afirmar se José ingeriu a bebida que pertencia a João ou apropriou-se da bebida.

No caso de (c) denominamos como verbo suporte, que para Neves (2000) recebe essa denominação porque ele dá suporte ao substantivo na construção do significado de construções do tipo *verbo + sintagma nominal*. Dessa forma, vale ressaltar os tipos semânticos em que podem ser considerados verbos-suporte, segundo Neves (2000):

Ação: por exemplo, *dar um chute, fazer uma viagem*.

Processo: por exemplo, *tomar conhecimento, tomar impulso*.

Estado: por exemplo, *ter conhecimento, ter noção*.

Há ainda outro fator preponderante do verbo suporte, ele pode ser substituído por um verbo pleno que possua valor semântico parecido, como podemos perceber no excerto retirado do Dicionário do Português Medieval:

E porê sandeu he o homẽ pilingrim e estranho que fora de sua terra se trabalha e **toma grande cuydado** de auer morada sollepne cõ pinturas e con ou[t]ros afeytamẽtos notauees. (DVPM, 1999, grifo nosso)

Vejamos que *toma grande cuydado* poderia ser trocado por *precaver-se*.

Assim, quando o item lexical *tomar* assume papel de suporte em uma oração, ele se diferencia do pleno e do estendido. Há apenas um argumento, sendo que, em alguns casos, pode funcionar como parte integrante do verbo, não sendo considerado um novo argumento. Para elucidar tal questão, Oliveira (2018, p.104) diz o seguinte sobre essa diferença:

diferentemente dos verbos estendidos, que possuem um grupo de SNs que compartilham entre si uma relação semântica passível de ser associada com a acepção do verbo, caso do grupo SN *ingeríveis*, que acionam o sentido de *ingerir*, quando retratamos os verbos suportes, não há um grupo de SN que acionam uma acepção comum para o verbo *tomar*. Dessa forma, cada uma das ocorrências deve ser considerada como uma construção singular, mesmo compartilhando algumas características semelhantes.

Por fim, em (d) é quando o verbo está inserido em uma construção cristalizada, ou seja, quando ele perde totalmente seus traços semânticos mais concretos e se torna altamente abstrato. Dessa forma, não há a possibilidade de haver Sintagma Nominal na composição da expressão, além disso há a dificuldade de encontrar um verbo que substitua *toma* e mantenha o mesmo teor semântico. Salientamos que seja difícil, mas não impossível, pois no caso específico do “toma-te”, como é uma expressão de cunho regional, em alguns casos os falantes trocam por “pega-te” sem alterar seu valor semântico. No entanto, parece que seja algo específico da construção em análise, pois em outras, de conhecimento mais amplo, como “toma lá dá cá”, a expressão se cristaliza a tal ponto que é difícil trocar o verbo por outro e que mantenha o mesmo significado, ainda que coloque “pegue lá dá cá” parece que o perde traço semântico e de cristalização da construção.

Na construção estudada neste trabalho não há a presença de Sintagma Nominal, pois não há sujeito ou objeto, assim, não tem a distribuição semântica em cada integrante como nos casos (a), (b) e (c). Esse agrupamento da construção é tão forte, que é impossível trocar os elementos que a compõe, ou de inverter a ordem como “te toma”. Além disso, no caso de “toma-te/lhe” não é observado o fator da variação de gênero, número e modo, fatores que caracterizam esses verbos. Por isso dizemos que o verbo *tomar* se abstratiza na chamada expressão cristalizada, transformando-se em um componente entrincheirado na construção.

Outro componente que faz parte da construção e precisamos abordá-lo é “te”, pronome oblíquo átono relacionado à 2ª pessoa do singular. Podemos observar nos casos acima que não é possível atribuímos o valor de complemento na construção “toma-te”, assim como em sua variação “toma-lhe”. No entanto, o traço

semântico ainda sugere ser destinado à 2ª pessoa. A forma de pronome se esvazia e se junta ao “toma”, também já esvaziado do sentido mais concreto, formando uma só construção de sentido diferente do sentido mais concreto de ambos.

Portanto, conforme apresentamos nesta seção, o item lexical *tomar* é empregado em diferentes valores semânticos, mas somente na expressão “*toma-te*” e sua variação “*toma-lhe*” há um esvaziamento de forma completa, porque não apresenta nenhum sentido atribuído ao verbo *tomar* e ao pronome *te* em seus usos mais concretos. Assim, nas acepções apresentadas como uso mais conceptual, anteriormente à construção “*toma-te/lhe*”, assumem traço semântico de *pegar* ou *apossar-se* de algo, ainda que seja em um sentido mais genérico em alguns casos, a depender do nível de abstratização dentro do cline. Vejamos mais alguns exemplos retirados do Corpus do Português, respeitando o contínuo de esvaziamento semântico:

- a) “esse conjunto de fatores contaminou o mercado à vista e passou a valer a pena **tomar** dinheiro emprestado”.
- b) “Porque ele faz muito melhor o realismo do que o teatro. No cinema você **toma** um ônibus de verdade.”.
- c) “Para evitar que a criança pegue uma infecção é preciso **tomar** uma injeção”.
- d) “um regime que não me deixava **tomar** café, coisas assim. Foi fácil fazer.”.
- e) “As 8 da noite em ponto, vou para a sala, começo a **tomar** meus uisquinhos”.
- f) “todas as vezes que você **toma** banho qual a sua primeira preocupação”.
- g) “**toma** os Estados Unidos pra as coisas boas a gente **toma** ele pras coisas ruins também”.
- h) “O governo tem de **tomar** medidas para resolver esse paradoxo.”.
- i) “política neoliberal que leva o País ao caos. É lamentável a atitude que ele **toma**, neste momento.”.
- j) “Se tem funcionário para soltar a gente de manhã para **tomar** sol, porque não soltam também à tarde?”.

Observemos que nos registros acima há presença de *tomar* como verbo na acepção mais concreta em (a) e (b); a partir de (c) observamos que cada vez mais se abstratiza, perdendo seu significado mais conceptual. Embora haja casos, como nos exemplos acima, em que não há explicitude da pegar algo, há registros do ato pegar alguma coisa ingerível e beber, ou o ato de banhar-se, sentir-se, bronzear-se etc., sempre relacionado ao agente, ou seja, na medida que o cline avança, o uso mais

concreto se esvazia semanticamente assumindo novos sentidos. A partir de (c) o sentido mais concreto começa a se abstratizar, perdendo seu significado mais concreto. Os demais casos continuam o cline de abstratização. Conseguimos perceber que há uma escala de esvaziamento do ponto de vista semântico que se abstratiza totalmente ao chegar na construção já gramaticalizada “toma-te/lhe”. Por isso consideramos a expressão um caso especial e que nos propusemos a estudar neste trabalho.

O fato de haver uma relação do ponto de vista semântico de *tomar*, pode indicar que o esvaziamento não acontece de maneira abrupta entre os usos e que é possível, a partir da teoria da construcionista, formar uma linha coerente que mostre os diferentes usos de *tomar* até chegar à construção que é nosso objeto de investigação.

4.2 TOMA-TE: à luz da teoria construcionista

Sabendo que o item lexical *tomar* pode exprimir diferentes situações comunicacionais e pode ser empregado com diferentes funções no enunciado, mas que, por aproximação de semelhança de usos, é possível conceber diversas categorias para ele.

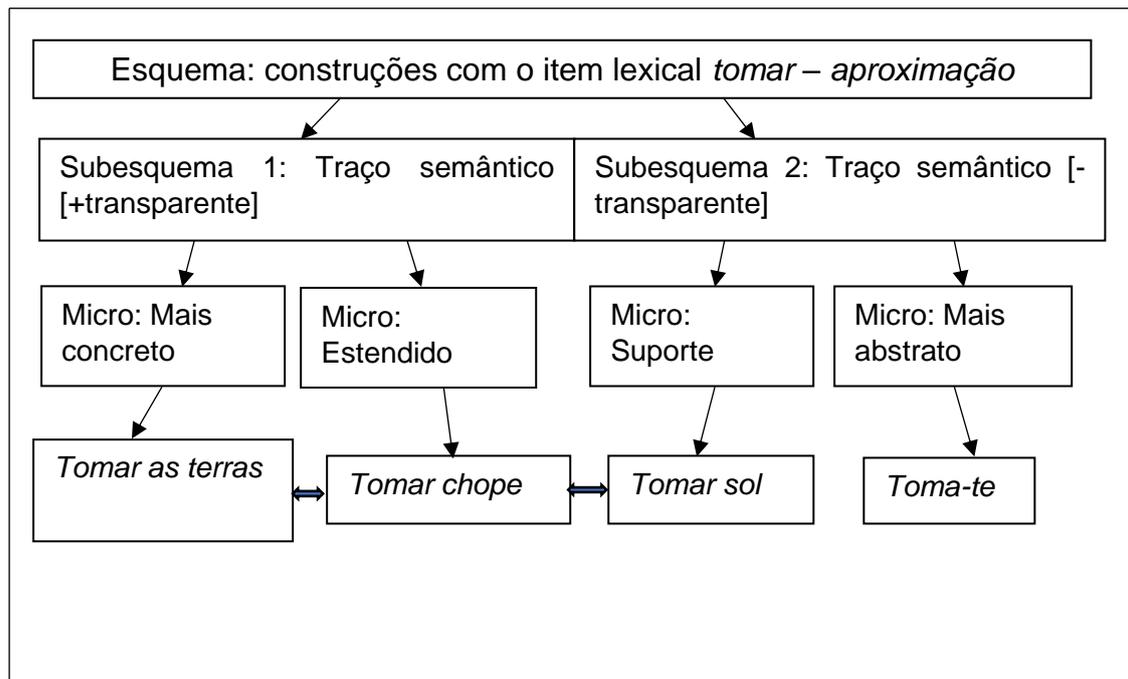
Dessa forma, é importante relembrar a teoria construcionista, que para Goldberg (2006) é uma categoria formada por meio de uma compilação de representações de uma expressão, que juntas formam uma construção cristalizada.

Sob esse aspecto, a autora diz que, devido a uma codificação seletiva, o que realmente é gravado não é uma memória majoritariamente do contato que o aprendiz teve com a expressão, mas sim uma abstração parcial sobre o contato. Goldberg (2006) afirma que o conhecimento da espécie humana se deteriora com o passar do tempo. Assim, as representações podem sofrer mais abstrações que estímulos reais recebidos, no entanto tendem a serem concretas o suficiente para que possam ser utilizadas durante o processo de reconhecimento do evento.

Goldberg (2006) aponta que a junção entre a Linguística Funcional e a Linguística Cognitiva torna possível considerar a combinação entre as abstrações e uma nova concepção de língua, que se tem como base o uso e as necessidades comunicativas dos falantes. A autora ainda acredita que o aprendizado de uma língua envolve as memórias que o indivíduo possui das situações que participa; sendo a gramática do indivíduo parcialmente geral (Oliveira, 2018).

Esses agrupamentos podem ser comparados aos *nós* da rede apresentados por Traugott e Trousdale (2013) sobre a constituição de um esquema. Então sugerimos a seguinte rede para o item lexical analisado:

Quadro 1 – Rede construcional do item lexical *tomar*



(Fonte: Adaptação de nossa autoria)

Com base no que já vimos e em relação à rede construcional ilustrada, podemos conceber a respeito de *tomar* quatro agrupamentos, a saber:

- *Tomar* como sentido mais concreto: é a fase que há o sentido mais concreto de apossar-se, que pode ser atribuído a diversos elementos, desde que o agente (sujeito) seja individualizado, e quem sofre a ação seja afetado diretamente, além do objeto ser alvo de transferência de um paciente a um agente. Exemplo retirado do corpus do português: “Na discussão, um ambulante **tomou** a arma de o vigilante e efetuou disparos de arma de fogo.”. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>
- *Tomar* com sentido de verbo estendido: ele perde parte de sua autonomia e passa a ser dependente de sintagmas nominais para assumir uma acepção específica, como o sentido de *ingerir*, que sempre que for associado a um argumento passível de ser ingerido, o item lexical assumirá tal significação, como no exemplo retirado do corpus do português: “vamos ali no bar **tomar** uma cerveja”. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>

- *Tomar* com sentido de verbo suporte: nesse caso não há um grupo específico de sintagmas nominais que codifiquem determinado significado, então os componentes da construção devem ser analisados individualmente, sendo que, na maioria das vezes, a perífrase pode ser trocada por um verbo de sentido mais concreto com mesmo valor semântico, não alterando o sentido. Esse uso pode ser exemplificado com o “tomar banho” que significa “banhar”, nesse caso “banho” é um sintagma nominal, mas não pode ser considerado um complemento como em “tomou as terras”. Vejamos o exemplo retirado do corpus do português: “eles reclamam dizendo que vêm **tomar** banho aqui em casa qualquer dia desse porque eles não têm água em casa”. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>
- *Tomar* com sentido mais abstrato: é quando a expressão se cristaliza, criando uma alta noção de composicionalidade, isto é, não pode ser substituído por outro verbo. Além disso, não é possível trocar seus componentes, salvo a exceção da variação “toma-lhe” que troca o pronome “te” por “lhe”, mas não altera o sentido da construção; e representa uma forma única de descrever tal significado, sendo bastante idiomática.

A respeito do esquema construcional apresentado, podemos notar que conforme avança em direção ao sentido mais abstrato, há perda semântica de “pegar” ou “apossar-se” nas relações em que o item lexical *tomar* está inserido. Nesse sentido, partindo da esquerda para a direita do esquema, há desbotamento da forma que parte do [+transparente] em direção ao [-transparente] até chegar à construção mais abstrata, que é quando o sentido se esvazia e cria-se uma construção com significado totalmente diferente.

O traço semântico de “pegar” é mais visível quando é utilizada a forma mais concreta de *tomar*. Quando é utilizado com o sentido de requerer posse de algo, a ação aproxima o referente ao sintagma nominal com função de sujeito. Assim segue um cline de abstratização até o sentido de verbo estendido e verbo suporte, esvaziando-se por completo na expressão cristalizada.

Apesar de haver esse traço que une todos os sentidos de *tomar* até o uso mais abstrato, existe essa peculiaridade já apontada neste trabalho, que podemos enquadrar em categorias diferentes, seja pelo nível de esquematicidade ou composicionalidade ou pelo teor semântico desempenhado por cada elemento da construção.

Percebemos que há setas de dupla ponta que ligam os últimos grupos do esquema, pois estão associados à memória rica do indivíduo, levando em consideração a teoria cognitiva apresentada por Goldberg (2006). Assim, os usos que são mais utilizados tendem a influenciar um padrão prototípico que seja utilizado para formar novas expressões. No entanto, notemos que não há seta do penúltimo para o último grupo (toma-te), pois como já é uma expressão em que o tomar assume papel mais abstrato, não há essa dependência de outras formas.

4.3 TOMA-TE: uma expressão, alguns significados

Após fazermos um breve levantamento acerca do grau de abstratização e de construcionalização do item *tomar* até chegar à expressão “toma-te/lhe”, faremos a partir desta seção a apresentação e análise dos dados obtidos por meio do corpus coletado e registrado pelo Gelopa. Ao total, foram registradas 51 (cinquenta e uma) ocorrências, sendo 42 (quarenta e duas) com a expressão “toma-te” e 9 (nove) com a variação “toma-lhe”.

Tabela 1 – Distribuição da expressão “toma-te/lhe” nas três categorias de possíveis significados

Categorias	Ocorrências	%
Contentamento com a dor do outro	15	19,60 %
Espanto/Susto	26	29,42 %
Felicidade	10	50,98 %
Total	51	100.00%

Fonte: Nossa autoria.

Com base na tabela 1, podemos notar que o maior número de ocorrências para a construção “toma-te/lhe” foi denotando *felicidade*, resultando em mais de 50% do total; a categoria *espanto/susto* teve uma representatividade intermediária, aproximadamente 29%; enquanto que a categoria de *contentamento com a dor de outra pessoa* resultou em torno de 19%.

Para melhor ilustrar apresentação e análise dos dados, deixaremos aqui registrados os links que encaminharão os leitores aos áudios que consideramos próximo da realidade para cada significado das categorias apresentadas, para que haja compreensão do porquê tal expressão denota os significados descritos:

- 1) Contentamento com a dor de outra pessoa:

https://drive.google.com/file/d/1-IRBLvsESYm_6aFx_UCrFgw4kSlkOUXV/view

- 2) Espanto/susto:

<https://drive.google.com/file/d/15G6p4zGklwio26QtI97EuXL4s9-X9g94/view>

3) Felicidade:

https://drive.google.com/file/d/1hEB7_jlou5PjFZHUC-ilSYgu8qXp2zLE/view

Deixaremos em cada tabela das ocorrências o link dos áudios que remete à significação de cada hipótese para facilitar a compreensão do leitor. Salientamos que esses mesmos áudios foram utilizados no teste de percepção e aproveitamos para fazer essa ilustração.

Tabela 2 – Ocorrências de “toma-te” com função de “contentamento com a dor de outra pessoa”

Variação utilizada	Toma-te	Entonação	https://drive.google.com/file/d/1-IRBLvsESYm_6aFx_UCrFgw4kSlkOUXV/iew
Função	Contentamento com a dor de outra pessoa		
Contexto	Na rede social Instagram, uma página de fofoca de Santarém posta que um determinado candidato havia perdido as eleições. Um internauta, então, comentou: - Toma-te! Agora vai perder o foro privilegiado. (SMI20)		
Contexto	Na rede social Instagram, um internauta de Santarém comenta em uma publicação a respeito da suspensão de um candidato do aplicativo de mensagens Telegram: - Toma-te! Bem feito, quem sabe assim para de espalhar fake News. (SMI21)		
Contexto	Duas crianças estão brincando de carrinho em um lugar muito escorregadio, pois havia chovido muito. Um deles escorrega e cai de bumbum no chão. O outro sorrindo muito diz: - Toma-te! (SME22)		
Contexto	No recreio de uma escola, um grupo de crianças estão brincando, até uma delas sem querer, bate de testa na trave da quadra. Uma criança que parecia não gostar da que havia batido com a testa diz: - Toma-te! (SME23)		
Contexto	Em um campo de futebol, no planalto santareno, dois times estão disputando uma partida decisiva, quando de repente, um jogador do time adversário cai de maneira muito estranha. Uma pessoa que torcia para o time adversário exclamou: - Toma-te! Ainda agora estava tirando graça com a gente. Bem feito. (SFE24)		

Fonte: retirado do *corpus* não sistematizado coletado pelo GELOPA

Consideramos o áudio para situar o leitor do ponto de vista da entonação em que a construção denota “contentamento com a dor de outra pessoa”. Além disso, assim como nos outros dados, as situações de contexto demonstram o porquê de considerarmos que tal construção denote esse tipo de sentimento.

Na tabela acima, trouxemos diferentes tipos de situações em que observamos o uso de “toma-te”. Isso para ressaltar que essa função pode ser usada tanto para contentamento com a dor física quanto para questões sentimentais, isto é, o falante que expressar a construção “toma-te” com esse sentido, expressará independentemente da dor do outro ser física ou sentimental.

Tabela 03 – Ocorrências de “toma-te” com função de “espanto/susto”

Variação utilizada	Toma-te	Entonação	https://drive.google.com/file/d/15G6p4zGklwio26QtI97EuXL4s9-X9q94/view
Função	Espanto/susto		
Contexto	Em uma conversa entre duas amigas sobre o preço das coisas no supermercado, uma diz para outra: - Mana, ontem fui no supermercado e gastei mais de R\$900,00!!! - Toma-te! (SFE06)		
Contexto	Duas irmãs estão conversando em uma varanda de casa, quando de repente ouvem um barulho estranho da panela de pressão que estava no fogo. Então, uma delas diz: - Toma-te! Corre, Nete. (SFE07)		
Contexto	Dois irmãos estão à beira de um igarapé quando rapidamente, veem uma criança escorregar sem querer e ficar presa em uns escombros perto de onde estavam. Um deles diz: - Toma-te! Meu Deus do céu! (SME08)		
Contexto	Na casa da avó, duas crianças estão brincando com duas espadas de madeira, quando de repente uma acerta, sem querer, o rosto da outra. A que acertou fala: - Toma-te! Vó!!! (SFE09)		
Contexto	Um aluno ao saber sua nota de recuperação, sendo que foi bem abaixo do esperado, o que lhe causou espanto, exclamou: - Toma-te! Não acredito. (SME10)		

Fonte: retirado do *corpus* não sistematizado coletado pelo GELOPA

Percebemos, a partir das ocorrências acima, que a função tem diferentes causas, ou seja, a causa é espanto/susto, e o falante se espanta por diversos motivos, expressando a construção de forma espontânea. Salientamos, novamente, que o áudio de entonação inserido é apenas um norte do que seria mais ou menos esse

nível de entonação, uma vez que é o falante que detém desse poder de entonar mais ou menos alguma sílaba, a depender da situação comunicativa.

Dessa forma, frisamos que é sempre o contexto e o entendimento dos interlocutores que irá indicar a função semântica que a construção “toma-te/lhe” expressa. Assim, nas ocorrências acima, muito mais importante que o áudio para nortear o leitor, é a situação de contexto que se torna um fator primordial para o entendimento.

Tabela 4 – Ocorrências de “toma-te” com função de “felicidade”

Variação utilizada	Toma-te	Entonação	https://drive.google.com/file/d/1hEB7_jlou5PjFZHUC-iSYgu8qXp2zLE/view
Função	Felicidade		
Contexto	Alguns amigos estão jogando vôlei quando um deles acerta um ponto espetacular, então um deles exclama: - Toma-te! (SME11)		
Contexto	Um jovem ao receber a notícia que havia passado em um processo seletivo para ingressar em uma grande empresa, exclamou para todos ouvir: - Toma-te! Eu consegui. (SFE12)		
Contexto	Duas irmãs estão distraídas conversando, quando de repente um irmão que elas gostam muito aparece de surpresa. Então uma delas diz: - Toma-te! Olha quem apareceu! (SFE13)		
Contexto	Duas pessoas estão conversando sobre uma banda famosa, quando uma delas fala que a banda em questão estará em Belém durante a COP-30, então a outra pessoa exclama: - Toma-te! Não acredito. (SFE14)		
Contexto	Na rede social Instagram, em uma publicação do governador do Pará dando uma boa notícia para a infraestrutura de Santarém, uma internauta da cidade comenta: - Toma-te! Boa, governador. (SFI15)		

Fonte: retirado do *corpus* não sistematizado coletado pelo GELOPA

A tabela acima apresenta os dados da função de maior número dentro do nosso *corpus*. Além do áudio de entonação oferecer um norte ao leitor de como seria essa expressão na realidade de fala da população santarena, os contextos apresentados deixam mais claros a ideia de “felicidade” se realizar por meio da expressão regional “toma-te”.

Ressaltamos que, por questão de apresentação, trouxemos 5 ocorrências para cada função. Além disso, frisamos que a variação “toma-lhe” é mais recorrente quando denota “felicidade”, somente registramos uma ocorrência denotando espanto/susto, e nenhuma com a hipótese de contentamento com a dor do outro. Vejamos:

Tabela 05 – Ocorrências de “toma-lhe” com função de “espanto/susto” e “felicidade”

Variação utilizada	Toma-lhe
Função	Espanto/susto
Contexto	Uma pessoa andando pelo centro comercial de Santarém, quando de repente um locutor de loja testa o áudio do som bem na hora que ela vai passando. Ela tomou um susto e exclamou: - Toma-lhe, seu filho da puta. (SFE16)
Variação utilizada	Toma-lhe
Função	Felicidade
Contexto	Em grupo de WhatsApp, alguns amigos planejam uma confraternização de fim ano, e um deles promete que levaria uma bebida que todos gostavam muito, então uma pessoa exclamando felicidade diz: - Toma-lhe! (SMW17)
Contexto	Em um chá de revelação, o pai da futura criança ao saber que seria do sexo masculino exclamou: - Toma-lhe! Vem um menino. (SME18)
Contexto	Um colega de trabalho recebe uma ligação, que dizia que o entregador de encomendas estava tentando fazer uma entrega, mas não tinha ninguém em casa, então ele orienta deixar com a vizinha. Após dar certo, ele exclama: - Toma-lhe! Hoje eu leio esse livro que fazia um monte de dias que eu estava esperando. (SME19)

Fonte: retirado do *corpus* não sistematizado coletado pelo GELOPA

Como no período em que realizamos o teste de percepção ainda não havíamos encontrado ocorrências de “toma-lhe”, não registramos áudios com essa

possibilidade, por isso não ilustramos como seria essa entonação, mas que com o contexto de uso fica fácil o leitor assimilar o porquê de o falante ter expressado tal construção para se referir a algo denotando espanto/susto e felicidade.

Portanto, com a apresentação dos dados acima, confirmamos a nossa concepção de língua apresentada no arcabouço teórico, em que o falante é o protagonista no uso real da língua. Dessa forma, a gramática molda-se ao discurso e não o contrário. As teorias da gramaticalização e construcionalização também trazem escopo teórico para os nossos dados, haja vista que, como já mencionamos, as formas que compõem a expressão se gramaticalizam, esvaziando-se de seus usos mais conceptuais para assumirem outro papel no discurso. Já a teoria da gramática de construção embasa nosso cline até chegar à construção “toma-te/lhe”.

4.4 Dados do teste perceptual

Para corroborar as nossas hipóteses de significação da expressão regional “toma-te/lhe”, e auxiliar nossa análise, fizemos o teste de percepção que apresentaremos a seguir.

4.4.1 Montagem e aplicação do teste

Primeiramente, nos preocupamos em criar situações em que a expressão estudada aparecesse denotando as três possibilidades que consideramos que o *toma-te* significa. Assim, as três situações hipotéticas que criamos foram as seguintes:

Situação 1: Duas amigas estão conversando sobre o preço das coisas no supermercado, até que uma das amigas diz o quanto gastou com as compras do mês:
Maria: mana, tu nem sabes! Gastei só de supermercado esse mês 800,00!

Nayara se assusta e diz: **Toma-te! Meu Deus, aonde vamos parar?**

Situação 2: Um aluno estava ansioso para receber a nota de sua prova na disciplina de Língua Portuguesa, já que não havia ido tão bem durante o 4º bimestre, e precisava tirar uma boa nota para passar de ano sem recuperação. Então, quando a professora entra na sala, ele vai rapidamente em sua direção e pergunta:

Aluno: Professora, eu consegui tirar uma boa nota?

Professora: Gabriel, foi melhor do que eu imaginava. Tu conseguiste, fechou a prova.

Aluno: **Toma-te!** Não acredito!!!

Situação 3: Duas amigas estão passeando no *shopping* e de repente uma diz para a outra:

Amiga 01: Mana, vamos na Riachuelo? Preciso comprar o presente de Natal do boy.

Amiga 02: Bora, mana. Também preciso comprar algumas coisas que estou precisando.

No caminho para a loja, Luana avista seu ex-namorado. Eles tinham terminado logo depois que ela descobriu uma traição dele. O menino ao vê-la se desconcentra, tropeça e cai no meio do pátio. Com um belo sorriso a amiga que foi traída, como se estivesse contente com a dor e vergonha do rapaz, solta uma sonora gargalhada e completa:

Amiga 01: Toma-te!

Vale ressaltar que todas essas situações foram criadas com base nos dados que já estavam em fase de tratamento, e precisávamos criar essas situações apenas para efeito de gravação em áudio, feita por um locutor no Estúdio Encontro das Águas nas dependências da Ufopa, para depois isolarmos via Praat apenas a entonação de cada hipótese do "toma-te", e finalmente inserirmos no teste de percepção. Dessa forma, estávamos prontos para montarmos o protocolo de aplicação.

O teste foi montado primeiramente via PowerPoint, para em seguida levarmos para a plataforma Google Forms. Primeiramente, solicitamos informações pessoais do participante, como: nome, idade, e-mail e curso de nível superior. Em seguida o teste apresentava informações importantes acerca do trabalho realizado e alguns pontos do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que antes da aplicação do teste o participante já tomou conhecimento e assinou. Após as fases de preenchimento de dados pessoais, ciência do que o trabalho trata e treinamento, o teste de percepção começava de fato. Então partimos para a parte de treinamento, assim a pessoa se ambientava com o tipo de trabalho que estava prestes a ser realizado. A parte de treino se dava da seguinte maneira:

- 1) Inserimos um som do ritmo carimbó para ouvir e posteriormente marcar uma das alternativas, se o ritmo é carimbó, sertanejo, forró ou funk.
- 2) O segundo teste é o som de uma gargalhada com as opções: gargalhada, choro, grito e gemido.
- 3) O terceiro e último teste da fase de treinamento foi o som de uma buzina de carro com as opções: buzina de carro, buzina de barco, sino de igreja e telefone.

Após a fase de treinamento o teste de percepção de fato começava da seguinte maneira, elencados por tarefas:

Tarefa 1 - Ouça com atenção o áudio abaixo e em seguida escolha a melhor resposta!

(Aqui foi o incluso o áudio isolado que denota espanto/susto, para em seguida o participante marcar uma das alternativas a seguir)

A pessoa do áudio:

- a) está dando algo para alguém.
- b) está feliz.
- c) está pedindo ajuda.
- d) está assustada.

Tarefa 2 - Ouça com atenção o áudio abaixo e em seguida escolha a melhor resposta!

(Aqui foi o incluso o áudio isolado que denota felicidade, para em seguida o participante marcar uma das alternativas a seguir)

A pessoa do áudio:

- a) está feliz.
- b) está oferecendo algo.
- c) está assustada.
- d) está pedindo ajuda.

Tarefa 3 - Ouça com atenção o áudio abaixo e em seguida escolha a melhor resposta!

(Aqui foi o incluso o áudio isolado que denota contentamento com a dor do outro, para em seguida o participante marcar uma das alternativas a seguir)

A pessoa do áudio:

- a) está oferecendo algo para alguém.
- b) está contente com a dor de outra pessoa.
- c) está pedindo ajuda.
- d) está feliz com uma notícia.

Tarefa 4 - Quem diria a expressão que você ouviu nos três áudios anteriores?

- a) Um gaúcho.
- b) Um santareno.
- c) Um paulista.
- d) Um cearense.

Em seguida o teste encerra com uma mensagem de agradecimento pela participação da pessoa. Assim, após todo esse processo de montagem partimos para

a aplicação. Ainda que pudéssemos aplicar de forma remota via link do Google Forms, optamos por fazer de maneira presencial com cada um dos dez participantes, para termos um resultado mais confiável possível. Finalizado a fase de aplicação, demos continuidade com fase de tratamento dos dados obtidos, movendo-os para o Excel, de modo que após essa fase obtivéssemos os dados em gráficos para melhor apresentar os resultados.

4.4.2 Resultados do teste de percepção

Como foi mencionado na parte metodológica, o teste foi realizado com dez pessoas, sendo cinco de Letras (Expert) e cinco de Matemática e Física (Leigos). Os informantes foram identificados por códigos na seguinte ordem: Três letras iniciais do nome de cada participante; idade; sexo do participante, masculino ou feminino; inicial do local de residência, no caso todos moram em Santarém, logo a inicial é a letra S; inicial do nível de escolaridade, I para ensino superior incompleto e C para ensino superior completo; tipo de participante, E para Expert e L para leigo; e os dois últimos dígitos é a ordem de aplicação do teste:

Participante
ASN21MSIE01
ABM21FSIE02
TCF28MSCL03
EFS27MSIL04
AFN27MSIL05
BMS27MSCE06
BPF21MSIE07
TOS31FSCE08
MPS37MSCL09
ASA24FSCL10

Seguindo a ordem de aplicação do teste, primeiro apresentaremos o resultado dos treinos de percepção, em que todos os participantes marcaram a mesma alternativa nos três treinos introdutórios. Inicialmente apresentamos um áudio com a música “ai, menina” de Lia Sophia, conforme já apresentado no teste, e o participante deveria responder se o áudio era do gênero musical carimbó, forró, funk ou sertanejo. O Segundo áudio do treino de percepção é o som de uma gargalhada, o participante deveria responder se o áudio se referia a uma gargalhada, buzina, gritou ou choro. O terceiro e último treino era um som de buzina de carro, o participante deveria responder se o áudio era de uma buzina de carro, buzina de barco, sino de igreja ou de um telefone.

Após observarmos todos os dados que antecedem o teste de percepção a respeito da expressão, considerada regional, “toma-te”, partiremos para apresentação e análise. Primeiro com as amostras de maneira geral, sem dividir e fazer a comparação entre Experts e Leigos, e depois fazendo essa diferenciação.

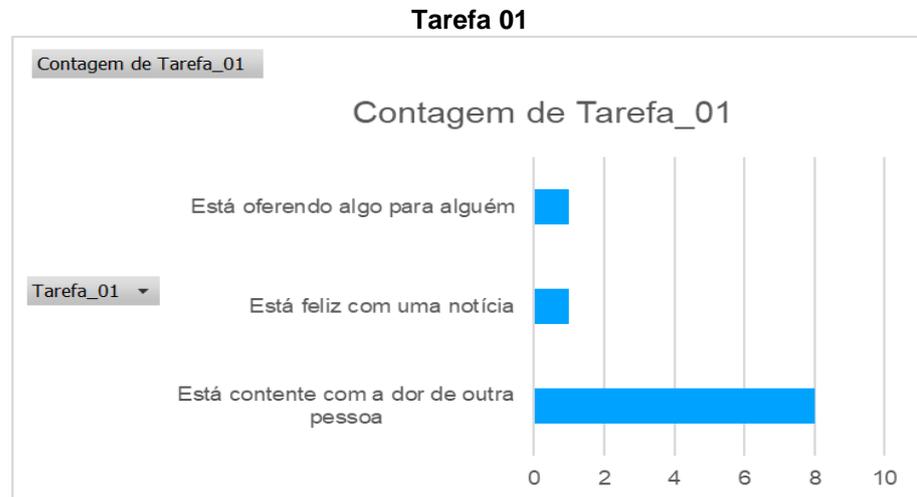


Gráfico 01 – Fonte: acervo próprio

O gráfico 01 representa o resultado da primeira tarefa, em que o participante ouvia o áudio do *toma-te* denotando “contentamento com a dor de outra pessoa”, e os dados mostram que oito pessoas, das dez participantes acharam que a melhor resposta fosse a hipótese levantada inicialmente, assim, corroborando com a nossa hipótese. Outras duas pessoas marcaram as opções “está oferecendo algo para alguém” e “está feliz com uma notícia”. Portanto, após observarmos os dados, consideramos satisfatório o resultado da primeira tarefa, pois, ainda que seja um número de participante bem reduzido, 80% ratificaram nossa suposição.

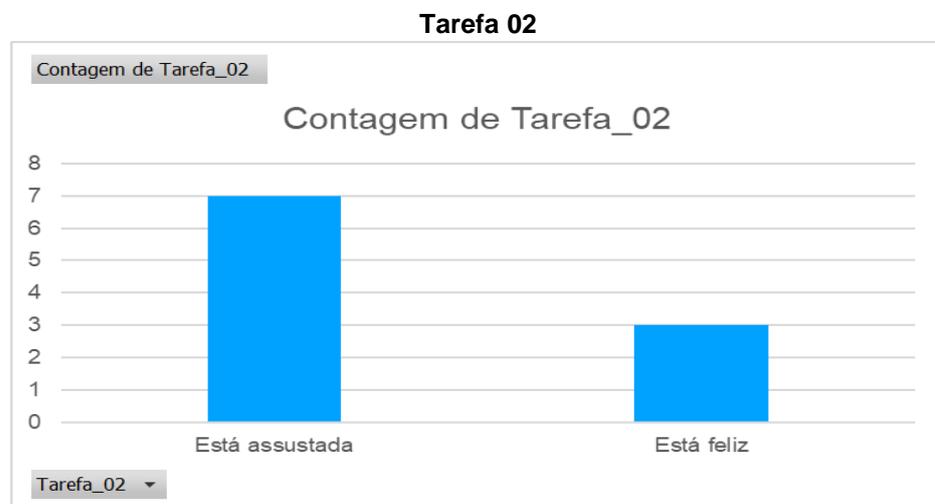


Gráfico 02 – Fonte: acervo próprio

O gráfico 02 mostra o resultado do áudio que a pessoa parece estar assustada por meio da expressão “toma-te”, que é a situação, já apresentada na metodologia, em que duas amigas conversam sobre o preço das coisas no supermercado e uma delas se assusta ao saber quanto que a outra gastou com as compras do mês. Sobre essa hipótese de susto, sete pessoas confirmaram nossa hipótese, em contrapartida, três pessoas dizem que a pessoa do áudio demonstra felicidade. Mesmo variando um pouco para baixo em número absoluto, o resultado segue satisfatório, pois, há mais pessoas que corroboram nossa hipótese, em detrimento das que perceberam outro significado, no caso o de felicidade.

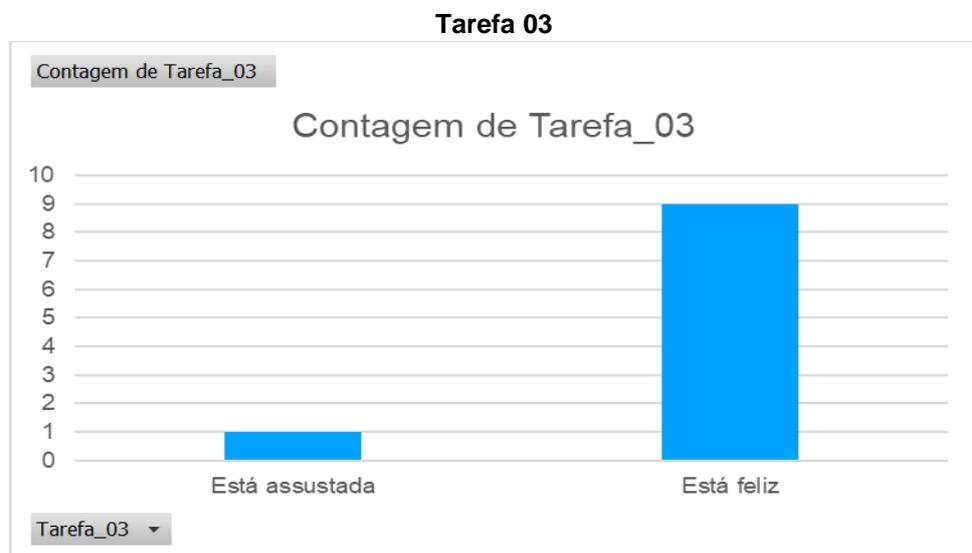


Gráfico 03 – Fonte: acervo próprio

O gráfico 03 apresenta o resultado da tarefa 03, que teve como situação o aluno que precisava obter boa nota na prova para passar sem precisar de recuperação. E esse é o resultado mais expressivo, pois nove de dez participantes concordaram com nossa hipótese, que a pessoa do áudio está demonstrando felicidade por meio da expressão *toma-te*. Dessa forma, levando em consideração todos os gráficos acima em relação às tarefas aplicadas no teste, consideramos que os resultados foram bastante satisfatórios.

Agora faremos a diferenciação entre Experts e Leigos, também por meio de gráficos, a respeito das três tarefas.

Tarefa 01

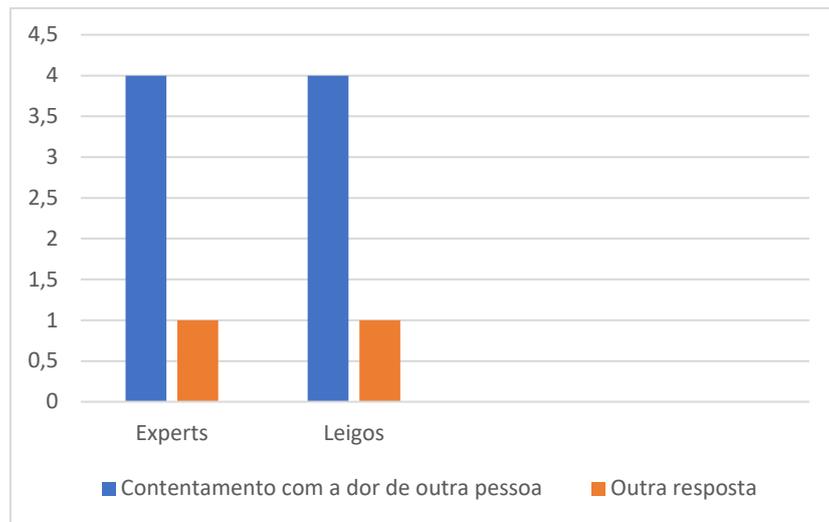


Gráfico 04 – Fonte: acervo próprio

Na primeira tarefa não houve diferença de números entre Experts e Leigos, conforme apresenta o gráfico 04, pois quatro participantes de cada grupo concordaram que a pessoa do áudio demonstra estar contente com a dor de outra pessoa, enquanto que apenas uma pessoa de cada grupo discordou e marcou “felicidade”. Dessa forma, acreditamos que a formação acadêmica e o conhecimento não interferiram nas respostas de percepção.

Tarefa 02

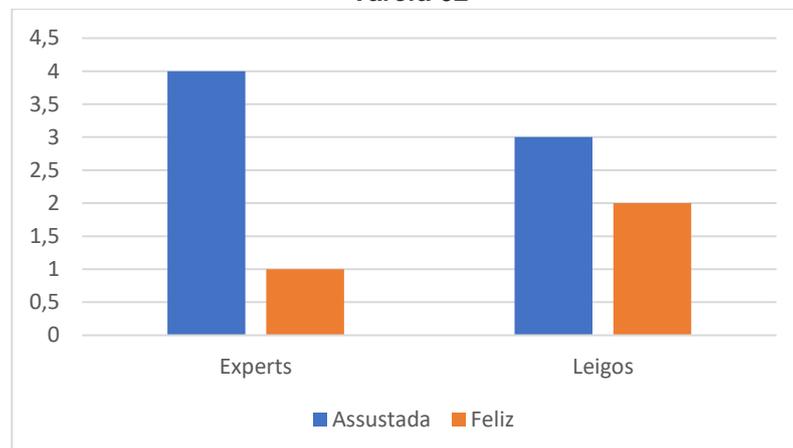


Gráfico 05 – Fonte: acervo próprio

Diferentemente da tarefa 01, o gráfico 05 mostra que na tarefa 02 há mais divergências entre o grupo considerado Expert e o grupo de Leigos, pois entre os Experts apenas um não concordou que a pessoa do áudio não demonstra estar assustada. Já no grupo de Leigos duas pessoas discordam da hipótese. No entanto, em ambos os grupos, quem não marcou a opção que denota espanto/susto, marcou

a opção que demonstra estar feliz. Assim, consideramos que pode ser haja certa semelhança de significado no âmbito da entonação entre ambas hipóteses.

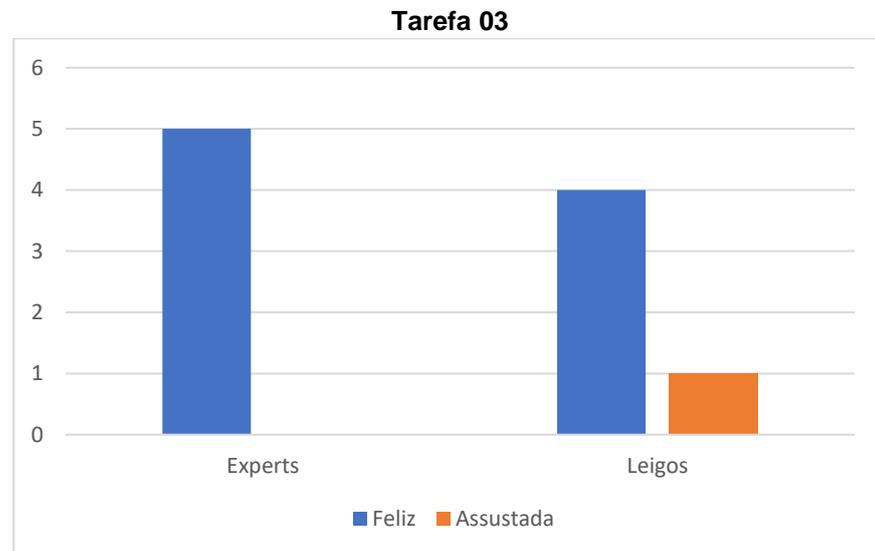


Gráfico 06 – Fonte: acervo próprio

No gráfico 06, que apresenta a diferenciação entre Experts e Leigos na tarefa 03, a diferença é quase imperceptível, haja vista que todos do grupo de Experts concordam que a pessoa do áudio demonstra felicidade, enquanto que apenas uma pessoa do grupo de Leigos marca outra resposta: a de assustada. Assim, novamente não há uma divergência significativa entre os dois grupos, o que nos leva a crer que a formação acadêmica não influenciou muito neste teste de percepção, e que o conhecimento e vivência sobre a língua falada pelos santarenos sobressaiu.

A última tarefa que pergunta quem falaria a expressão “toma-te” verbalizada nas três situações, entre as opções “gaúcho”, “paulista”, “cearense” e “santareno”, todos os participantes dos dois grupos concordaram que a expressão é típica do falar santareno, ou seja, corrobora nossa hipótese que ela é de caráter regional. Vale deixar claro aqui que talvez essa resposta se deva ao fato de todos os participantes da pesquisa morarem em Santarém e, por isso, conheçam a maneira de falar do santareno. Se os participantes fossem de outras cidades e estados, não sabemos se esse resultado seria o mesmo.

Os resultados apontam que de fato a expressão “toma-te” é uma forma regional da variedade de Santarém-PA, pois todos na tarefa 04 marcaram que seria um santareno a falar tal expressão. Ainda que seja um teste experimental, consideramos os resultados bastante satisfatórios, pois, quase em sua totalidade, os

dados ratificam as hipóteses que mencionamos no início deste trabalho, de contentamento com a dor de outra pessoa, de felicidade e de espanto/susto.

Conforme nosso arcabouço teórico, língua é interação social real. Com base nessa afirmação, nosso trabalho contribui para mostrar que a língua é adaptável às necessidades de comunicação dos falantes, como é o caso da forma gramaticalizada “toma-te”. Os resultados do teste de percepção apontam que os participantes, mesmo os que não nasceram em Santarém, conhecem a realidade linguística e cultural da cidade que residem.

Levando em consideração que língua é identidade, ratificamos que a identidade linguística de Santarém é bastante peculiar, pois expressões como o “toma-te”, estudada neste trabalho, o “mas quando” estudado por Pena-Ferreira (2011) etc., mostram que essa identidade é muito particular, porque apenas pessoas que residem há algum tempo na cidade conseguem entender tamanha riqueza linguística.

CONCLUSÃO

Este trabalho investigou os usos da expressão de caráter regional “toma-te” e sua variação “toma-lhe” na variedade do português falado na cidade de Santarém-PA, com o propósito de verificar quais as funções que a construção denota em contextos de fala. Além disso, outro fator primordial para a execução deste trabalho foi montar uma rede construcional a partir do nosso objeto de estudo, o item lexical *tomar*, para verificarmos o caminho, a nível construcional, que a o item percorreu até chegar ao nível de expressão cristalizada, isto é, à construção “toma-te/lhe”.

Este trabalho está sedimentado, além da teoria construcional, no processo de Gramaticalização, compreendido como o processo pelo qual itens e construções lexicais tornam-se gramaticais. Segundo estudos citados neste trabalho sobre a temática, são fatores tanto cognitivos quanto discursivos que motivam a gramaticalização. O item estaria passado por esse processo, como mostra o estudo de Jesus (2014), que analisa as ocorrências de *tomar* de maneira diacrônica para justificar o verbo em questão, com o passar dos anos, adquiriu funções mais gramaticais. Mas, como vimos no Dicionário de Verbos do Português Medieval, o item lexical em questão passou pelo processo de gramaticalização desde à sua implementação na língua portuguesa, pois há ocorrências dos quatros níveis

propostos: verbo pleno, estendido, suporte e com sentido mais abstrato; desde o século XII.

Verificamos os traços semânticos que *tomar* carrega na maioria dos casos dentro do cline ilustrado, de *pegar algo* ou *apossar-se de alguma coisa*, e a outros fatores linguísticos e cognitivos que ajudam com a manutenção da rede construcional do item lexical estudado.

Fizemos a opção teórica pelo funcionalismo linguístico, por acreditarmos em suas concepções de linguagem e gramática, segundo o qual a gramática é motivada pela questão de comunicação, e que os fenômenos linguísticos devem ser estudados à luz de componentes sintáticos, semânticos e pragmáticos. Essa corrente linguística, portanto, nos dá o corpo de doutrina oportuno que abriga diferentes estudos, sobretudo os que têm como objeto os processos de inovação linguística.

Em busca de sedimentar nosso trabalho teoricamente, fizemos recortes dos principais modelos funcionalistas, no que diz respeito à concepção de linguagem e gramática, e apresentamos os mais relevantes, como os de Halliday (1985), Dik (1989), Hengeveld (2000) entre outros. Pois esses teóricos embasaram as concepções de gramaticalização e teoria da construcionalização que também fizeram parte do nosso arcabouço teórico.

Outro fato constatado neste trabalho é que as categorias nas quais o item lexical *tomar* foi classificado estão intrinsecamente ligados em uma rede esquemática à luz da teoria da gramática de construções. Portanto, quando um dos *tokens* é utilizado, todo o esquema é acionado (BYBEE, 2010). Ademais, conforme demonstramos por meio da rede construcional do item lexical *tomar*, o traço semântico de *pegar* e *apossar-se* não é apagado completamente até chegar à construção de sentido mais abstrato, que é quando a expressão se cristaliza, esvaziando-se semanticamente de suas categorias de origem mais concreta. Dessa forma, é possível dizer que quando uma ação que demonstre esse ato de *pegar* ou *apossar-se*, a rede esquemática de construções toda é acionada, salvo a expressão cristalizada.

Além disso, vale destacar a maneira como o uso de um *token* potencializa o uso de outros *tokens* semelhantes. Esse fato é corroborado por Bybee (2015) que diz quanto mais um item é utilizado, mais difícil é para que ele seja erradicado da língua e mais fácil para que se torne a base de novas estruturas linguísticas. Logo, como as classes mais gramaticais são acionadas com mais facilidade, parecem que

são responsáveis diretas por subsidiar e fortalecer a rede esquemática do item lexical *tomar*, prevalecendo a permanência do item em questão com toda a sua polissemia.

Vale ressaltar os dados obtidos via teste de percepção, ainda que seja um número de participantes reduzido, corroborou com as nossas hipóteses iniciais de significação para a construção “toma-te”, que convém lembrar: contentamento com a dor do outro, espanto/susto e felicidade; e que de fato é uma expressão de caráter regional, mais particularmente da cidade de Santarém-PA. As ocorrências obtidas pelo Gelopa e com base no teste de percepção, podemos constatar que a construção atende às necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes, o que faz *tomar* assumir novas funções no discurso.

Retomamos, para análise da construção “toma-te/lhe”, os princípios da gramaticalização, apresentados por Hopper (1991) para mostrar os estágios ainda não consolidados desse processo (*estratificação, divergência, especialização, persistência e decategorização*), o podemos observar que todos os princípios podem ser adaptados aos casos de *tomar*, o que corrobora o fato apresentado por estudos anteriores, como Jesus (2014), que *tomar* é um item em processo de gramaticalização na língua portuguesa.

Wilson e Martelotta (2009) determinam que a maneira como nós nos relacionamos com o mundo afeta a maneira como estruturamos a língua. Então, a língua pode ser concebida como resultado da motivação de fatores icônicos. No caso de *tomar*, o traço semântico de *pegar* e *apossar-SE* apresenta forte representação nas categorias enquanto uso mais concreto, perpassando pelas outras categorias até chegar à construção de sentido mais abstrato.

Podemos considerar que quando chega ao último nível do cline, ou seja, na expressão de sentido mais abstrato, foge ao padrão da língua, pois é usada de maneira mais coloquial e pode ser utilizada em um contexto de uso mais restrito, assume acepções que dependem do contexto de comunicação entre os envolvidos.

Assim, pelos dados apresentados, é possível perceber que a função da construção que significa felicidade é mais usual entre as ocorrências registradas. Dessa forma, nosso estudo aponta para tendência de usos da expressão, pois o significado de se contentar com a dor de outra pessoa, ainda que seja por motivos diferentes, também denota, de forma mais genérica, felicidade com algo. Fugindo à regra há a significação de espanto/susto.

A construção “toma-te/lhe” faz parte do cotidiano das pessoas que residem em Santarém. Esse fato é uma constatação deste pesquisador que escreve esta dissertação enquanto filho desta cidade, e dos dados obtidos pelo Gelopa. Dessa forma, seja com a significação de felicidade, contentamento com a dor de outra pessoa ou espanto/susto, o falante, no auge da espontaneidade, expressa a construção a fim de suprir suas necessidades comunicativas. Para isso, leva-se em consideração diversos fatores, como gerar maior impacto em uma fala de acordo com a entonação, conhecimento que extrapola os limites linguísticos, entre outros.

O estudo de uma construção, relativamente sobre os processos de variação, mudança e construção, oportuniza a reflexão sobre temas pertinentes abrigados no âmbito do funcionalismo linguístico. A análise da construção “toma-te/lhe”, por exemplo, oportunizou o estudo da teoria da gramática de construções, que podemos considerar um estágio a mais do processo de gramaticalização, fazendo com que discutíssemos esse processo. Nosso interesse inicial era identificar a função que a construção exerce, mas que com o passar do tempo, por meio da gramática de construção, percebemos o caminho que *tomar* percorreu dentro do cline até chegar à expressão cristalizada, ou seja, identificamos como esse item veio a exercer tal função. Esperamos que este estudo sobre a construção “toma-te/lhe” abra espaços para pesquisa de cunho descritivo e particulares que possam oferecer sedimentos empíricos aos estudos funcionalistas, e registre a riqueza que é variedade linguística do povo da Amazônia.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, M. T. A construcionalização lexical SNLoc atributiva e sua instanciação no português. 2015. 213 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói, 2015.
- ARENA, A. B. Construcionalização do conector “daí que” em perspectiva funcional centrada no uso. 2015. 186 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói, 2015.
- BEAUGRANDE, R.A. *Functionality and textuality*. Wien: Universitäts Verlag, 1993.
- BYBEE, J.; THOMPSON, S. Three frequency effects in syntax. *Berkeley Linguistics Society* 23, 1997, p. 378-88.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JANDRA, R.; BRIAN, J. (orgs.). *Handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003a, p. 602-623.
- _____. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- _____. From usage to grammar: the mind's response to repetition. *Project MUSE – Scholarlyjournals* online, 2005, p. 711-30.
- CAMÕES, L. *Os Lusíadas*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- CARMO, Bougleux Bomjardim da Silva. *Os diversos sentidos do verbo “tomar”: uma questão de pistas e cenas partilhadas*. Travessias interativas. ISSN 2236-7403 N. 14, Vol. 7. São Cristóvão -SE, 2017.
- CASTILHO, A. T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 1997.
- CEMIM, Juliana; ANDRADE; Maria Eugênia Gonçalves de; NUNES, Vanessa. *Uma contribuição da prosódia de sentenças semanticamente ambíguas*. Work. Pap. Linguíst., 12 (2): 69-94, Florianópolis, 2011.
- CUENCA, M.J. & HILFERTY, J. *Introducción a la lingüística cognitiva*. Barcelona: Editora Ariel, S.A, 1999.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4.ed. revista pela nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- CUNHA, C. *Gramática do Português Contemporâneo*. Belo Horizonte: L&PM. 3ª Ed. Pocket, 2017.
- CUNHA, Maria Angélica Furtado da; TAVARES, Maria Alice. *Funcionalismo e ensino de gramática*. Edurfn. Natal, 2007.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. **Cognitive linguistics**. New York: Cambridge, 2004.

DAVIES, M. FERREIRA, M. *Corpus do Português: 45 milhões de palavras, 1300s-1900s*, 2006. Disponível online em <http://www.corpusdoportugues.org>.

DIK, S. C. *Functional grammar*. Dordrecht-Holland/ Cinnaminson: Foris Publications, 1979.

_____. *Advances in Functional Grammar*. Dordrecht: Foris Publications, 1983.

_____. Formal and semantic adjustment of derived constructions. In: BOLKESTEIN, A.M.; GROOT, C.; MACKENZIE, J.L. (eds.). *Predicates and terms in functional grammar*. Dordrecht-Holland/ Cinnaminson: Foris Publications, 1985.

_____. *The theory of functional grammar*. vols 1 e 2. ed, by HENGEVELD (Kees). Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1993.

_____. *The Theory of Functional Grammar*. Ed. By Kees Hengeveld. Part I – The Structure of the Clause (Functionation Grammar Series 21). Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997.

DU BOIS, J. Competing motivations. In: R. Tomlin. *Coherence and Grounding in discourse*. Amsterdam: Benjamins, [1985].1987.

_____. *Discourse and the ecology of grammar: strategy, grammaticization, and the locus*. Rice Symposium, ms, University of California: Santa Barbara, 1993.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira*. 3. Ed. - Curitiba: Positivo, 2004, 2019.

FIGARELLA, Jana. *Nada se compara. Lá vem Janaína*. 2007.

FURTADO DA CUNHA, M.A. A negação do português: uma perspectiva pancrônica. In: FURTADO DA CUNHA (org.) *Procedimentos discursivos na fala de Natal: uma abordagem funcionalista*. Natal (RN), EDUFRN, 2000.

FRIELD, M. A. Maximizing Land Cover Classification Accuracies Produced by Decision Trees at Continental to Global Scales. *IEEE Transactions on Geoscience and Remote Sensing*, v. 37, n. 2, p. 969-977, 2008..

GEBRUERS, Rudi. S.C. Simon C. Dik's Functional Grammar: A Pilgrimage to Prague? In: DIRVEN, R.; FRIED, V (Eds.). *Functionalism in linguistic*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1987.

GIVÓN, T. Historical syntax and synchronic morphology: an archaeologist ' field trip. *ChicagoLingusitic Society* 7: 394 –415, 1971.

- _____. From discourse to syntax: grammar as a processing strategy. In: GIVÓN, T. *Syntax and semantics: discourse and syntax*, v.12. Nova York: Academic Press, 1979.
- _____. T. *Syntax I*. Nova York: Academic Press, 1984.
- _____. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamin's, 1995.
- _____. *Syntax. An introduction*. Vol.1. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 2001.
- _____. Language structure and language function. In: LYONS, J. (ed.) *New horizons in linguistics*. Harmondsworth: Penguin, 1970.
- _____. The functional basis of language. In: BERNSTEIN, B. (ed.). *Class, codes and control*. London: Routledge and Kegan Paul, 1973.
- _____. The place of functional sentence perspective in the system of linguistic description. In: DĀNES, F. (ed.). *Papers on functional sentence perspective*. Prague: Academia Publishing House of the Czechoslovak Academy of Sciences, 1974.
- _____. *An introduction of functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.
- _____. **Syntax**: a functional-typological introduction. v. 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.
- _____. **Bio-Linguistics**: The Santa Barbara Lectures John Benjamins Publishing Company, Amsterdam, Philadelphia, 2002.
- GOLDBERG, A. E. **A construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- _____. Constructions: a new theoretical approach to language. *Trends in Cognitive Sciences*, v. 7, p. 219-224, 2004.
- _____. **Constructions at work**: The nature of generalization in language. New York: Oxford University Press, 2006.
- Goldberg AE , Casenhiser D. Aprendendo generalizações de estrutura argumentativa . In: EV Clark , BF Kelly , eds. Construções em Aquisição . Stanford : Publicações CSLI; 2010 , 185-204 .
- GONÇALVES, S.C.L. et al. Tratado Geral sobre gramaticalização. In: CASSEBGALVÃO, V. C.; LIMA-HERNADES, M.C.; GONÇALVES, S.C.L. **Introdução à gramaticalização**. São Paulo: Parábola, 2007. p. 15-66.
- HALLIDAY, M. Notes on transitivity and theme in English. *Journal of Linguistic*, v. 3, Parte I:p.37-81, 1967.

HEINE, B.; RECH, M. *Grammatical categories in African languages*. Hamburgo: Helmut Buske, 1984.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HEINE, B. On the role of context in grammaticalization. In: WISCHER, I.; DIEWALD, G. (Ed.). **New reflections on grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 2002. p.83-101.

HENGEVELD, K. (ed.). *Dik: the theory of functional grammar 2*. Berlin/New York: Mouton deGruyter, 1984.

_____. *The architecture of a functional discourse grammar*. Preliminary version. Amsterdam, 2000.

HENGEVELD, K. *Functional Discourse Grammar. A typologically based theory of language*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

_____. Layers and operators in Functional Grammar. *J. Linguistics*, n.25, p. 127-157, 1989.

HOPPER, P & THOMPSON, S.A. Transitivity in grammar and discourse. *Language*. V. 56(2), Baltimore, 251-99, 1980.

HOPPER, P & THOMPSON, S.A. The discourse basis for lexical categories in universal grammar. *Language* 60: 703-83, 1984.

HOPPER, Paul. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991, p. 17-35.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E.C. *Grammaticalization*. Cambridge University Press, 1993.

Houaiss, Antonio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2001, 2020.

ILARI, R. *Perspectiva funcional da frase portuguesa*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

JESUS, Lavínia Rodrigues de. *O uso do verbo tomar no português escrito dos séculos XIV, XVII e XX*. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades. Departamentos de Letras Vernáculas. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Fortaleza, 2014.

JESUS, Lilian Thais de. *Descrição de acepções do verbo tomar em dicionários de língua portuguesa: um estudo metalexográfico com base na teoria sentido-texto*.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre - RS, 2019.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. W. **Cognitive Grammar**: a basic introduction. Oxford University Press, 2008.

MACKENZIE, J. L. *What is functional grammar?* Comunicação apresentada no xx Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes. Zurique, Suíça, MS, 1992.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística**: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTINET, A. Qu'est-ce que la linguistique fonctionnelle? *ALFA*, V.38, P.11-18, 1994.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *A gramática*. História, teoria e análise, ensino. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

_____. A delimitação das unidades lexicais: o caso das construções com verbos-suporte. In _____: **A gramática**: história, teoria e análise, ensino. UNESP. São Paulo, 2004.

_____. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Ensino de língua e vivência de linguagem*. São Paulo: Contexto: 2010a.

_____. *Gramática funcional: interação, discurso e texto*. 1. Ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2022.

NUYTS, Johan. Cognitive linguistic and autonomous linguistic. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H (Eds.). *The oxford of cognitive linguistic*. Oxford: Oxford University Press, 2007, pp. 543-565.

OLIVEIRA, Cleiton Ribeiro e. *Tomei a liberdade de fazer este estudo: a multifuncionalidade do verbo tomar em uma amostra de fala da cidade de Goiás-GO*. Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina. Goiás, 2018.

OLIVEIRA, Luênisson Luís Mesquita de. **Análise de memes voltada para o ensino de Língua Portuguesa**. Trabalho de Conclusão de Curso. Programa de Letras da Universidade Federal do Oeste do Pará. Santarém, 2021.

OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. (Org.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj, 2015.

OLIVEIRA, M. R.; CEZARIO, M. M. (Org.). *Adverbiais: aspectos gramaticais e pressões discursivas*. Niterói: Ed. da UFF, 2012.

ORTEGA, Érica Fernanda. *A estrutura argumental preferida (eap) em diversas sincronias do português: um exercício de análise do verbo-suporte tomar no português arcaico*. Universidade Estadual de Maringá Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes Programa de Pós-Graduação em Letras. Maringá, 2010.

PENA-FERREIRA, Ediene. *Gramaticalização e auxiliaridade: um estudo pancrônico do verbo chegar*. 272 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

PEZATTI, E. G. O funcionalismo em lingüística. In: MUSSALIN, F. & BENTES, A.C. (orgs). *Introdução à Lingüística – Fundamentos Epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. As conclusivas no português falado. In: ABAURRE, M.B.; RODRIGUES, A. C. S. (Orgs.). *Gramática do português falado*. v.8. Campinas: Edunicamp, 2022, p. 185-225.

PRIDEAUX, G.D. Processing strategies: a psycholinguistic neofunctionalism? In: R. DIRVEN & FRIED (eds). *Functionalism in linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1987, p.297-308.

ROSÁRIO, I. C. Gramática, gramaticalização, construções e integração oracional: algumas reflexões, In: OLIVEIRA, M. R; ROSÁRIO, I. C. (orgs). **Linguística centrada no uso: teoria e método**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015, p. 36-50

ROSÁRIO; OLIVEIRA. Funcionalismo e Abordagem Construcional da Gramática. *Alfa*, São Paulo, 60 (2): 233-259, 2016.

SANTOS, A. R. *Metodologia científica: a construção do conhecimento*. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SANTOS, Elisângela Santana dos. *A polissemia do verbo “tomar” ao longo da história da língua portuguesa: um estudo à luz da lingüística cognitiva*. Sistema de Bibliotecas da UFBA. Salvador, 2011.

SILVA, Tarcilane Fernandes. *Um estudo semântico-enunciativo do verbo tomar no português brasileiro*. DLCV v.12, n.2. João Pessoa, 2016.

SAUSSURE. F. *Curso de lingüística geral*. 19 ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

TOMASELLO, Michael (Ed.). *The New Psychology of language: Cognitive and Functional Approaches to Lnguage*. Mahwah/London: Lawrence Erlbaum, 1998.

TEIXEIRA, A. C. M. A construção verbal marcadora discursiva VLocmd: uma análise funcional centrada no uso. 2015. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói, 2015.

_____. *Constructing a language: A Usage-based Theory of Language Acquisition*. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAUGOTT, E. C. Toward a coherent account of grammatical Constructionalization. In: BARÐDAL, J. et al. **Diacronic construction grammar**. Amesterdão: John Benjamins 2015. p. 51-79.

TRAUGOTT, E. The status of onset contexts in analysis of micro-changes. In: KYT, M.; KYTÖ, M. (Ed.). *English corpus linguistics: crossing paths*. Amsterdam: Rodopi, 2012. p.221-255.

TRAUGOTT, E. Toward a coherent account of grammatical constructionalization. In: BARÐDAL, J. et al. (Ed.). *Diachronic construction grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2015. p.51-80. (Constructional Approaches to Language, 18).

TRAUGOTT, E. C. "All that he endeavoured to prove was ...": on the emergence of grammatical constructions in dialogal and dialogic contexts. In: COOPER, R.; KEMPSON, R. (Ed.). *Language in flux: dialogue coordination, language variation, change and evolution*. London: Kings College Publications, 2008a. p. 143-177. Disponível em: <<http://web.stanford.edu/~traugott/resources/TraugottCooperKempson.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2023.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. (Ed.). *Variation, selection, development: probing the evolutionary model of language change*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008b. p.219-250.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TROUSDALE, G. A constructional approach to lexicalization processes in the history of English: evidence from possessive constructions. *Word Structure*, 2008. p. 156-177.

VASCONCELOS, A. P. D. **Dicionário homofonológico da língua portuguesa**. Porto, Figueirinhas, 1991.

WILSON, V.; MARTELOTTA, M. E. Arbitrariedade e iconicidade. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2009 p. 71-85.

XAVIER, M.F.; M.G. VICENTE; CRISPIM, M. L. (orgs). **Dicionário de Verbos Portugueses do Século 13**, Lisboa, Linha de Investigação 1 do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, 1999.

APÊNDICE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: Função semântico-lexical da expressão regional *toma-te* falado na cidade de Santarém-PA

Nome do Responsável: Luênisson Luís Mesquita de Oliveira (PPGL/UFOPA)

Orientadora: Profa. Dra. Ediene Pena Ferreira (UFOPA)

- 1) **Natureza da pesquisa:** *o sr. (sra.) está sendo convidado (a) a participar desta pesquisa que tem como finalidade observar usos acerca do item lexical tomar.*
- 2) **Participantes da pesquisa:** *5 participantes com nível superior em Letras; e 5 participantes com nível superior de outras áreas.*
- 3) **Envolvimento na pesquisa:** *ao participar deste estudo o sr. (sra.) permitirá que o mestrando Luênisson Luís Mesquita de Oliveira utilize os dados gerados para a realização do trabalho. O sr. (sra.) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para o sr. (sra.). Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do pesquisador do projeto.*
- 4) **Riscos e desconforto:** *a participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.*
- 5) **Confidencialidade:** *todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o (a) pesquisador (a) e o (a) orientador (a) terão conhecimento dos dados.*
- 6) **Benefícios:** *ao participar desta pesquisa o sr. (sra.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre o objeto de estudo em questão a nível regional, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa contribuir para*

a pesquisa na região oeste do Pará, em que pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.

- 7) **Pagamento:** *a sr. (sra.) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.*

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem.

Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Nome do (a) Participante da Pesquisa

Assinatura do (a) Participante da Pesquisa

Assinatura do Mestrando

Mestrando: Luênisson Luís Mesquita de Oliveira